

A Arte da Guerra

Sun Tzu

Sobre a avaliação.

Sun Tzu disse: a guerra é de vital importância para o Estado; é o domínio da vida ou da morte, o caminho para a sobrevivência ou a perda do Império: é preciso manejá-la bem. Não refletir seriamente sobre tudo o que lhe concerne é dar prova de uma culpável indiferença no diz respeito à conservação ou à perda do que nos é mais querido; e isso não deve ocorrer entre nós.

Há que valorá-la em termos de cinco fatores fundamentais, e fazer comparações entre diversas condições dos contentores, com vistas a determinar o resultado da guerra.

O primeiro desses fatores é a doutrina; o segundo, o tempo, o terceiro, o terreno, o quarto, o mando e o quinto, a disciplina.

A doutrina significa aquilo que faz com que o povo esteja em harmonia com seu governante, de modo que o siga onde esse for, sem temer por suas vidas, nem de correr qualquer perigo.

O tempo significa o Ying e o Yang, a noite e o dia, o frio e o calor, dias ensolarados ou chuvosos e a mudança das estações.

O terreno implica as distâncias, e faz referência onde é fácil ou difícil deslocar-se, se é em campo aberto ou lugares estreitos, e isto influencia as possibilidades de sobrevivência.

O mando há de ter como qualidades: sabedoria, sinceridade, benevolência, coragem e disciplina.

Por último, a disciplina há de ser compreendida como a organização do exército, as graduações e classes entre os oficiais, a regulação das rotas de mantimentos, e a provisão de material militar ao exército.

Estes cinco fatores fundamentais não de ser conhecidos por cada general. Aquele que os domina, vence; aquele que não, sai derrotado. Portanto, ao traçar os planos, há de comparar os seguintes sete fatores, valorando cada um com o maior cuidado:

- Qual dirigente é mais sábio e capaz?

- **Que comandante possui o maior talento?**
- **Que exército obtém vantagens da natureza e terreno?**
- **Em que exército se observam melhor as regulações e as instruções?**
- **Quais as tropas mais fortes?**
- **Que exército tem oficiais e tropas melhor treinadas?**
- **Que exército administra recompensas e castigos de forma mais justa?**

Mediante o estudo desses sete fatores, serás capaz de adivinhar qual dos dois grupos sairá vitorioso e qual será derrotado.

O general que siga meu conselho, é certo que vencerá. Esse general há de ser mantido na liderança. Aquele que ignorar meus conselhos, certamente será derrotado. E deve ser destituído. Além de prestar atenção a meus conselhos e planos, o general deve criar uma situação que contribua com seu cumprimento. Por situação quero dizer que deve levar em consideração a situação do campo, e atuar de acordo com o que lhe for vantajoso.

A arte da guerra se baseia no engano. Portanto, quando és capaz de atacar, debes aparentar incapacidade e, quando as tropas se movem, aparentar inatividade. Se estás perto do inimigo, debes fazê-lo crer que estás longe; se longe, aparentar que se está perto. Colocar iscas para atrair ao inimigo.

Golpear o inimigo quando está desordenado. Preparar-se contra ele quando está seguro em todas partes. Evitá-lo durante um tempo quando é mais forte. Se teu oponente tem um temperamento colérico, tente irritá-lo. Se é arrogante, trata de fomentar seu egoísmo.

Se as tropas inimigas se acham bem preparadas após uma reorganização, tenta desordená-las. Se estão unidas, semeia a dissensão entre suas filas. Ataca o inimigo quando não está preparado, e aparece quando não te espera. Estas são as chaves da vitória pela estratégia.

Agora, se as estimações realizadas antes da batalha indicam vitória, é porque os cálculos cuidadosamente realizados mostram que tuas condições são mais favoráveis que as condições do inimigo; se indicam derrota, é porque mostram que as condições favoráveis para a batalha são menores. Com uma avaliação cuidadosa, podes vencer; sem ela, não pode. Menos oportunidades de vitória terá aquele que não realiza cálculos em absoluto.

Graças a este método, se pode examinar a situação, e o resultado aparece claramente.

Sobre o princípio das ações.

Uma vez começada a batalha, ainda que estejas ganhando, se continuar por muito tempo, desanimará a tuas tropas e embotará tua espada. Se estás sitiando uma cidade, esgotarás tuas forças. se manténs teu exército durante muito tempo em campanha, teus mantimentos se esgotarão.

As armas são instrumentos de má sorte; empregá-las por muito tempo produzirá calamidades. Como se tem dito: "Os que a ferro matam, a ferro morrem." Quando tuas tropas estão desanimadas, tua espada embotada, esgotadas estão tuas forças e teus mantimentos são escassos, até os teus se aproveitarão de tua debilidade para sublevar- se. Então, ainda que tenhas conselheiros sábios, ao final não poderás fazer que as coisas saiam bem.

Por cauda disso, tem-se ouvido falar de operações militares que são torpes e repentinas, porém nunca se viu nenhum especialista na arte da guerra que mantivesse a campanha por muito tempo. Nunca é benéfico para um país deixar que uma operação militar se prolongue por muito tempo.

Como se diz comumente, seja rápido como o trovão que retumba antes de que tenhas podido tapar os ouvidos, veloz como o relâmpago que brilha antes de haver podido piscar.

Portanto, os que não são totalmente conscientes da desvantagem de servir-se das armas não podem ser totalmente conscientes das vantagens de utilizá-las.

Os que utilizam os meios militares com perícia não ativam suas tropas duas vezes, nem proporcionam alimentos em três ocasiões, com um mesmo objetivo.

Isto quer dizer que não se deve mobilizar ao povo mais de uma vez por campanha, e que imediatamente depois de alcançar a vitória não se deve regressar ao próprio país para fazer uma segunda mobilização. A principio isto significa proporcionar alimentos (para as próprias tropas), porém depois se tiram os alimentos ao inimigo.

Se ao invés de tomar os mantimentos e armas de teu próprio país, retirares do teu inimigo, estarás bem abastecido de armas e provisões.

Quando um país empobrece por causa das operações militares, isso se deve ao transporte de provisões de um lugar distante. Se as transportas desde um lugar distante, o povo empobrecerá.

Os que habitam próximo de onde está o exército podem vender suas colheitas a preços elevados, porém se acaba deste modo o bem-estar da maioria da população.

Quando se transportam as provisões muito longe, ocorre ruína por causa do alto custo. Nos mercados próximos ao exército, os preços das mercadorias aumentam. Portanto, as longas campanhas militares constituem uma ferida para o país.

Quando se esgotam os recursos, os impostos se arrecadam sob pressão. Quando o poder e os recursos se tenham esgotado, arruina-se o próprio país. O povo é privado de grande parte de seus produtos, enquanto os gastos do governo para armamentos se elevam.

Os habitantes constituem base de um país, os alimentos são a felicidade do povo. O príncipe deve respeitar este fato e ser sóbrio e austero em seus gastos públicos.

Em conseqüência, um general inteligente luta por desprover o inimigo de seus alimentos. Cada porção de alimentos tomados ao inimigo equivale a vinte que te forneces a ti mesmo.

Assim, pois, o que arrasa o inimigo é a imprudência e a motivação dos teus em fazer desaparecer os benefícios dos adversários.

Quando recompensas teus homens com os benefícios que ostentavam os adversários eles lutarão com iniciativa própria, e assim poderás tomar o poder e a influência que tinha o inimigo. É por isto que se diz que onde há grandes recompensas há homens valentes.

Por conseguinte, em batalha de carros, recompensa primeiro o que tomar ao menos dez carros.

Se recompensas a todo mundo, não haverá suficiente para todos; assim, pois, oferece uma recompensa a um soldado para animar a todos os demais. Troca suas cores (dos soldados inimigos feitos prisioneiros), utilize-os misturados aos teus. Trata bem os soldados e

presta-lhes atenção. Os soldados prisioneiros devem ser bem tratados, para conseguir que no futuro lutem para ti. A isto se chama vencer o adversário e incrementar por acréscimo em tuas próprias forças.

Se utilizas o inimigo para derrotar o inimigo, serás poderoso em qualquer lugar aonde fores.

Assim, pois, o mais importante em uma operação militar é a vitória e não a persistência. Esta última não é benéfica. Um exército é como o fogo: se não o apagas, se consumirá por si mesmo.

Portanto, sabemos que o que está à cabeça do exército está a cargo das vidas dos habitantes e da segurança da nação.

Sobre as proposições da vitória e a derrota.

Como regra geral, é melhor conservar a um inimigo intato que destruí-lo. Captura seus soldados para conquistá-los e dominas seus chefes.

Um General dizia: "Pratica as artes marciais, calcula a força de teus adversários, faz que percam seu ânimo e direção, de maneira que ainda estando intato o exército inimigo, fique imprestável: isto é ganhar sem violência. Se destruíres o exército inimigo e matares seus generais, assaltas suas defesas disparando, reúnes uma multidão e usurpas um território, tudo isto é ganhar pela força."

Por isto, os que ganham todas as batalhas não são realmente profissionais; os que conseguem que se rendam impotentes os exércitos alheios sem lutar, são os melhores mestres do Arte da Guerra.

Os guerreiros superiores atacam enquanto os inimigos estão projetando seus planos. Logo desfazem suas alianças.

Por isso, um grande imperador dizia: "O que luta pela vitória frente a espadas nuas não é um bom general." A pior tática é atacar uma cidade. Assediar, encurralar uma cidade só se leva a cabo como último recurso.

Emprega não menos de três meses em preparar teus artefatos e outros três para coordenar os recursos para teu assedio. Nunca se deve atacar por cólera e com pressa. é aconselhável tomar-se tempo na planificação e coordenação do plano.

Portanto, um verdadeiro mestre das artes marciais vence outras forças inimigas sem batalha, conquista outras cidades sem assediá-las e destrói outros exércitos sem empregar muito tempo.

Um mestre experiente nas artes marciais desfaz os planos dos inimigos, estropeia suas relações e alianças, corta os mantimentos ou bloqueia seu caminho, vencendo mediante estas táticas sem necessidade de lutar.

É imprescindível lutar contra todas as fações inimigas para obter uma vitória completa, de maneira que seu exército não fique aquartelado e o benefício seja total. Esta é a lei do assédio estratégico.

A vitória completa se produz quando o exército não luta, a cidade não é assediada, a destruição não se prolonga durante muito tempo, e em cada caso o inimigo é vencido pelo emprego da estratégia.

Assim, pois, a regra da utilização da força é a seguinte: se tuas forças são dez vezes superiores às do adversário, cerca-o; se são cinco vezes superiores, ataque-o; se são duas vezes superiores, divide-o.

Se tuas forças são iguais em número, luta se te é possível. Se tuas forças são inferiores, mantenha-te continuamente em guarda, pois a menor falha te acarretaria as piores conseqüências. Trata de manter-te ao abrigo e evita o quanto possível um enfrentamento aberto com ele; a prudência e a firmeza de um pequeno número de pessoas podem chegar a cansar e a dominar inclusive numerosos exércitos.

Este conselho se aplica nos casos em que todos os fatores são equivalentes. Se tuas forças estão em ordem enquanto que as do inimigo estão imersas no caos, se tu e tuas forças estão com ânimo e eles desmoralizados, então, mesmo que sejam mais numerosos, podes entrar em batalha. Se teus soldados, tuas forças, tua estratégia e teu valor são menores que as de teu adversário, então debes retirar-te e buscar uma saída.

Em conseqüência, se o bando menor é obstinado, cai prisioneiro do bando maior.

Isto quer dizer que se um pequeno exército não faz uma valoração adequada de seu poder e se atreve a se tornar inimigo de uma grande potência, por muito que sua defesa seja firme, inevitavelmente se converterá em conquistado. "Se não podes ser forte, porém tampouco sabes ser débil, serás derrotado." Os generais são servidores do Povo.

Quando seu serviço é completo, o Povo é forte. Quando seu serviço é defeituoso, o Povo é débil.

Assim, pois, existem três maneiras pelas quais um Príncipe leva o exército ao desastre. Quando um Príncipe, ignorando as ações, ordena avançar a seus exércitos ou retirar-se quando não devem fazê-lo; a isto se chama imobilizar o exército. Quando um Príncipe ignora os assuntos militares, porém compartilha em pé de igualdade o mando do exército, os soldados acabam confusos. Quando o Príncipe ignora como levar a cabo as manobras militares, porém compartilha por igual sua direção, os soldados estão vacilantes. Uma vez que os exércitos estão confusos e vacilantes, iniciam os problemas procedentes dos adversários. A isto se chama perder a vitória por transtornar o aspecto militar.

Se tentas utilizar os métodos de um governo civil para dirigir uma operação militar, a operação será confusa.

Triunfam aqueles que:

- **Sabem quando lutar e quando não.**
- **Sabem discernir quando utilizar muitas ou poucas tropas.**
- **Possuem tropas cujas categorias superiores e inferiores tem o mesmo objetivo.**
- **Enfrentam com preparativos os inimigos desprevenidos.**
- **Tem generais competentes e não limitados por seus governos civis.**
- **Estas cinco são as maneiras de conhecer o futuro vencedor.**

Falar que o Príncipe seja o que dá as ordens em tudo é como o General solicitar permissão ao Príncipe para poder apagar um fogo: quando for autorizado, já não restam senão cinzas.

Se conheces os demais e te conheces a ti mesmo, nem em cem batalhas correrás perigo; se não conheces os demais, porém te conheces a ti mesmo, perderás uma batalha e ganharás outra; se não conheces a os demais nem te conheces a ti mesmo, correrás perigo em cada batalha.

Sobre a medida na disposição dos meios.

Antigamente, os guerreiros especialistas se faziam a si mesmos invencíveis em primeiro lugar, e depois aguardavam para descobrir a vulnerabilidade de seus adversários.

Fazer-te invencível significa conhecer-te a ti mesmo; aguardar para descobrir a vulnerabilidade do adversário significa conhecer os demais.

A invencibilidade está em ti mesmo, a vulnerabilidade no adversário.

Por isto, os guerreiros especialistas podem ser invencíveis, porém não podem fazer que seus adversários sejam vulneráveis.

Se os adversários não tem ordem de batalha sobre o que informar-se, nem negligências ou falhas das quais aproveitar-se, como podes vence-los ainda que estejam bem providos? Por isto é pelo que se disse que a vitória pode ser percebida, porém não fabricada.

A invencibilidade é uma questão de defesa, a vulnerabilidade, uma questão de ataque.

Enquanto não tenhas observado vulnerabilidades na ordem de batalha dos adversários, oculta tua própria formação de ataque, e prepara-te para ser invencível, com a finalidade de preservar-te. Quando os adversários tem ordens de batalha vulneráveis, é o momento de sair e atacá-los.

A defesa é para tempos de escassez, o ataque para tempos de abundância.

Os especialistas em defesa se escondem nas profundezas da terra; os especialistas em manobras de ataque se escondem nas mais elevadas alturas do céu. Desta maneira podem proteger-se e lograr a vitória total.

Em situações de defesa, cales as vozes e elimine os cheiros, escondidos como fantasmas e espíritos sob terra, invisíveis para todo o mundo. Em situações de ataque, vosso movimento é rápido e vosso grito fulgurante, veloz como o trovão e o relâmpago, para que teus adversários não possam se preparar, mesmo que venham do céu.

Prever a vitória quando qualquer um pode conhecer não constitui verdadeira destreza. Todo mundo elogia a vitória ganha em batalha, porém essa vitória não é realmente tão boa.

Todos elogiam a vitória na batalha, porém o verdadeiramente desejável é poder ver o mundo do sutil e dar-te conta do mundo do

oculto, até o ponto de ser capaz de alcançar a vitória onde não exista forma.

Não requer muita força para levantar um cabelo, não é necessário ter uma vista aguda para ver o sol e a lua, nem se necessita ter muito ouvido para escutar o retumbar do trovão.

O que todo mundo conhece não se chama sabedoria; a vitória sobre os demais obtida por meio da batalha não se considera uma boa vitória.

Na antigüidade, os que eram conhecidos como bons guerreiros venciam quando era fácil vencer.

Se só és capaz de assegurar a vitória depois de enfrentar um adversário em um conflito armado, essa vitória é uma dura vitória. Se fores capaz de ver o sutil e de dar-te conta do oculto, irrompendo antes do ordem de batalha, a vitória assim obtida é um vitória fácil.

Em consequência, as vitórias dos bons guerreiros se destacam por sua inteligência ou sua bravura. Assim, pois, as vitórias que ganham em batalha não são devidas à sorte. Suas vitórias não são casualidades, senão que são devidas a ter-se situado previamente em posição de poder ganhar com seguridade, impondo-se sobre os que já tinham perdido de antemão.

A grande sabedoria não é algo óbvio, o mérito grande não se anuncia. Quando és capaz de ver o sutil, é fácil ganhar; que tem isto que ver com a inteligência ou a bravura? Quando se resolvem os problemas antes de que surjam, quem chama isto inteligência? Quando há vitória sem batalha, quem fala de bravura?

Assim, pois, os bons guerreiros tomam posição em um terreno no que não podem perder, e não passam por alto as condições que fazem a seu adversário inclinar-se à derrota.

Em consequência, um exército vitorioso ganha primeiro e inicia a batalha depois; um exército derrotado luta primeiro e tenta obter a vitória depois.

Esta é a diferença entre os que tem estratégia e os que não tem planos premeditados.

Os que utilizam boas armas cultivam o Caminho e observam as leis. Assim podem governar prevalecendo sobre os corruptos.

Servir-se da harmonia para desvanecer a oposição, não atacar um exército inocente, não fazer prisioneiros ou tomar saques por onde passa o exército, não cortar as árvores nem contaminar os poços, limpar e purificar os templos das cidades e montanhas do caminho que atravessas, não repetir os erros de uma civilização decadente, a tudo isto se chama o Caminho e suas leis.

Quando o exército está estritamente disciplinado, até o ponto em que os soldados morreriam antes que desobedecer as ordens, e as recompensas e os castigos merecem confiança e estão bem estabelecidos, quando os chefes e oficiais são capazes de atuar desta forma, podem vencer a um Príncipe inimigo corrupto.

As regras militares são cinco: medição, valoração, cálculo, comparação e vitória. O terreno dá lugar as medições, estas dão lugar a as valorações, as valorações aos cálculos, estes às comparações, e as comparações dão lugar a as vitórias.

Mediante comparações das dimensões podes conhecer onde há vitória ou derrota.

Em consequência, um exército vitorioso é como um quilo comparado a um grama; um exército derrotado é como um grama comparado a um quilo.

Quando o que ganha consegue que seu povo vá à batalha como se estivesse dirigindo uma grande corrente de água ao longo de um cânion profundo, isto é uma questão de ordem de batalha.

Quando o água se acumula em um cânion profundo, ninguém pode medir sua quantidade, o mesmo que nossa defesa não mostra sua forma. Quando se solta o água, se precipita para baixo como um torrente, de maneira tão irresistível como nosso próprio ataque.

Sobre a firmeza.

A força é a energia acumulada ou a que se percebe. Isto é muito mutável. Os especialistas são capazes de vencer o inimigo criando uma percepção favorável neles, assim obter a vitória sem necessidade de exercer sua força.

Governar sobre muitas pessoas como se fossem poucas é uma questão de dividi-las em grupos ou setores: é organização. Batalhar contra um

grande número de tropas como se fossem poucas é uma questão de demonstrar força, símbolos e sinais.

Refere-se a conseguir uma percepção de força e poder na oposição. No campo de batalha se refere às formações e bandeiras utilizadas para organizar as tropas e coordenar seus movimentos.

Conseguir que o exército seja capaz de combater contra o adversário sem ser derrotado é uma questão de empregar métodos ortodoxos ou heterodoxos.

A ortodoxia e a heterodoxia não são elementos fixo, senão que se utilizam como um ciclo. Um imperador que foi um famoso guerreiro e administrador, falava de manipular as percepções dos adversários sobre o que é ortodoxo e heterodoxo, e depois atacar inesperadamente, combinando ambos métodos até convertê-lo em um, tornando-se quase assim indefinível para o inimigo.

Que o efeito das forças seja como o de pedras arrojadas sobre ovos, é uma questão de cheio e vazio.

Quando induzes os adversários a atacar-te em teu território, sua força sempre está vazia (em desvantagem); enquanto que não competes no que são melhores, tua força sempre estará cheias. Atacar com o vazio contra o cheio é como arrojar pedras sobre ovos: de certeza se quebram.

Quando se inicia uma batalha de maneira direta, a vitória se ganha por surpresa.

O ataque direto é ortodoxo. O ataque indireto é heterodoxo.

Só há duas classes de ataques na batalha: o extraordinário por surpresa e o direto ordinário, porém suas variantes são inumeráveis. O ortodoxo e o heterodoxo se originam reciprocamente, como um círculo sem começo nem fim; quem poderia esgotá-los?

Quando a velocidade do água que flui alcança o ponto em que pode mover as pedras, esta é a força direta. Quando a velocidade e manobrabilidade do falcão é tal que pode atacar e matar, isto é precisão. O mesmo ocorre com os guerreiros especialistas: sua força é rápida, sua precisão certa. Sua força é como disparar uma catapulta, sua precisão é dar no objetivo previsto e causar o efeito esperado.

A desordem chega da ordem, a covardia surge do valor, a debilidade brota da força.

Se queres fingir desordem para convencer a teus adversários e distraí-los, primeiro tens que organizar o ordem, porque só então podes criar um desordem artificial. Se queres fingir covardia para conhecer a estratégia dos adversários, primeiro tens que ser extremadamente valente, porque só então podes atuar como tímido de maneira artificial. Se queres fingir debilidade para induzir a arrogância em teus inimigos, primeiro debes ser extremadamente forte porque só então podes pretender ser débil.

A ordem e a desordem são uma questão de organização; a covardia é uma questão valentia e de ímpeto; a força e a debilidade são uma questão da formação na batalha.

Quando um exército tem a força do ímpeto (percepção), inclusive o tímido se torna valente, quando perda força do ímpeto, inclusive o valente se converte em tímido. Nada está fixado nas leis da guerra: estas se desenvolvem sobre a base do ímpeto.

Com astúcia se pode antecipar e conseguir que os adversários se convençam a si mesmos como proceder e mover-se; ajuda-os a caminhar pelo caminho que lhes traça. Faz mover-se os inimigos com a perspectiva do triunfo, para que caiam na emboscada.

Os bons guerreiros buscam a efetividade na batalha a partir da força do ímpeto (percepção) e não dependem só da força de seus soldados. são capazes de escolher a melhor gente, empregá-los adequadamente e deixar que a força do ímpeto logre seus objetivos.

Quando há entusiasmo, convicção, ordem, organização, recursos, compromisso dos soldados, tens a força do ímpeto, e o tímido é valoroso. Assim é possível determines os soldados por suas capacidades, habilidades e encomendar-lhes deveres e responsabilidades adequadas. O valente pode lutar, o cuidadoso pode fazer sentinela, e o inteligente pode estudar, analisar e comunicar. Cada qual é útil.

Fazer que os soldados lutem permitindo que a força do ímpeto faça seu trabalho é como fazer rodar rocas. As rocas permanecem imóveis quando estão em um lugar plano, porém giram em um plano inclinado; ficam fixas quando são quadradas, porém giram se são redondas. Portanto, quando se conduz os homens à batalha com

astúcia, o impulso é como rocas redondas que se precipitam montanha abaixo: esta é a força que produz a vitória.

Sobre o cheio e o vazio.

Os que antecipam, se preparam e chegam primeiro ao campo de batalha e esperam ao adversário estão em posição descansada; os que chegam por último ao campo de batalha, os que improvisam e iniciam luta acabam esgotados.

Os bons guerreiros fazem com que os adversários venham a eles, e de nenhum modo se deixam atrair fora de sua fortaleza.

Se fazes com que os adversários venham a ti para combater, tua força estará sempre vazia. Se não saís a combater, tua força estará sempre cheia. Esta é a arte de esvaziar os demais e de encher-te a ti mesmo.

O que impulsiona os adversários a vir até a ti por própria decisão é a perspectiva de ganhar. O que desanima os adversários de ir até a ti é a probabilidade de sofrer danos.

Quando os adversários estão em posição favorável, deves cansá-los. Quando estão bem alimentados, cortar os mantimentos. Quando estão descansando, fazer que se ponham em movimento.

Ataca inesperadamente, fazendo que os adversários se esgotem correndo para salvar suas vidas. Interrompe suas provisões, arrasa seus campos e corta suas vias de aprovisionamento. Aparece em lugares críticos e ataca donde menos se o esperem, fazendo que tenham que acudir ao resgate.

Aparece onde não possam ir, dirige-te até onde menos esperem. Para deslocar-te centenas de quilômetros sem cansaço, atravessa terras despovoadas.

Atacar um espaço aberto não significa só um espaço em que o inimigo não tem defesa. Enquanto sua defesa não seja estrita - o lugar não esteja bem guardado -, os inimigos se dispersarão ante ti, como se estivesses atravessando um território despovoado.

Para tomar infalivelmente o que atacas, ataca donde não há defesa. Para manter uma defesa infalivelmente segura, defende onde não há ataque.

Assim, no caso dos que são especialistas em ataque, seus inimigos não sabem por onde atacar.

Quando se cumprem as instruções, as pessoas são sinceramente leais e comprometidas, os planos e preparativos para a defesa implantados com firmeza, sendo tão sutil e reservado que não se revelam as estratégias de nenhuma forma, e os adversários se sentem inseguros, e sua inteligência não lhes serve para nada.

Sê extremadamente sutil, discreto, até o ponto de não ter forma. Sê completamente misterioso e confidencial, até o ponto de ser silencioso. De esta maneira poderás dirigir o destino de teus adversários.

Para avançar sem encontrar resistência, arremete por seus pontos débeis. Para retirar-te de maneira esquiva, sé mais rápido que eles.

As situações militares se baseiam na velocidade: chega como o vento, mova-te como o relâmpago, e os adversários não poderão vencer- te.

Portanto, quando queiras entrar em batalha, inclusive se o adversário está entrincheirado em posição defensiva, não poderá evitar lutar se atacas no lugar no que deve acudir irremediavelmente ao resgate.

Quando não queiras entrar em batalha, inclusive se traças uma linha no terreno que queres conservar, o adversário não pode combater contigo porque lhe dás uma falsa pista.

Isto significa que quando os adversários chegam para atacar- te, não lutas com eles, senão que estabelececes um mudança estratégica para confundi-los e enchê-los de incertezas.

Por conseguinte, quando induzes outros a efetuar uma formação, enquanto tu mesmo permaneces sem forma, estás concentrado, enquanto que teu adversário está dividido.

Faz que os adversários vejam como extraordinário o que é ordinário para ti; faz que vejam como ordinário o que é extraordinário para ti. Isto é induzir ao inimigo a efetuar uma formação. Uma vez vista a formação do adversário, concentras tuas tropas contra ele. Como tua formação não está à vista, o adversário dividirá seguramente suas forças.

Quando estás concentrado formando uma só força, enquanto o inimigo está dividido em dez, estás atacando uma concentração de um contra dez, assim tuas forças superam a as suas.

Se podes atacar a uns poucos soldados com muitos, desanimarás o número de teus adversários.

Quando estás fortemente entrincheirado, estás forte atrás de boas barricadas, e não deixas filtrar nenhuma informação sobre tuas forças, sai fora sem formação precisa, ataca e conquista de maneira irrestrita.

Não devem conhecer onde pensas liberar a batalha, porque quando não se conhece, o inimigo destaca muitos postos de vigilância, e no momento que se estabelecem numerosos postos só tens que combater contra pequenas unidades.

Assim, pois, quando sua vanguarda está preparada, sua retaguarda é defeituosa, e quando sua retaguarda está preparada, sua vanguarda apresenta pontos débeis.

As preparações de sua ala direita significarão carência em sua ala esquerda. As preparações por todas partes significará ser vulnerável por todas partes.

Isto significa que quando as tropas estão de guarda em muitos lugares, estão forçosamente espalhadas em pequenas unidades.

Quando se dispõe de poucos soldados se está na defensiva contra o adversário o que dispõe de muitos faz que o inimigo tenha que defender-se.

Quantas mais defesas induzes a adotar a teu inimigo, mais debilitado ficará.

Assim, se conheces o lugar e a data da batalha, podes acudir a ela mesmo que estejas a mil quilômetros de distância. Se não conheces o lugar e a data da batalha, então teu flanco esquerdo não pode salvar ao direito, tua vanguarda não pode salvar a tua retaguarda, e tua retaguarda não pode salvar a tua vanguarda, nem mesmo em um território de umas poucas dezenas de quilômetros.

Se tens muitas mais tropas que os demais, como pode ajudar-te este fator para obter a vitória?

Se não conheces o lugar e a data da batalha, mesmo que tuas tropas sejam mais numerosas que as deles, como podes saber se vais ganhar ou perder?

Assim, pois, se disse que a vitória pode ser criada.

Se fazes que os adversários não saibam o lugar e a data da batalha, sempre podes vencer.

Inclusive se os inimigos são numerosos, pode fazer-se que não entrem em combate.

Portanto, faz tua valoração sobre eles para averiguar seus planos, e determinar que estratégia pode ter êxito e qual no. Incita-os à ação para descobrir qual é o esquema geral de seus movimentos e descansa.

Faz algo por ou contra eles para ter sua atenção, de maneira que possas atraí-los descobrir seus hábitos de comportamento de ataque e de defesa.

Induza-os a adotar formações específicas, para conhecer seus pontos fracos.

Isto significa utilizar muitos métodos para confundir e perturbar o inimigo com o objetivo de observar suas formas de resposta para ti; depois de tê-las observado, aja em consequência, de maneira que podes saber que classe de situações significam vida e quais significam morte.

Teste-os para averiguar seus pontos fortes e seus pontos débeis. Portanto, o ponto final da formação de um exército é chegar a não forma. Quando não tens forma, os informadores não podem descobrir nada, já que a informação não pode criar uma estratégia.

Uma vez que não tens forma perceptível, não deixas pegadas que possam ser seguidas, os informadores não encontram nenhuma fresta por onde olhar e os que estão a cargo da planificação não podem estabelecer nenhum plano realizável.

A vitória sobre multidões mediante formações precisas deve ser desconhecida das multidões. Todo mundo conhece a forma que resultou em vencedor, porém ninguém conhece a forma que assegurou a vitória.

Em consequência, a vitória na guerra não é repetitiva, senão que adapta sua forma continuamente.

Determinar as mudanças apropriadas, significa não repetir as estratégias prévias para obter a vitória. Para consegui-la, posso adaptar-me desde o principio a qualquer formação que os adversários possam adotar.

As formações são como o água: a natureza do água é evitar o alto e ir para baixo; a natureza dos exércitos é evitar o cheio e atacar o vazio; o fluxo do água está determinado pela terra; a vitória vem determinada pelo adversário.

Assim, pois, um exército não tem formação constante, o mesmo que o água não tem forma constante: se chama gênio à capacidade de obter a vitória cambiando e adaptando-se segundo o inimigo.

Sobre o enfrentamento direto e indireto.

A regra ordinária para o uso do exército é que o mando do exército receba ordens das autoridades civis e depois reúne e concentra a as tropas, aquartelando-as juntas. Nada é mais difícil que a luta armada.

Lutar com outros cara a cara para conseguir vantagens é o mais árduo do mundo.

A dificuldade da luta armada é fazer próximas as distâncias e converter os problemas em vantagens.

Enquanto dás a aparência de estar muito longe, começa teu caminho e chegas antes que o inimigo.

Portanto, fazes que sua rota seja larga, atraindo-o com a esperança de ganhar. Quando empreendes a marcha depois que os outros e chegas antes que eles, conheces a estratégia de fazer que as distâncias sejam próximas.

Sirva-te de uma unidade especial para enganar ao inimigo atraindo-o a uma falsa persecução, fazendo-o crer que o grosso de tuas forças está muito longe; então, lanças uma força de ataque surpresa que chega antes, ainda que tenhas começado o caminho depois.

Por conseguinte, a luta armada pode ser proveitosa e pode ser perigosa.

Para o especialista é proveitosa, para o inexperiente, perigosa.

Mobilizar todo o exército para o combate para obter alguma vantagem tomaria muito tempo, porém combater por uma vantagem com um exército incompleto teria como resultado uma falta de recursos.

Se te mobilizas rapidamente e sem parar dia e noite, recorrendo o duplo da distancia habitual, e se lutas por obter alguma vantagem a milhares de quilômetros, teus chefes militares serão feitos prisioneiros. os soldados que sejam fortes chegarão ali primeiro, os mais cansados chegarão depois - como regra geral, só o conseguirá um de cada dez.

Quando a rota é larga as tropas se cansam; se gastaram sua força na mobilização, chegam esgotadas enquanto que seus adversários estão frescos. Assim, pois, é seguro que serão atacadas.

Combater por uma vantagem a cinquenta quilômetros de distância frustrará os planos do mando, e, como regra geral, só a metade dos soldados o farão.

Se combates para obter uma vantagem a trinta quilômetros de distancia, só dois de cada três soldados os recorrerão.

Assim, pois, um exército parece se não está equipado, se não tem provisões ou se não tem dinheiro.

Estas três coisas são necessárias: não podes combater para ganhar com um exército não equipado, ou sem provisões, o que o dinheiro facilita.

Portanto, se ignoras os planos de teus rivais, não podes fazer alianças precisas.

A menos que conheças as montanhas e os bosques, os desfiladeiros e os passos, e a condição dos pântanos, não podes manobrar com uma força armada. A menos que utilizes guias locais, não podes aproveitar-te das vantagens do terreno.

Só quando conheces cada detalhe da condição do terreno podes manobrar e guerrear.

Por conseguinte, uma força militar se usa segundo a estratégia prevista, se mobiliza mediante a esperança de recompensa, e se adapta mediante a divisão e a combinação.

Uma força militar se estabelece mediante a estratégia no sentido de que distraias ao inimigo para que não possa conhecer qual é tua situação real e não possa impor sua supremacia. Se mobiliza mediante a esperança de recompensa, no sentido de que entra em ação quando vê a possibilidade de obter uma vantagem. Dividir e tornar a fazer combinações de tropas se fazes para confundir ao adversário e observar como reage frente a ti; de esta maneira podes adaptar-te para obter a vitória.

Por isto, quando uma força militar se move com rapidez é como o vento; quando vai lentamente é como o bosque; é voraz como o fogo e imóvel como as montanhas.

É rápida como o vento no sentido que chega sem avisar e desaparece como o relâmpago. É como um bosque porque tem um ordem. é voraz como o fogo que devasta uma planície sem deixar para trás sequer um ramo de erva. é imóvel como uma montanha quando se aquartela.

É tão difícil de conhecer como a escuridão; seu movimento é como um trovão que retumba.

Para ocupar um lugar, divide a tuas tropas. Para expandir teu território, divide benefícios.

A regra geral das operações militares é desprover de alimentos ao inimigo tudo o que se possa. Em localidades onde as gentes não têm muito, é necessário dividir às tropas em grupos pequenos para que possam tomar em diversas partes o que necessitam, já que só assim terão suficiente.

Quanto a dividir o saque, significa que é necessário reparti-lo entre as tropas para guardar o que foi conquistado, não deixando que o inimigo o recupere.

Age depois de ter feito estimativas. Ganha o que conhece primeiro a medida do que está longe e o que está próximo: esta é a regra geral da luta armada.

O primeiro que faz o movimento é o "convidado", o último é o "anfitrião". O "convidado" o tem difícil, o "anfitrião" o tem fácil". Perto e longe significam deslocamento: o cansaço, a fome e frio surgem do deslocamento.

Um antigo livro que trata de assuntos militares disse: "As palavras não são escutadas, por isso se fazem os símbolos e os tambores. As bandeiras e os estandartes se fazem por causa da ausência de visibilidade." Símbolos, tambores, bandeiras e estandartes se utilizam para concentrar e unificar os ouvidos e os olhos dos soldados. Uma vez que estão unificados, o valente não pode atuar só, nem o tímido pode retirar-se solo: esta é a regra geral do emprego de um grupo.

Unificar os ouvidos e os olhos dos soldados significa fazer que olhem e escutem em uníssono de maneira que não caiam na confusão e desordem. Há sinais se utilizam para indicar direções e impedir que os indivíduos vão onde bem quiserem.

Assim, pois, em batalhas noturnas, utiliza fogos e tambores, e em batalhas diurnas sirva-te de bandeiras e estandartes, para controlar os ouvidos e os olhos dos soldados.

Utiliza muitas sinais para confundir as percepções do inimigo e fazer-lhe temer teu temível poder militar.

Desta forma, fazes desaparecer a energia de seus exércitos e desmoralizas a seus generais.

Em primeiro lugar, deves ser capaz de manter-te firme em teu próprio coração; só então podes desmoralizar a os generais inimigos. Por isto, a tradição afirma que os habitantes de outros tempos tinham a firmeza para desmoralizar, e a antiga lei dos que conduziam carros de combate dizia que quando a mente original é firme, a energia fresca é vitoriosa.

Deste modo, a energia da manhã está cheia de ardor, a do meio-dia decai e a energia da noite se retira; em consequência, os especialistas no manejo das armas preferem a energia entusiasta, atacam a decadente e a que se bate em retirada. São eles os que dominam a energia.

Qualquer débil no mundo se dispõe a combater em um minuto caso se sinta animado, porém quando se trata realmente de tomar as armas e de entrar em batalha, é possuído pela energia; quando esta energia se desvanece, deter-se-á, estará assustado e se arrependerá de haver começado.

Utilizar a ordem para enfrentar a desordem, utilizar a calma para enfrentar-se com os que se agitam, isto é dominar o coração.

A menos que teu coração esteja totalmente aberto e tua mente em ordem, não podes esperar ser capaz de adaptar-te a responder sem limites, a manejar os acontecimentos de maneira infalível, a enfrentar dificuldades graves e inesperadas sem te perturbar, dirigindo cada coisa sem confusão.

Dominar a força é esperar os que vêm de longe, aguardar com toda comodidade os que se tenham fatigado, e com o estômago saciado os famintos.

Isto é o que se quer dizer quando se fala em atrair a outros até onde estás, ao tempo que evitas ser induzido a ir até onde eles estejam.

Evitar a confrontação contra formações de combate bem ordenadas e não atacar grandes batalhões constitui o domínio da adaptação.

Portanto, a regra geral das operações militares é não enfrentar uma grande montanha nem opor-se ao inimigo de costas a esta.

Isto significa que se os adversários estão em um terreno elevado, não debes atacar-lhes costa acima, e que quando efetuam uma carga costa abaixo, não debes fazer-lhes frente.

Não persigas os inimigos quando finjam uma retirada, nem ataques tropas experientes.

Se os adversários fogem de repente antes de esgotar sua energia, seguramente há emboscadas esperando para atacar tuas tropas; neste caso, debes reter a teus oficiais para que não se lancem em sua perseguição.

Não consumas a comida de seus soldados.

Se o inimigo abandona de repente suas provisões, estas devem ser provadas antes de ser comidas, porque podem estar envenenadas.

Não detenhas nenhum exército que esteja em caminho a seu país.

Sob estas circunstâncias, um adversário lutará até a morte. Há que deixar-lhe uma saída a um exército cercado.

Mostra-lhes uma maneira de salvar a vida para que não estejam dispostos a lutar até a morte, e assim poderás aproveitar para atacar-lhes.

Não pressiones um inimigo desesperado.

Um animal esgotado seguirá lutando, pois essa é a lei da natureza.

Estas são as leis das operações militares.

Sobre as nove mudanças.

No geral, as operações militares estão sob ordens do governante civil para dirigir ao exército.

O General não deve erguer seu acampamento em terreno difícil. Deixa que se estabeleçam relações diplomáticas nas fronteiras. Não permaneças em um território árido nem isolado.

Quando te achas em terreno fechado, prepara alguma estratégia e mova-te. Quando te achares em terreno mortal, luta.

Terreno fechado significa que existem lugares escarpados que te rodeiam por todas partes, de maneira que o inimigo tem mobilidade, que pode chegar e ir-se com liberdade, porém a ti é difícil sair e voltar.

Cada rota deve ser estudada para que seja a melhor. Há rotas que não debes usar, exércitos que não devem de ser atacados, cidades que não devem ser sitiadas, terrenos sobre os que não se deve combater, e ordens de governantes civis que não devem ser obedecidas.

Em conseqüência, os generais que conhecem as variáveis possíveis para aproveitar-se do terreno sabem como manejar as forças armadas. Se os generais não sabem como adaptar-se de maneira vantajosa, mesmo que conheçam a condição do terreno, não podem aproveitar-se dele.

Se estão ao mando de exércitos, porém ignoram as artes da total adaptabilidade, mesmo que conheçam o objetivo a lograr, não podem fazer que os soldados lutem por ele.

Se és capaz de ajustar a campanha de modo que mude conforme ao ímpeto das forças, então a vantagem não muda, e os únicos que são prejudicados são os inimigos. Por esta razão, não existe uma estrutura permanente. Se podes compreender totalmente este principio, podes fazer que os soldados atuem na melhor forma possível.

Portanto, as considerações da pessoa inteligente sempre incluem o analisar objetivamente o benefício e o prejuízo. Quando considera o

benefício, sua ação se expande; quando considera o dano, seus problemas podem resolver-se.

O benefício e o dano são interdependentes, e os sábios os tem em conta.

Por isso, o que retira os adversários é o dano, o que os mantém ocupados é a ação, e o que lhes motiva é o benefício.

Cansa os inimigos mantendo-os ocupados e não deixando-lhes respirar. Porém antes logrará-lo, tens que realizar previamente tu própria labor. Esse trabalho consiste em desenvolver um exército forte, um povo próspero, uma sociedade harmoniosa e uma maneira ordenada de viver.

Assim, pois, a norma geral das operações militares consiste em não contar com que o inimigo não acuda, senão confiar em ter os meios de enfrentá-lo; não contar com que o adversário não ataque, senão confiar em possuir o que não pode ser atacado.

Se podes recordar sempre o perigo quando estás a salvo e o caos em tempos de ordem, permanece atento ao perigo e ao caos enquanto não tenham todavia forma, e evita-os antes de que se apresentem; esta é a melhor estratégia de todas.

Por isto, existem cinco riscos que são perigosos nos generais. Os que estão dispostos a morrer, podem perder a vida; os que querem preservar a vida, podem ser feitos prisioneiros; os que são dados a apaixonamentos irracionais, podem ser ridiculizados; os que são muito puritanos, podem ser desonrados; os que são compassivos, podem ser perturbados.

Se te apresentas em um lugar que com toda segurança os inimigos se precipitarão a defender, as pessoas compassivas se apressarão invariavelmente a resgatar seus habitantes, causando a si mesmas problemas e cansaço.

Estes são cinco riscos que constituem defeitos nos generais e que são desastrosos para as operações militares.

Os bons generais são diferentes: comprometem-se até a morte, porém não se aferram à esperança de sobreviver; atuam de acordo com os acontecimentos, em forma racional e realista, sem deixar-se levar por as emoções nem estar sujeitos a ficar confusos. Quando vêm uma boa oportunidade, são como tigres, em caso contrário cerram suas portas.

Sua ação e sua não ação são questões de estratégia, e não podem ser agradados nem aborrecidos.

Sobre a distribuição dos meios.

As manobras militares são o resultado dos planos e estratégias na maneira mais vantajosa para ganhar. Determinam a mobilidade e eficiência das tropas.

Se vais colocar teu exército em posição de observar ao inimigo, atravessa rápido as montanhas e vigia-os de um vale.

Considera o efeito da luz e mantenha-te na posição mais elevada do vale. Quando combatares numa montanha, ataca de cima para baixo, e não o contrário.

Combate estando costa abaixo e nunca costa acima. Evita que a água divida tuas forças, afasta-te das condições desfavoráveis o quanto antes. Não enfrentes os inimigos dentro da água; é conveniente deixar que passem a metade de suas tropas e nesse momento dividi-las e atacá-las.

Não te situes rio abaixo. Não caminhes contra da corrente, nem em contra o vento.

Se acampas na ribeira de um rio, teus exércitos podem ser surpreendidos de noite, empurrados para se afogar ou se lhes pode colocar veneno na corrente. Tuas barcas não devem ser amarradas corrente abaixo, para impedir que o inimigo aproveite a corrente lançando seus barcos contra ti. Se atravessa pântanos, faça-o rapidamente. se te encontras frente a um exército em meio de um pântano, permanece próximo de suas plantas aquáticas ou respaldado pelas árvores.

Em uma planície, toma posições que sejam fáceis de manobrar, mantendo as elevações do terreno atrás e a tua direita, estando as partes mais baixas diante e as mais altos atrás.

Geralmente, um exército prefere um terreno elevado e evita um terreno baixo, aprecia a luz e detesta a escuridão.

Os terrenos elevados são estimulantes, e portanto, a gente se acha a gosto em eles; ademais são convenientes para adquirir a força do

ímpeto. Os terrenos baixos são úmidos, o qual provoca enfermidades e dificulta o combate.

Cuida da saúde física de teus soldados com os melhores recursos disponíveis.

Quando não existe a enfermidade em um exército, se disse que este é invencível.

Onde haja montículos e terraplanos, situa-te em seu lado ensolarado, mantendo-os sempre a tua direita e atrás.

Colocar-se na melhor parte do terreno é vantajoso para uma força militar.

A vantagem em uma operação militar consiste na aproveitar-se de todos os fatores benéficos do terreno.

Quando chove, rio acima a corrente traz consigo a espuma, se queres cruzá-lo, espera a que acalme.

Sempre que um terreno apresente barrancos infranqueáveis, lugares fechados, armadilhas, riscos, grutas e prisões naturais, debes abandoná-lo rapidamente e não te aproximes dele. No que me concerne, sempre me mantenho distante destes acidentes do terreno, de maneira que os adversários estejam mais perto que eu deless; dou a face a estes acidentes, de maneira que fiquem às costas do inimigo.

Então estás em situação vantajosa, e ele tem condições desfavoráveis.

Quando um exército se está deslocando, se atravessa territórios montanhosos com muitas correntes de água e poços, ou pântanos cobertos de juncos, ou bosques virgens cheios de árvores e vegetação, é imprescindível esquadrinha-los totalmente e com cuidado, já que estes lugares ajudam nas emboscadas e a os espiões.

É essencial descer do cavalo e esquadrinhar o terreno, pois podem existir tropas escondidas para tentar uma emboscada. Também pode ser que haja espiões à espreita observando-te e escutando tuas instruções e movimentos.

Quando o inimigo está perto, permanece calmo, queres dizer que se achas em posição forte. Quando está longe porém tenta provocar

hostilidades, queres que avances. Se, ademais, sua posição é acessível, isso queres dizer que lhe é favorável.

Se um adversário não conserva a posição que lhe é favorável pelas condições do terreno e se situa em outro lugar conveniente, deve ser porque existe alguma vantagem tática para agir desta maneira.

Se as árvores se movem, é que o inimigo se está aproximando. Se há obstáculos entre os brejos, é que tomaste um mal caminho.

A idéia de pôr muitos obstáculos entre os matos é fazer-te pensar que existem tropas emboscadas escondidas em meio de ela.

Se os pássaros alçam o vôo, há tropas emboscadas no lugar. se os animais estão assustados, existem tropas atacantes. Caso se elevem colunas de pó altas e espessas, há carros que se estão aproximando; se são baixas e largas, aproximam-se soldados a pé. Nuvens de fumaça esparsas significam que se está cortando lenha. Pequenas nuvens de pó que vão e vem indicam que se está levantando acampamento.

Se os emissários do inimigo pronunciam palavras humildes enquanto este incrementa seus preparativos de guerra, isto quer dizer que vai avançar. Quando se pronunciam palavras altissonantes e se avança ostensivamente, é sinal de que o inimigo se vai retirar.

Se seus emissários vêm com palavras humildes, envia espiões para observar o inimigo e comprovarás que está aumentando seus preparativos de guerra.

Quando os carros ligeiros saem em primeiro lugar e se situam nos flancos, estão estabelecendo um frente de batalha.

Se os emissários chegam pedindo a paz sem firmar um tratado, significa que estão tramando algum complô.

Se o inimigo dispõe rapidamente seus carros em filas de combate, é que está esperando reforços.

Não se precipitarão para um encontro ordinário se não entendem que lhes será enviada ajuda, ou deve haver uma força que se ache à distância e que é esperada em um determinado momento para unir suas tropas e atacar-te. Convém antecipar, preparar-se imediatamente para esta eventualidade.

Se a metade de suas tropas avança e a outra metade retrocede, é que o inimigo pensa atrair-te a uma armadilha.

O inimigo está fingindo neste caso confusão e desordem para incitar-te a que avances.

Se os soldados inimigos se apoiam uns nos outros, é que estão famintos.

Se os aguadores bebem em primeiro lugar, é que as tropas estão sedentas.

Se o inimigo vê uma vantagem porém não a aproveita, é que está cansado.

Se os pássaros se reúnem no campo inimigo, é que o lugar está vazio.

Se há pássaros sobrevoando uma cidade, o exército fugiu.

Se são produzidas chamadas noturnas, é que os soldados inimigos estão atemorizados. Tem medo e estão inquietos, e por isso chamam uns a outros.

Se o exército não tem disciplina, isto quer dizer que o general não é levado a sério.

Se os estandartes se movem, é que está sumido na confusão.

Há sinais que são usados para unificar o grupo; Assim, pois, caso se desloquem de lá para cá sem ordem nem concerto, significa que suas fileiras estão confusas.

Se seus emissários mostram irritação, significa que estão cansados.

Se matam seus cavalos para obter carne, é que os soldados carecem de alimentos; quando não têm marmitas e não voltam a seu acampamento, são inimigos completamente desesperados.

Se produzem murmurações, faltas de disciplina e os soldados falam muito entre si, queres dizer que foi perdida a lealdade da tropa.

As murmurações descrevem a expressão dos verdadeiros sentimentos; as faltas de disciplina indicam problemas com os superiores. Quando o mando perdeu a lealdade das tropas, os soldados se falam com franqueza sobre os problemas com seus superiores.

Se outorgam numerosas recompensas, é que o inimigo se acha em um beco sem saída; quando se ordenam demasiados castigos, é que o inimigo está desesperado.

Quando a força de seu ímpeto está esgotada, outorgam constantes recompensas para ter contentes os soldados, para evitar que se rebelem em massa. Quando os soldados estão tão esgotados que não podem cumprir as ordens, são castigados uma e outra vez para restabelecer a autoridade.

Ser violento no principio e terminar depois temendo os próprios soldados é o cúmulo da inépcia.

Os emissários que acodem com atitude conciliatória indicam que o inimigo quer uma trégua.

Se as tropas inimigas enfrentam a ti com ardor, porém demoram o momento de entrar em combate sem abandonar não obstante o terreno, debes observá-los cuidadosamente.

Estão preparando um ataque por surpresa.

Em assuntos militares, não é necessariamente mais benéfico ser superior em forças, só evitar atuar com violência desnecessária; é suficiente com consolidar teu poder, fazer estimações sobre o inimigo e conseguir reunir tropas; isso é tudo.

O inimigo que atua isoladamente, que carece de estratégia e que toma à dianteira a seus adversários, inevitavelmente acabará sendo derrotado.

Se teu plano não contém uma estratégia de retirada ou posterior ao ataque, senão que confias exclusivamente na força de teus soldados, e tomas à dianteira a teus adversários sem valorar sua condição, com toda segurança cairás prisioneiro.

Se castigas os soldados antes de ter conseguido que sejam leais ao mando, não obedecerão, e se não obedecem, serão difíceis de empregar.

Tampouco poderão ser empregados se não se leva a cabo nenhum castigo, inclusive depois de haver obtido sua lealdade.

Quando existe um sentimento profundo de apreço e confiança, e os corações dos soldados estão vinculados ao mando, se relaxares a

disciplina, os soldados se tornarão arrogantes e será impossível usá-los.

Portanto, dirige-os mediante a arte civilizada e unifica-os mediante as artes marciais; isto significa uma vitória contínua.

Arte civilizada significa humanidade, e artes marciais significam regulamentos. Mandar-lhes com humanidade e benevolência, unificá-los de maneira estrita e firme. Quando a benevolência e a firmeza são evidentes, é possível estar seguro da vitória.

Quando as ordens se dão de maneira clara, sensata e conseqüente, as tropas as aceitam. Quando as ordens são confusas, contraditórias e mudam a toda hora as tropas não as aceitam ou não as entendem.

Quando as ordens são razoáveis, justas, sensatas, claras e conseqüentes, existe uma satisfação recíproca entre o líder e o grupo.

Sobre a topologia.

Alguns terrenos são fáceis, outros difíceis, alguns neutros, outros estreitos, acidentados ou abertos.

Quando o terreno seja acessível, seja o primeiro a estabelecer tua posição, escolhendo as alturas ensolaradas; uma posição que seja adequada para transportar os mantimentos; assim terás vantagem quando fores a batalha.

Quando estiveres em terreno difícil de sair, estás limitado. Neste terreno, se teu inimigo não está preparado, podes vencer se segues adiante, porém se o inimigo está preparado e segues adiante, terás muitas dificuldades para retornar de novo a ele, o que contará contra ti.

Quando é um terreno desfavorável para ambos, diz-se que é um terreno neutro. Em um terreno neutro, inclusive se o adversário te oferece uma vantagem, não te aproveites de ela: retira-te, induzindo a sair à metade das tropas inimigas, e então cai sobre ele aproveitando-te desta condição favorável.

Em um terreno estreito, se és o primeiro a chegar, deves ocupá-lo totalmente e esperar o adversário. Se ele chega antes, não o persigas se bloqueia os desfiladeiros. Persiga-o só se não os bloqueia.

Em terreno acidentado, se és o primeiro a chegar, deves ocupar seus pontos altos e ensolarados e esperar o adversário. Se este já os ocupou antes, retira-te e não o persigas.

Em um terreno aberto, a força do ímpeto se encontra igualada, e é difícil provocar-lhe a combater de maneira desvantajosa para ele.

Entender estas seis classes de terreno é a responsabilidade principal do general, e é imprescindível considerá-los.

Estas são as configurações do terreno; os generais que as ignoram saem derrotados.

Assim, pois, entre as tropas estão as que fogem, que se retraem, as que se derrubam, as que se rebelam e as que são derrotadas. Nenhuma destas circunstâncias constituem desastres naturais, senão que são devidas aos erros dos generais.

As tropas que tem o mesmo ímpeto, porém que atacam em proporção de um contra dez, saem derrotadas. Os que tem tropas fortes porém cujos oficiais são débeis, ficam retraídos.

Os que tem soldados débeis ao mando de oficiais fortes, ver-dr-ão em apuros. Quando os oficiais superiores estão encolerizados e são violentos, e enfrentam ao inimigo por sua conta e por despeito, e quando os generais ignoram suas capacidades, o exército desmoronará.

Como norma geral, para poder vencer ao inimigo, todo o mando militar deve ter uma só intenção e todas as forças militares devem cooperar.

Quando os generais são débeis e carecem de autoridade, quando as ordens não são claras, quando oficiais e soldados não tem solidez e as formações são anárquicas, produz-se revolta.

Os generais derrotados são aqueles que são incapazes de analisar a os adversários, entram em combate com forças superiores em número ou melhor equipadas, e não selecionam a suas tropas segundo os seus níveis de preparação.

Se empregas soldados sem selecionar os preparados dos não preparados, os arrojados e os timoratos, estás buscando tua própria derrota.

Estas são as seis maneiras de ser derrotado. a compreensão de estas situações é a responsabilidade suprema dos generais e devem ser consideradas.

A primeira é não equilibrar o número de forças; a segunda, a ausência de um sistema claro de recompensas e castigos; a terceira, a insuficiência de treinamento; a quarta é a paixão irracional; a quinta é a ineficácia da lei de ordem; e a sexta é a falha em não selecionar os soldados fortes e resolutos.

A configuração do terreno pode ser um apoio para o exército; para os chefes militares, o curso da ação adequada é avaliar o adversário para assegurar a vitória e calcular os riscos e as distâncias. Saem vencedores os que lideram batalhas conhecendo estes elementos; saem derrotados os que lutam ignorando-os.

Portanto, quando as leis da guerra assinalam uma vitória segura é claramente apropriado começar batalha, inclusive se o governo tenha dado ordens de não atacar. Se as leis da guerra não indicam uma vitória segura, é adequado não entrar em batalha, mesmo que o governo tenha dado a ordem de atacar. Deste modo se avança sem pretender a glória, se ordena a retirada sem evitar a responsabilidade, com o único propósito de proteger a população e em benefício também do governo; assim se presta um serviço valioso a a nação.

Avançar e retirar-se contra das ordens do governo não se faz em interesse pessoal, senão para salvaguardar as vidas da população e no autêntico benefício do governo. Servidores de este talhe são muito úteis para um povo.

Olha por teus soldados como olhas a um recém-nascido; assim estarão dispostos a seguir-te até os vales mais profundos; cuida de teus soldados como cuidas de teus queridos filhos, e morrerão gostosamente contigo.

Porém se és tão amável com eles que não os podes utilizar, se és tão indulgente que não lhes podes dar ordens, tão informal que não podes discipliná-los, teus soldados serão como crianças mimadas e, portanto, imprestáveis.

As recompensas não devem ser usadas só, nem deve confiar-se somente nos castigos. Caso contrario, as tropas, como crianças mimadas, se acostumam a desfrutar ou a ficar ressentidas por tudo. Isto é danoso e os torna imprestáveis.

Se sabes que teus soldados são capazes de atacar, porém ignoras se o inimigo é invulnerável a um ataque, tens só a metade de possibilidades de ganhar. Se sabes que teu inimigo é vulnerável a um ataque, porém ignoras se teus soldados são capazes de atacar, só tens a metade de possibilidades de ganhar. Se sabes que o inimigo é vulnerável a um ataque, e teus soldados podem levá-lo a cabo, porém ignoras se a condição do terreno é favorável para a batalha, tens a metade de probabilidades de vencer.

Portanto, os que conhecem as artes marciais não perdem tempo quando efetuam seus movimentos, nem se esgotam quando atacam. Devido a isto se diz que quando conheces a ti mesmo e conheces os demais, a vitória não é um perigo; quando conheces o céu e a terra, a vitória é inesgotável.

Sobre as nove classes de terreno.

Conforme as leis das operações militares, existem nove classes de terreno. Se lutam entre si em seu próprio território, a este se lhe chama terreno de dispersão.

Quando os soldados estão apegados a sua casa e combatem próximo de seu lar, podem ser dispersados com facilidade.

Quando penetras em território alheio, porém não o fazes em profundidade, a este se chama território ligeiro.

Isto significa que os soldados podem regressar facilmente.

O território que pode resultar-te vantajoso se o tomas, e vantajoso ao inimigo se é ele quem o conquista, se chama terreno chave.

Um terreno de luta inevitável é qualquer penetração defensiva ou passo estratégico.

Um território igualmente acessível para ti e para os demais se chama terreno de comunicação.

O território que está rodeado por três territórios rivais e és o primeiro a proporcionar livre acesso a ele a todos se chama terreno de interseção.

O terreno de interseção é aquele ao que convergem as principais vias de comunicação unindo-as entre si: seja o primeiro em ocupá-lo, e os

demais terão que por-se a teu lado. Se o obténs, te encontras seguro; se o perdes, corres perigo.

Quando penetras em profundidade em um território estranho, e deixas atrás muitas cidades e povos, a este terreno se chama difícil.

É um terreno do qual é difícil regressar.

Quando atravessas montanhas com bosques, desfiladeiros abruptos ou outros acidentes difíceis de atravessar, a isto se chama terreno desfavorável.

Quando o acesso é estreito e a saída é tortuosa, de maneira que uma pequena unidade inimiga pode atacar-te, mesmo que tuas tropas sejam mais numerosas, a este se chama terreno cercado.

Se és capaz de uma grande adaptação, podes atravessar este território.

Se só podes sobreviver em um território lutando com rapidez, e se é fácil morrer se não o fazes, a este se chama terreno mortal.

As tropas que se encontram em um terreno mortal estão na mesma situação que se encontrassem numa barca que afunda ou em uma casa ardendo.

Assim, pois, não combatas em um terreno de dispersão, não te detenhas em um terreno ligeiro, não ataques em um terreno chave (ocupado pelo inimigo), não deixes que tuas tropas sejam divididas em um terreno de comunicação. Em terrenos de interseção, estabelece comunicações; em terrenos difíceis, entra com provisões; em terrenos desfavoráveis, continua marchando; em terrenos cercados, faz planos; em terrenos mortais, luta.

Em um terreno de dispersão, os soldados podem fugir. Um terreno ligeiro é quando os soldados penetram em território inimigo, todavia não têm às costas cobertas; Por isso, suas mentes não estão realmente concentradas e não estão atentos para a batalha. Não é vantajoso atacar ao inimigo em um terreno chave; o que é vantajoso é chegar primeiro a ele. Não se deve permitir que fique isolado o terreno de comunicação, para poder servir-se das rotas de mantimentos. Em terrenos de interseção, estarás a salvo se estabeleces alianças; se as perdes, te encontrarás em perigo. Em terrenos difíceis, entrar com provisões significa reunir todo o necessário para estar ali muito tempo. Em terrenos desfavoráveis, já que não podes entrincheirar-te nele,

deves apressar-te em sair. Em terrenos cercados, introduz táticas de surpresa.

Se as tropas caem em um terreno mortal, todos lutarão de maneira espontânea. Por isto se disse: "Situa a as tropas em um terreno mortal e sobreviverão. "

Os que eram antes considerados como especialistas na arte da guerra eram capazes de fazer que o inimigo perdesse contato entre sua vanguarda e sua retaguarda, a confiança entre as grandes e as pequenas unidades, o interesse recíproco pelo bem-estar dos diferentes linhas, o apoio mútuo entre governantes e governados, o alistamento de soldados e a coerência de seus exércitos. Estes especialistas entravam em ação quando lhes era vantajoso, e se retraíam em caso contrário.

Introduziam mudanças para confundir ao inimigo, atacando-os aqui e ali, aterrorizando-os e semeando entre eles a confusão, de tal maneira que não lhes davam tempo para fazer planos.

Poder-se-ia perguntar como enfrentar forças inimigas numerosas e bem organizadas que se dirigem até a ti. A resposta é dar-lhes em primeiro lugar algo que apreciem, e depois te escutarão.

A rapidez de ação é o fator essencial da condição da força militar, aproveitando-se dos erros dos adversários, desviando-os por caminhos que não esperam e atacando quando não estão em guarda.

Isto significa que para aproveitar-se da falta de preparação, de visão e de cautela dos adversários, é necessário atuar com rapidez, e que se vacilas, esses erros não te servirão de nada.

Numa invasão, por regra geral, quanto mais se adentram os invasores no território estranho, mais fortes se fazem, até o ponto de que o governo nativo não pode expulsá-los.

Escolhe campos férteis, e as tropas terão suficiente para comer. Cuida de sua saúde e evita o cansaço, consolida sua energia, aumenta sua força. Que os movimentos de tuas tropas e a preparação de teus planos sejam insondáveis.

Consolida a energia mais entusiasta de tuas tropas, economiza as forças restantes, mantém em segredo tuas formações e teus planos, permanecendo insondável para os inimigos, e espera a que se produza um ponto vulnerável para avançar.

Situa tuas tropas em um ponto que não tenha saída, de maneira que tenham que morrer antes de poder escapar. O que, ante a possibilidade da morte, não estarão dispostas a fazer? Os guerreiros dão então o melhor de suas forças. Quando se acham ante um grave perigo, perdem o medo. Quando não há nenhum local onde ir, permanecem firmes; quando estão totalmente implicados em um terreno, se aferram a ele. Se não têm outra opção, lutarão até o final.

Por esta razão, os soldados estão vigilantes sem ter que ser estimulados, se alistam sem ter que ser chamados às fileiras, são amistosos sem necessidade de promessas, e se pode confiar neles sem necessidade de ordens.

Isto significa que quando os combatentes se encontram em perigo de morte, seja qual seja seu risco, todos têm o mesmo objetivo e, portanto, estão alerta sem necessidade de ser estimulados, tem boa vontade de maneira espontânea e sem necessidade de receber ordens, e pode confiar-se de maneira natural neles sem promessas nem necessidade de hierarquia.

Proíbe os augúrios para evitar as dúvidas, e os soldados nunca te abandonarão. Se teus soldados não têm riquezas, não é porque as desdenhem. Se não tem mais longevidade, não é porque não queiram viver mais tempo. O dia em que se dá a ordem de marcha, os soldados choram.

Assim, pois, uma operação militar preparada com perícia deve ser como uma serpente veloz que contrataca com sua cauda quando alguém lhe ataca por a cabeça, contrataca com a cabeça quando alguém lhe ataca pela cauda e contrataca com cabeça e cauda, quando alguém lhe ataca pelo meio.

Esta imagem representa o método de uma linha de batalha que responde velozmente quando é atacada. Um manual de oito formações clássicas de batalha diz: "Faz da frente a retaguarda, faz da retaguarda a frente, com quatro cabeças e oito caudas. Faz que a cabeça esteja em todas partes, e quando o inimigo arremete pelo centro, cabeça e cola acudirão ao resgate."

Pode perguntar-se a questão de se é possível fazer que uma força militar seja como uma serpente rápida. A resposta é afirmativa. Inclusive as pessoas que se tem antipatia, se encontrarão no mesmo barco, se ajudarão entre se em caso de perigo de sossobrar.

É a força da situação que faz que isto suceda.

Por isto, não basta depositar a confiança em cavalos atados e rodas fixas.

Se atam os cavalos para formar uma linha de combate estável, e se fixam as rodas para fazer que os carros não se possam mover. Porém ainda assim, isto não é suficientemente seguro nem se pode confiar nisso. É necessário permitir que hajam variantes às mudanças que se fazem, pondo os soldados em situações mortais, de maneira que combatam de forma espontânea e se ajudem entre si, cotovelo com cotovelo: este é o caminho da segurança e da obtenção de uma vitória certa.

A melhor organização é fazer que se expresse o valor e mantê-lo constante. Ter êxito tanto com tropas débeis como com tropas aguerridas se baseia na configuração das circunstâncias.

Se obténs a vantagem do terreno, podes vencer os adversários, inclusive com tropas ligeiras e débeis; quanto mais te seria possível se tens tropas poderosas e aguerridas? o que faz possível a vitória a ambas classes de tropas é as circunstancias do terreno.

Portanto, os especialistas em operações militares obtêm a cooperação da tropa, de tal maneira que dirigir um grupo é como dirigir a um só indivíduo que não tem mais que uma só opção.

Corresponde ao general ser tranqüilo, reservado, justo e metódico.

Seus planos são tranqüilos e absolutamente secretos para que ninguém possa descobri-los. Seu mando é justo e metódico, assim que ninguém se atreve a tomar sua frente.

Pode manter seus soldados sem informação e em completa ignorância de seus planos.

Muda suas ações e revisa seus planos, de maneira que ninguém possa reconhecê-los. Muda de lugar e de prazos, e se desloca por caminhos sinuosos, de maneira que ninguém possa antecipá-lo.

Podes ganhar quando ninguém pode entender em nenhum momento quais são tuas intenções.

Disse um Grande Homem: "O principal engano que se valora nas operações militares não se dirige só aos inimigos, senão o que começa em suas próprias tropas, para fazer que lhe sigam sem saber aonde vão." Quando um general fixa uma meta a suas tropas, é como o que sobe a um lugar elevado e depois retira a escada. Quando um general se adentra muito no interior do território inimigo, está pondo à prova tudo seu potencial.

Pode queimar as naveas das suas tropas e destruir suas casas; assim as conduz como um rebanho e todos ignoram até onde se encaminham.

Incumbe os generais reunir a os exércitos e pô-los em situações perigosas. Também devem examinar as adaptações aos diferentes terrenos, as vantagens de concentrar-se ou dispersar-se, e as pautas dos sentimentos e situações humanas.

Quando se fala de vantagens e de desvantagens da concentração e da dispersão, se quer dizer que as pautas dos comportamentos humanos mudam segundo os diferentes tipos de terreno.

A norma geral dos invasores é unir-se quando estão no coração do território inimigo, porém tendem a se dispersar quando estão nas orlas fronteiriças. Quando deixas teu território e atravessas a fronteira em uma operação militar, te achas em terreno isolado.

Quando é acessível desde todos os pontos, é um terreno de comunicação.

Quando te adentras em profundidade, estás em um terreno difícil. Quando penetras pouco, estás em um terreno ligeiro.

Quando a tuas costas se achem espessuras infranqueáveis e diante passagens estreitas, estás em um terreno cercado.

Quando não há nenhum local donde ir, se trata de um terreno mortal.

Assim, pois, em um terreno de dispersão, unifica as mentes dos soldados. Em terreno ligeiro, as mantenha em contato. Em um terreno chave, apressa-as para tomá-lo. Em um terreno de interseção, presta atenção à defesa. Em um terreno de comunicação, estabeleceria sólidas alianças. Em um terreno difícil, assegura mantimentos continuados. Em terreno desfavorável, apressa tuas tropas a sair rapidamente dele. Em terreno cercado, cerra as entradas. Em terreno mortal, indica a tuas tropas que não existe nenhuma possibilidade de sobreviver.

Por isto, a psicologia dos soldados consiste em resistir quando se vêm rodeados, lutar quando não se pode evitar, e obedecer em casos extremos.

Até que os soldados não se vejam rodeados, não tem a determinação de resistir ao inimigo até alcançar a vitória. Quando estão desesperados, apresentam uma defesa unificada.

Por isso, os que ignoram os planos inimigos não podem preparar alianças.

Os que ignoram as circunstâncias do terreno não podem fazer manobrar suas forças. Os que não utilizam guias locais não podem aproveitar-se do terreno. Os militares de um governo eficaz devem conhecer todos estes fatores.

Quando o exército de um governo eficaz ataca um grande território, o povo não se pode unir. Quando seu poder supera os adversários, é impossível fazer alianças.

Se podes averiguar os planos de tuas adversários, aproveita-te do terreno e faz manobrar o inimigo de maneira que se encontre indefeso; neste caso, nem sequer um grande território pode reunir suficientes tropas para deter-te.

Portanto, se não lutas por obter alianças, não aumentas o poder de nenhum país, porém estendes tua influência pessoal ameaçando os adversários, tudo isso faz com que o país e as cidades inimigas sejam vulneráveis.

Outorga recompensas que não estejam reguladas e dá ordens incomuns.

Considera a vantagem de outorgar recompensas que não tenham precedentes, observa como o inimigo faz promessas sem ter em conta os códigos estabelecidos.

Maneja as tropas como se fossem uma só pessoa. Emprega-as em tarefas reais, porém não lhes fale. Motiva-as com recompensas, porém não comente os possíveis prejuízos.

Emprega teus soldados só em combater, sem comunicar-lhes tua estratégia. Deixe-os conhecer os benefícios que os esperam, porém não lhes fales dos danos potenciais. Se a verdade se filtra, tua estratégia

pode afundar. Se os soldados começam a preocupar-se, tornar-se-ão vacilantes e temerosos.

Coloque-os em uma situação de possível extermínio, e então lutarão para viver. Ponha-os em perigo de morte, e então sobreviverão. Quando as tropas afrontam perigos, são capazes de lutar para obter a vitória.

Assim, pois, a tarefa de uma operação militar é fingir acomodar-se às intenções do inimigo. Se te concentras totalmente nisso, podes matar seu general mesmo que estejas a quilômetros de distância. A isto se chama cumprir o objetivo com perícia.

No principio acomodas a suas intenções, depois matas a seus generais: esta é a perícia no cumprimento do objetivo.

Assim, o dia em que se declara a guerra, se cerram as fronteiras, se rompem os salvo-condutos e se impede o passo de emissários.

Os assuntos se decidem rigorosamente desde que se começa a planejar e estabelecer a estratégia desde a casa ou quartel general.

O rigor nos quartéis-generais na fase de planificação se refere ao manutenção do segredo.

Quando o inimigo oferece oportunidades, aproveite-as imediatamente.

Inteira-te primeiro do que pretende, e depois antecipa-te a ele. Mantém a disciplina e adapta-te ao inimigo, para determinar o resultado da guerra. Assim, ao principio eras como uma donzela e o inimigo abre suas portas; então, tu és como uma lebre solta, e o inimigo não poderá expulsar-te.

Sobre a arte de atacar pelo fogo

Existem cinco classes de ataques mediante o fogo: queimar as pessoas, queimar os mantimentos, queimar o equipamento, queimar os depósitos e queimar as armas.

O uso do fogo tem que ter uma base, e exige certos meios. Existem momentos adequados para acender fogos, concretamente quando o tempo é seco e ventoso.

Normalmente, em ataques mediante o fogo é imprescindível seguir os mudanças produzidas por este. Quando o fogo está dentro do

acampamento inimigo, prepara-te rapidamente desde fora. Se os soldados se mantêm em calma quando o fogo se inicia, espera e não ataques. Quando o fogo alcança seu ponto álgido, segue-o, se podes; se não, espera.

Em geral, o fogo se utiliza para semear a confusão no inimigo e assim poder atacar-lhe.

Quando o fogo pode ser prendido em campo aberto, não esperes para fazê-lo em seu interior; faça-o quando seja oportuno.

Quando o fogo seja atizado pelo vento, não ataques em direção contraria a este.

Não é eficaz lutar contra o ímpeto do fogo, porque o inimigo lutará neste caso até a morte.

Se soprou vento durante o dia, à noite amainará.

Um vento diurno cessará ao anoitecer; um vento noturno cessará ao amanhecer.

Os exércitos devem saber que existem variantes das cinco classes de ataques mediante o fogo, e adaptar-se a estas de maneira racional.

Não basta saber como atacar os demais com o fogo, é necessário saber como impedir que os demais te ataquem a ti.

Assim, pois, a utilização do fogo para apoiar um ataque significa claridade, e a utilização do água para apoiar um ataque significa força. A água pode cortar comunicação, porém não pode arrasar.

A água pode ser usada para dividir um exército inimigo, de maneira que sua força se desuna e a tua se fortaleça.

Ganhar combatendo ou levar a cabo um assédio vitorioso sem recompensar a os que tenham méritos traz má fortuna e se faz merecedor de ser chamado avaro. Por isso se disse que um governo esclarecido tem em conta que um bom mando militar recompensa o mérito. Não mobiliza a suas tropas quando não há vantagens que obter: não atuam quando não há nada que ganhar, nem lutam quando não existe perigo.

As armas são instrumentos de mal augúrio, e a guerra é um assunto perigoso. É indispensável impedir uma derrota desastrosa, e portanto,

não vale a pena mobilizar um exército por razões insignificantes: as armas só devem ser usadas quando não existe outro remédio.

Um governo não deve mobilizar um exército por ira, e os chefes militares não devem provocar a guerra por cólera.

Atua quando seja benéfico; em caso contrario, desiste. A ira pode converter-se na alegria e a cólera pode converter-se em prazer, porém um povo destruído não pode renascer, e a morte não pode converter-se em vida. Em consequência, um governo esclarecido presta atenção a tudo isto, e um bom mando militar o tem em conta. Esta é a maneira de manter à nação a salvo e de conservar intato a seu exército.

Sobre o uso de espões

Uma operação militar significa um grande esforço para o povo, e a guerra pode durar muitos anos para obter uma vitória de um dia. Assim, pois, falar em conhecer a situação dos adversários para economizar nos gastos para investigar e estudar a oposição é extremadamente inumano, e não é típico de um bom chefe militar, de um conselheiro de governo, nem de um governante vitorioso. Portanto, o que possibilita um governo inteligente e um mando militar sábio vencer os demais e lograr triunfos extraordinários com essa informação essencial.

A informação prévia não se pode obter de fantasmas nem espíritos, nem se pode ter por analogia, nem descobrir mediante cálculos. Deve se obter de pessoas; pessoas que conheçam a situação do adversário.

Existem cinco classes de espões: o espião nativo, o espião interno, o duplo agente, o espião liquidável, e o espião flutuante. Quando estão ativos todos eles, ninguém conhece suas rotas: a isto se lhe chama gênio organizativo, e se aplica ao governante.

Os espões nativos contratam entre os habitantes de uma localidade. Espões internos se contratam entre os funcionários inimigos. Os agentes duplos se contratam entre os espões inimigos. Os espões liquidáveis transmitem falsos dados aos espões inimigos. Os espões flutuantes voltam para trazer seus informes.

Entre os funcionários do regime inimigo, se acham aqueles com os quais se pode estabelecer contato e os que se pode subornar para averiguar a situação de seu país e descobrir qualquer plano que se

trame contra ti, também podem ser utilizados para criar desavenças e desarmonia.

Em conseqüência, ninguém nas forças armadas é tratado com tanta familiaridade como os espões, nem ninguém recebe recompensas tão grandes como a eles, nem há assunto mais secreto que o espionagem.

Se não se trata bem os espões, podem converter-se em renegados e trabalhar para o inimigo.

Não se podem utilizar a os espões sem sagacidade e conhecimento; não pode servir-se de espões sem humanidade e justiça, não se pode obter a verdade dos espões sem sutileza. Certamente, é um assunto muito delicado. Os espões são úteis em todas partes.

Cada assunto requeres um conhecimento prévio.

Se algum assunto de espionagem é divulgado antes de que o espião seja informado, este e o que o divulgou devem ser eliminados.

Sempre que queiras atacar a um exército, assediar uma cidade ou atacar a uma pessoa, debes de conhecer previamente a identidade dos generais que a defendem, de seus aliados, seus visitantes, seus sentinelas e de seus criados; assim, pois, faz que teus espões averigüem tudo sobre eles.

Sempre que vais atacar e combater, debes conhecer primeiro os talentos dos servidores do inimigo, e assim podes enfrentá-los segundo suas capacidades.

Deves buscar agentes inimigos que tenham vindo te espionar, suborná-los e induzi-los a passar para teu lado, para poder utilizá-los como agentes duplos. Com a informação obtida desta maneira, podes encontrar espões nativos e espões internos para contratá-los. Com a informação obtida destes, podes fabricar informação falsa servindo-te de espões liquidáveis. Com a informação assim obtida, podes fazer que os espões flutuantes atuem segundo os planos previstos.

É essencial para um governante conhecer as cinco classes de espionagem, e este conhecimento depende dos agentes duplos; Assim, pois, estes devem ser bem tratados.

Assim, só um governante brilhante ou um general sábio que possa utilizar os mais inteligentes para o espionagem, pode estar seguro da

vitória. A espionagem é essencial para as operações militares, e os exércitos dependem dela para levar a cabo suas ações.

Não será vantajoso para o exército atuar sem conhecer a situação do inimigo, e conhecer a situação do inimigo não é possível sem o espionagem.

Sun Tzu



Sun Tzu

Sun Tzu (孫子) ([pinyin](#): Sūn Zi) (544 – 496 A.C.), é considerado um dos maiores [estrategistas militares](#) de todos os tempos, é o autor de *A arte da guerra* (兵法), famoso livro [chinês](#) sobre táticas militares, traduzido ao [idioma português](#) por [Caio Fernando Abreu](#) e Miriam Paglia. Sun Tzu também foi um dos primeiros [realistas](#) no campo das [ciências políticas](#).

A única fonte que sobreviveu até aos nossos dias sobre a vida de Sun Tzu escrita no [século II a.C.](#) pelo historiador [Ssu-ma Ch'ien](#), que o descreve como tendo sido um general que viveu no estado de [Wu](#) no [século VI a.C.](#). No entanto a [biografia](#) não é coerente com outras fontes sobre o período, e tudo leva a crer que o livro teria sido escrito entre [400 a.C.](#) e [320 a.C.](#).

Não existe uma biografia linear de Sun Tzu, com início, meio e fim. O que existe são concisas narrações de alguns fatos de sua vida.

Apesar das especulações sobre a sua vida e existência, a sua obra *A arte da guerra* é considerada de grande importância nos escritos [militares](#) e estratégicos de toda a [história](#) da [humanidade](#). Segundo os especialistas, apenas [Carl von Clausewitz](#) se pode comparar, embora *A Arte da guerra* seja mais acessível à leitura. Mais do que um livro militar, *A Arte da Guerra* é considerado um livro [filosófico](#).

Estratégia militar

Estratégia Militar é uma designação abrangente para o planejamento de atuação em uma [guerra](#). Deriva do [grego *strategos*](#), a estratégia era vista como a *arte do general*. A estratégia militar lida com o planejamento e condução de campanhas, o movimento e divisão de forças, e a burla do inimigo. O pai do estudo moderno da estratégia, [Carl von Clausewitz](#), define estratégia militar como *o emprego de batalhas para obter o fim da Guerra*. Portanto, ele deu a preeminência de objetivos políticos em relação a conquistas militares, garantindo controle civil sobre os militares. Estratégias militares se baseiam em um tripé: a preparação das táticas militares, a aplicação dos planos no campo de batalha e a [logística](#) envolvida na manutenção do exército.

Fundamentos da estratégia militar



Estratagem Militar da [Batalha de Waterloo](#).

"Não repita as táticas as quais o levaram a ganhar uma batalha, mas deixe seus métodos preparados para uma infinita variedade de circunstâncias. –Sun Tzu

Estratégia e tática estão intimamente relacionadas. Ambas lidam com a distância, tempo e força, mas a estratégia é empregada em larga escala enquanto a tática atua em pequena escala. Originalmente a estratégia era entendida como a organização do prelúdio para a batalha enquanto a tática controlava a sua execução. Contudo, nas [guerras mundiais do século 20](#), a distinção entre manobra e batalha, estratégia e tática tornaram-se obscuras. Táticas que se originaram da [tropa](#) de [cavalaria](#) poderia ser aplicada para uma [divisão panzer](#).

Em sua forma mais pura, estratégia somente lida com problemas militares. Em sociedades primitivas, um rei ou líder político eram freqüentemente também o líder militar. Se ele não era, a distância de comunicação entre o líder político e militar eram pequenas. Mas com a necessidade de profissionalização do exército aumentando, a distância entre os políticos e militares começaram a aparecer. Em muitos casos, se decidiu que uma separação era necessária. Como o estadista [Francês Georges Clemenceau](#) disse, *a guerra é um negocio muito importante para ser deixada para os soldados*. Isto deu origem ao conceito da **grande estratégia** a qual engloba o gerenciamento dos recursos de uma nação inteira para a condução de uma guerra. No ambiente da grande estratégia, o componente militar é grandemente reduzido para

estratégia operacional – o planejamento e controle de grandes unidades [militares](#) tais como [tropa](#) e [divisões](#). Com o aumento em tamanho e número dos exércitos e melhoramento da tecnologia de controle e comunicação, a diferença entre *estratégia militar* e a *grande estratégia* diminuiu.

Os fundamentos para a grande estratégia é a [diplomacia](#) através da qual a nação deve forjar alianças ou pressionar outras nações a ceder, desta forma alcançando a vitória sem a necessidade do combate. Outro elemento da grande estratégia é o gerenciamento da paz no [pós-guerra](#). Como Clausewitz estabeleceu, uma estratégia militar de sucesso deve ser um meio para um fim, mas ela não é um fim em si mesmo. Há numerosos exemplos na [história](#) onde a vitória no [campo de batalha](#) não se traduziu em uma [paz](#) de longa duração e [segurança](#).

Estratégia (e tática) deve constantemente estar desenvolvendo-se em resposta a avanços [tecnológicos](#). Uma estratégia bem sucedida de uma era tende a se tornar obsoleta logo após novos desenvolvimentos em [armas](#) e materiais. A [Primeira Guerra Mundial](#) viu as táticas [Napoleônicas](#) de *ofensiva a todo custo* anulada em relação ao poder defensivo da [trincheira](#), [metralhadora](#) e [barragem de artilharia](#). Como uma reação a sua experiência na Primeira Guerra Mundial, a [França](#) entrou na [Segunda Guerra Mundial](#) com uma doutrina puramente defensiva, encabeçada pela *inexpugnável* [Linha Maginot](#), mas unicamente para ser completamente lograda pela a [blitzkrieg Alemã](#).

Princípios da estratégia militar

Muitos estrategistas militares tentaram resumir uma estratégia de sucesso em um conjunto de princípios. [Sun Tzu](#) definiu 13 princípios em sua [A arte da Guerra](#) enquanto Napoleão listou 115 máximas. O general da [Guerra Civil Americana](#) [Nathan Bedford Forrest](#) preconizava somente um: "pegue o primeiro com o maior". Os conceitos fundamentais para maioria das listas de princípios são:

1. O Objetivo
2. Ofensiva
3. Cooperação
4. Concentração (Massa)
5. Economia
6. Manobras
7. Surpresa
8. Segurança
9. Simplicidade

Alguns estrategistas asseguram que a aderência aos princípios fundamentais garante a vitória enquanto outros argumentam que a guerra é imprevisível e o general deve ser flexível na formulação de uma estratégia. [Helmuth von Moltke](#) expressa a estratégia como um sistema de *expediente ad hoc* pelo qual o general deve atuar enquanto se encontra sob pressão. Os princípios básicos da estratégia têm sobrevivido relativamente intocados apesar dos desenvolvimentos [tecnológicos](#) ocorridos.

Desenvolvimentos da estratégia militar

Primeiros desenvolvimentos da estratégia militar

Os princípios da estratégia militar podem ser retrocedidos até 500 a.C. nas palavras de [Sun Tzu](#) e nos primeiros pensadores em [Esparta](#). As campanhas de [Alexandre o Grande](#), [Hannibal](#), [Julio Cesar](#) e [Qin shi Huang](#) demonstram o planejamento estratégico e a movimentação. [Mahan](#) descreve no prefácio de *The Influence of Sea Power upon History* como os [Romanos](#) usavam seu [poderio marítimo](#) para efetivamente bloquear as [linhas de comunicação marinha](#) de [Hannibal](#) com [Cartago](#); e então via uma estratégia marítima alcançar expulsão de Hannibal da [Itália](#), a despeito de nunca tê-lo derrotado com suas [legiões](#).

Em [1520](#) *Dell'arte della guerra* (Arte da Guerra) de [Niccolò Machiavelli](#) lidava com a relação entre os assuntos civis e militares e a formação de uma grande estratégia. Na [Guerra dos Trinta Anos](#), [Gustavus Adolphus da Suécia](#) demonstrou uma avançada estratégia operacional que o levou a vitórias na área do [Sacro Império Romano](#).

Foi somente no [século XVIII](#) que a estratégia militar foi sujeita a estudos sérios. Na [Guerra dos Seis Anos](#) (1756-1763), [Frederico o Grande](#) empreendeu a [estratégia da exaustão](#) para se livrar de seus oponentes e conservar suas forças [Prussianas](#). Atacado por todos os lados pela [França](#), [Áustria](#), [Rússia](#) e [Suécia](#), Frederico explorou sua posição central a qual o possibilitava mover seus exércitos ao longo de [linhas interiores](#) e concentrá-los contra um oponente de cada vez. Incapaz de alcançar a vitória, ele foi capaz de empreender uma defesa até que uma solução diplomática fosse alcançada. A [vitória](#) de Frederico levou a um grande início da [estratégia geométrica](#) a qual enfatiza

Genghis Khan e os Mongóis

Como um contra ponto aos desenvolvimentos Europeus na arte da estratégia, o Imperador Mongol [Genghis Khan](#) fornece um exemplo útil. Os sucessos de Genghis Khan e de seus sucessores foram baseados na dominação e no terror. O aspecto da estratégia de assalto de Genghis Khan era nada menos que a psicologia de contrapor-se a população. Através de uma implementação meticulosa e cuidadosa de sua estratégia, Genghis Khan e seus descendentes foram capazes de conquistar a maior parte da Eurásia.

Os blocos de construção do exercito de Genghis Khan e sua estratégia eram leves tribais de arqueiros montados e (o ponto importante) o vasto rebanho de cavalos da [Mongólia](#). Cada [arqueiro](#) tinha pelo menos um cavalo extra; (havia uma média de 5 cavalos por homem) portanto o exército inteiro poderia se mover com inacreditável rapidez. Além disto desde o leite de cavalo e seu sangue eram os pratos principais da [dieta](#) mongol. As tropas de cavalos de Genghis Khan funcionavam nem somente como seu meio de movimentação, mas também como seu suporte [logístico](#). Todas as outras necessidades poderiam ser exploradas ou [saqueada](#).

Comparado aos exércitos de Genghis Khan, todos os outros exércitos eram passados e comparativamente imóveis. Através de assaltos contínuos, os exércitos europeus, [chineses](#), [persas](#) e árabes puderam ser estressados até sua queda, e então aniquilados em perseguição. Quando se confrontavam com cidades fortificadas, os imperativos mongóis de manobrabilidade e velocidade que possuíam eram facilmente superados. Aqui o medo engendrado pela terrível reputação dos mongóis ajudava. Também uma primitiva [guerra biológica](#) era utilizada. Uma [trebucho](#) ou outros tipos de armas de balística poderia ser usada para lançar animais mortos e corpos em dentro de uma cidade [sitiada](#),

espalhando [doenças](#) e morte entre seus habitantes. Se uma cidade ou [vila](#) em particular desagradasse o Ka Mongoliano, todos na cidade poderiam ser mortos para servir de exemplo para todas as outras cidades. Isto pode ser encarado como uma forma de [guerra psicológica](#).

A estratégia mongol era direcionada a um objetivo (no qual o (foco principal) era inicialmente e nada menos que a psicologia de contrapor-se a população) alcançado através da ofensiva; a ofensiva era caracterizada pela concentração de forças, manobras, surpresas e simplicidade. Por isto as hordas mongóis alcançaram por dois séculos um domínio sem paralelo na [Eurásia](#).

Estratégia Napoleônica

A [Revolução Francesa](#) e as [Guerras Napoleônicas](#) que se seguiram revolucionaram a estratégia militar. O impacto deste período foi ainda sentido na Guerra Civil Americana e nas primeiras fases da Primeira Guerra Mundial. Com o advento de armas pequenas baratas e o surgimento de tropas de soldados civis, os exércitos cresceram rapidamente em tamanho tornando-se formações de massa. Isto trouxe a divisão dos exércitos primeiro em [divisões](#) e mais tarde em [batalhões](#). Juntamente com as divisões veio a divisão de [artilharia](#); leve, móvel e com grande alcance e poder de fogo. A rígida formação de [lanceiros](#) e [mosqueteiros](#) disparando conjuntamente abriu caminho para [infantaria leve](#) combater na linha de frente.

[Napoleão I da França](#) obteve vantagem destes desenvolvimentos para prosseguir em uma brutalmente efetiva [estratégia de aniquilação](#) que pouco se importa com a perfeição matemática da estratégia geométrica. Napoleão invariavelmente buscava obter o controle na batalha, usualmente alcançando o sucesso através manobras superiores. Como regra geral, ele lidava com a grande estratégia como também com a estratégia operacional, fazendo uso de meios [políticos](#) e [econômicos](#). Napoleão só foi finalmente derrotado quando seus oponentes adotaram a estratégia que ele tinha desenvolvido.

O triunfo da estratégia prática de Napoleão inspirou um novo campo de estudo na estratégia militar. Os dois estudos mais significativos de seu trabalho foram feitos por [Carl von Clausewitz](#), um Prussiano como formação em [filosofia](#), e [Antoine-Henri Jomini](#), que foi um dos oficiais sob seu comando. [On War](#) de Clausewitz tornou-se uma [bíblia](#) da estratégia, dividindo-se entre a liderança militar tanto quanto política. Um das suas mais famosas afirmações é:

A guerra não é meramente um ato político, mas também um instrumento político real, uma continuação da política conduzidas por outros meios."

Clausewitz categorizou a *geometria* como um fator insignificante na estratégia, acreditando ao invés disto no conceito Napoleônico da vitória através do confronto e destruição da força de oposição, a qualquer custo. Contudo, ele também reconheceu que um conflito limitado poderia influenciar politicamente pela eliminação da oposição através de uma [estratégia de atrito](#).

Em contraste á Clausewitz, Antoine-Henri Jomini lidava principalmente com a estratégia operacional, [inteligência](#) & planejamento, a condução da campanha, e *liderança* ao invés da *política*. Ele propôs que a vitória poderia se obtida pela ocupação

do território do inimigo ao invés da destruição de suas armas. Tal que, considerações estratégicas foram proeminente em sua teoria da estratégia. Os dois princípios básicos da estratégia de Jomini era a concentração contra a fragmentação das forças do inimigo de uma única vez e atacar o objetivo mais decisivo.

Uma notável exceção da *estratégia de aniquilação* de Napoleão e uma precursora da [guerra de trincheiras](#) foi a [Linha de Torres Vedras](#) usada durante a [campanha Peninsular](#). O exército Francês se encontrava fora de seu território e quando eles foram confrontados por uma linha de fortificações as quais não poderiam ser [flanqueadas](#), eles foram incapazes de continuar o avanço e foram forçados a se retirar uma vez que consumiram todas as provisões da região na linha de frente.

A campanha peninsular foi notável para o desenvolvimento de outros métodos de Guerra os quais permaneceram intocados com passar do tempo, mas tornaram-se mais comuns no século XX. Foi a ajuda e encorajamento que os Britânicos deram para os [Portugueses](#) o que forçou os Franceses a desperdiçar a maioria dos bens da armada Espanhola na proteção das linhas de comunicação de seus exércitos. Isto foi um custo muito efetivo movido pelos Britânicos, porque era mais barato para ela ajudar os insurgentes de Portugal do que equipar e pagar uma unidade exército Britânico para ocupar o mesmo número de tropas Francesas. Como o exército Britânico poderia ser correspondentemente menor ele seria capaz de abastecer suas tropas por mar e terra sem ter que abandonar território como era norma naquele tempo. Além disto, por eles não terem de procurar por alimento eles não tinham o antagonismo dos moradores locais e por isto eles não tinham que guarnecer suas linhas de comunicação da mesma forma que os Franceses. Então a estratégia de ajudar seus aliados Portugueses na [guerrilha](#) beneficiou os Britânicos de muitas formas, algumas das quais não são imediatamente óbvias.

Estratégias na era industrial

A evolução da estratégia militar prosseguiu com a [Guerra Civil Americana \(1861-65\)](#). A prática da estratégia militar foi melhorada por generais tais como [Robert E. Lee](#), [Ulysses S. Grant](#) e [William Tecumseh Sherman](#), todos estes foram influenciados pelas façanhas de Napoleão. Contudo, a aderência aos princípios de Napoleão em face aos avanços tecnológicos tais como o [rifle](#) de infantaria de longo alcance geralmente levou a consequências desastrosas. O tempo e espaço no qual estas guerras foram travadas também mudaram. Ferrovias possibilitaram movimentos de troca de grandes forças, mas as manobras estavam restringidas a corredores estreitos e vulneráveis. A [energia a Vapor](#) e [encouraçados](#) transformaram o combate no mar.

Havia ainda abertura para triunfos da estratégia de manobra tais como [Marcha para o Mar de Sherman](#) em [1864](#), mas estas dependiam da falta de vontade do inimigo cavar trincheiras. Mais próximo ao término da guerra, especialmente na defesa de alvos estáticos como nas batalhas de [Cold Harbor](#) e na [Vicksburg](#), as trincheiras de ambos os lados proliferaram em uma escala semelhante a da [Primeira Guerra Mundial](#). Muitas das lições da Guerra Civil Americana foram esquecidas quando de guerras tais como [Guerra Austro-Prussiana](#) ou das manobras vencedoras da [Guerra Franco-Prussiana](#).

Nos períodos precedentes a [Primeira Guerra Mundial](#), dois dos mais influente estrategistas foram os generais Prussianos, [Helmuth von Moltke](#) e [Alfred von](#)

[Schlieffen](#). Sob o comando de Moltke o exercito [Prussiano](#) alcançou a vitória na Guerra Austro-Prusiana (1866) e na guerra Franco-Prussiana (1870-71), a campanha final é largamente aceita como um exemplo clássico da concepção e execução da estratégia militar. Em conjunto com a exploração de [rodovias](#) e [ferrovias](#), Moltke utilizou o [telegrafo](#) para controle de grandes exércitos. Ele reconheceu a necessidade de aumentar a delegação de controle para comandantes subordinados e cunhar diretivas para tratamento de problemas do que gerar ordens específicas. Moltke é mais lembrado como um estrategista por sua crença na necessidade de flexibilidade e que nenhum plano, não importa quão bem preparado seja, pode garantir a sobrevivência além do primeiro encontro com o inimigo.

O Marechal de campo [Schlieffen](#), que sucedeu Moltke, dirigiu o planejamento Germânico na condução para a [Primeira Guerra Mundial](#). Ele defendia a *estratégia de aniquilação* mas foi forçado a uma guerra em duas frentes contra inimigos numericamente superiores. A estratégia formulada por ele foi o [Plano Schlieffen](#), defendendo-se a leste enquanto agrupava-se para uma decisiva vitória no oeste, depois da qual os Germânicos poderiam ir para a ofensiva no leste. Influenciado pelos sucessos de Hannibal na [Batalha de Cannae](#), Schlieffen preparou-se para uma única grande batalha de envolvimento, levando a aniquilação de seu inimigo.

Outro grande estrategista Alemão do período foi [Hans Delbrück](#) que expandiu o conceito de Clausewitz de *conflito limitado* para produzir uma teoria da *estratégia de exaustão*. Sua teoria desafiava o pensamento militar popular na época, que era amplamente favorável a vitória em batalha. Ainda na Primeira Guerra Mundial ficaria demonstrado as falhas da desastrosa *estratégia da aniquilação*

Quando a industrialização trouxe novos avanços na tecnologia naval, um estrategista Americano, [Alfred Thayer Mahan](#), trouxe novidades para o campo da *estratégia naval*. Influenciado pelos princípios de estratégia de Jomini, ele visualizou que nas próximas guerras, onde a estratégia econômica poderia ser mais importante que estratégia militar, o controle dos mares daria o poder para controlar o comércio e os recursos necessários para travar a guerra. Mahan lançou o conceito da *grande marinha*, em uma visão expansionista onde a defesa era alcançada pelo controle da aproximação marítima do que pela a fortificação das costas. Suas teorias contribuíram para a [corrida armamentista](#)

Estratégia na Primeira Guerra Mundial

No início da [Primeira Guerra Mundial](#) a estratégia era dominada por um pensamento ofensivo em voga desde 1870, a despeito de experiências mais recentes da [Segunda Guerra da Boemia](#) (1899-1902) e na [Guerra Russo-Nipônica](#) (1904-05), onde as [metralhadoras](#) demonstraram sua capacidade defensiva. Ao fim de 1914, o [Front Oeste](#) estava em um *impasse* e todas as possibilidades de manobras estratégicas tinham sido perdidas. Os combatentes lançaram mão de uma *estratégia de desgaste*. A batalha Alemã em [Verdun](#), e a Britânica em [Somme](#) e [Passchendaele](#) estão entre as primeiras batalhas em grande escala, dirigidas para exaurir o inimigo. O desgaste consumia tanto tempo que a duração da batalhas na Primeira Guerra Mundial frequentemente se estendiam por semanas e meses. O problema com o desgaste era que o uso de [Defesas fortificadas em profundidade](#) geralmente requer uma razão de dez atacantes para um defensor para ser ter qualquer chance razoável de vitória. A habilidade dos defensores para mover suas tropas usando linhas interiores previne a possibilidade de atalhos.

Em outras frentes, havia ainda espaço para o uso de estratégia de manobras. Os germânicos executaram uma perfeita batalha de aniquilação contra os [Russos](#) na [Batalha de Tannenberg \(1914\)](#). Os Britânicos e Franceses lançaram a desastrosa [Campanha Dardanelles](#), combinando poder naval e desembarque de [anfíbio](#), num esforço de ajudar seus aliados Russos e golpear o [Império Otomano](#) para fora da Guerra. A campanha [Palestina](#) foi dominada pela [cavalaria](#) e os Britânicos alcançaram duas vitórias de infiltração na [Gaza \(1917\)](#) e em [Megiddo \(1918\)](#). O coronel [T.E. Lawrence](#) e outros oficiais britânicos guiaram tropas paramilitares [Árabes](#) numa [campanha de guerrilha](#) contra os Otomanos, usando estratégias e tática desenvolvidas na Guerra da Boêmia.

A Primeira Guerra Mundial presenciou exércitos em uma escala nunca antes vista. A Inglaterra, que sempre contou com uma [marinha](#) forte e um pequeno exercito regular, experimentou uma rápida expansão que extrapolou o treinamento de seus generais e a capacidade de seus auxiliares em lidar com tal força monumental. Os avanços tecnológicos também tiveram uma larga influência na estratégia: [reconhecimento](#) aéreo, técnicas de artilharia, [gás venenoso](#), o [automóvel](#) e o [tanque](#), o [telefone](#) e a [rádio telegrafia](#).

Mais do que nas guerras anteriores, a estratégia militar na Primeira Guerra Mundial foi dirigida pela grande estratégia de uma aliança de nações, a [tríplice Entente](#) de um lado e o [Impérios centrais](#) do outro. A sociedade e a economia estavam mobilizadas para uma [guerra total](#). O ataque à economia do inimigo incluía o uso pela Inglaterra de um bloqueio naval e o emprego Germano de [submarinos de guerra](#) contra [marinha mercante](#).

A unidade de comando tornou-se uma questão importante quando várias nações iniciaram assaltos e defesas e coordenados. A Entente foi eventualmente comanda pelo Marechal de Campo [Foch](#). Os Germânicos geralmente comandavam o Império central, embora a autoridade Germânica diminuísse e as linhas de comando tornaram-se confusas ao fim da guerra.

A Primeira Guerra Mundial terminou quando a vontade dos soldados Germânicos para lutar diminui tanto que os Germânicos buscaram a paz. O ímpeto dos militares Germânicos foi destruído durante a batalha de Amiens (de 8 a 11 de Agosto de [1918](#)) quando a frente germânica entrou revolta geral contra a falta de comida e a destruição da economia. A vitória para a Entente foi, contudo, assegurada por este ponto. Entretanto, era somente uma questão de tempo antes que o tanque re-introduzisse a manobra como uma estratégia viável.

Estratégia desenvolvidas entre as guerras

Nos anos que se seguiram a Primeira Guerra Mundial, duas das tecnologias que foram introduzidas durante aquele conflito, o [avião de combate](#) e o [tanque](#), tornaram-se objeto de estudo na estratégia.

A principal teoria de [poder aéreo](#) foi a do general [Italiano Giulio Douhet](#). Ela pregava que no futuro as guerras poderiam ser ganhas ou perdidas no ar. A força aérea comandaria o ataque e o conjunto das forças terrestres seriam simplesmente defensivas. A doutrina de Douhet do [bombardeio estratégico](#) implicava acertar a terra natal do

inimigo — suas cidades, indústrias e comunicações. A força aérea poderia com isto reduzir sua disposição e capacidade para a luta.

O general britânico [J. F. C. Fuller](#) arquitetou a primeira grande batalha de tanques em [Cambrai](#), e seu contemporâneo [B. H. Liddell Hart](#) estava entre um dos mais proeminentes defensores da motorização e mecanização do exército Britânico. Na Alemanha, grupos de estudo estavam sendo preparados por [Von Seeckt](#) para as 34 áreas da estratégia e táticas aprendidas na Primeira Guerra Mundial, de forma a adaptá-las para evitar o impasse e a derrota que eles haviam sofrido. Todos pareciam ter visto o valor da estratégia de choque de mobilidade e as novas possibilidades apresentadas pelas forças motorizadas. Ambos também perceberam que os [veículos armados de combate](#) demonstraram seu poder, mobilidade e proteção. Os Alemães pareciam ter visto mais claramente a necessidade de tornar todas as ramificações do exército tão moveis quanto possível para maximizar o resultados de sua estratégia. Isto destruiria as defesas estáticas de trincheiras e metralhadoras e restaurava os princípios da estratégia de manobra e ofensiva.

As inovações do General Alemão [Heinz Guderian](#) tiveram sua estratégia desenvolvidas, sendo incorporadas as ideias de Fuller e Liddell Hart de forma a amplificar o revolucionário efeito [blitzkrieg](#) que foi usado pela Alemanha contra a [Polônia](#) em 1939 e depois contra a [França](#) em 1940, que ainda usava a estratégia estacionaria da [Primeira Guerra Mundial](#), foi completamente surpreendida e sobrepujada pela mobilidade alemã combinada a doutrina de armas e divisões [Panzer](#).

As transformações tecnológicas tiveram um enorme efeito na estratégica, mas pouco efeito na [liderança](#). O uso do [telegrafo](#) e mais tarde do [rádio](#), juntamente com melhoria nos [transportes](#), possibilitaram a movimentação rápida de grande número de homens. Um das chaves para possibilitar a mobilidade Alemã na guerra foi o uso de rádios, ao quais eram colocados em cada tanque. Contudo, o número de homens que um oficial poderia efetivamente controlar tinha diminuído. O aumento no tamanho do exército levou a um aumento no número dos oficiais. Embora a quadro dos oficiais no exército Americano tenha inchado, no exército germânico a razão de oficiais para o totais de homens permaneceu a mesma.

Estratégias na Segunda Guerra Mundial

Durante a [Segunda Guerra Mundial](#), levado pela inteligência Britânica, as forças aliadas desenvolveram e aplicaram sofisticados estratagemas e [estratégias de despistamento](#), projetadas para enganar os planos do Eixo resultando em ações mal sucedidas.

[Churchill](#), [Roosevelt](#), [Stalin](#) e outros líderes de estado se encontraram em diversas [conferencias](#) para priorizar as estratégias.

Estratégia da Guerra Fria

A [Guerra Fria](#) foi o primeiro período dominado pelo temor da total aniquilação do mundo através do uso de [armas nucleares](#), numa política conhecida como [garantia de aniquilação mutua](#). Uma outra consequência disto foi uma guerra na qual os ataques não poderia ser trocados entre os dois principais rivais, o Estados Unidos e a [União Soviética](#). Ao contrário disto, a guerra se deu através de procuração. Ao invés de iniciar

um conflito principal confinado na Europa ou no Pacífico, o mundo inteiro era o campo de batalha, com nações no lugar de exércitos atuando como os jogadores principais. A única regra constante era que tropas da União Soviética e dos Estados Unidos não poderiam se confrontar diretamente.

As diferenças entre as táticas, estratégias e grande estratégia começaram a se alterar durante a Guerra Fria conforme as tecnologias de comando e comunicação sofreram grandes melhoras, nas forças armadas do primeiro mundo. As forças armadas do [terceiro mundo](#) controladas pelas duas [super-potências](#) descobriram esta grande estratégia, estratégia e táticas, senão tudo, era controlado pelos líderes das super potências.

Combatentes Americanos da Guerra fria como [Dean Acheson](#) e [George C. Marshall](#) rapidamente reconheceram que a chave para vitória era derrota econômica da União Soviética. A União Soviética tinha adotado uma postura defensiva após o fim da Segunda Guerra Mundial, com Estados Unidos e sua forte marinha rapidamente adotando uma postura agressiva de defesa da maior parte do mundo contra a União Soviética e a expansão do [Comunismo](#). Isto era uma das muitas aparentes contradições na lógica desta estratégia.

[Estratégias](#) durante a Guerra fria também lidava com ataque nucleares e retaliação. Os Estados Unidos mantinha uma política de [ataque inicial limitado](#) durante a Guerra Fria. Em um eventual ataque dos Soviéticos ao [Front Ocidental](#), resultando em uma [invasão](#), os Estados Unidos poderia usar [armas nucleares táticas](#) para interromper o ataque. A União Soviética respondeu pela adoção da política do [não usar primeiro](#), envolvendo o [retaliação massiva](#) resultando em [mutua destruição assegurada](#). Então, se o [Pacto de Varsóvia](#) atacar usando armas convencionais, a [OTAN](#) poderá usar armas táticas. A União Soviética poderia responder com ataque nuclear massivo, resultando em um ataque similar dos Estados Unidos, com todas as consequências que advêm do fato. Os Estados Unidos continuam mantendo esta política do primeiro ataque limitado até hoje.

Estratégias pós Guerra Fria

As estratégias no pós Guerra Fria estão sendo definidas pela situação de super-potência dos Estados Unidos.

Estão progredindo os avanços tecnológicos para minimizar a casualidade e melhorar a eficiência.

Os avanços trazidos pela revolução digital tornaram-se essenciais para esta estratégia.

Princípios da estratégia militar

- O princípio da massa – dado que todas as coisas começam iguais, enviar uma única [unidade tática](#) aliada para [combater](#) uma única unidade tática [inimiga](#) resultará em uma chance de 50% de derrota, resultando em uma razão de 1 para 1 de [perda](#) em nível estratégico. Contudo, enviar duas ou mais unidades para combater uma única unidade inimiga irá resultar em um razão de perda menor que 1 para 1.
- Selecionar objetivos decisivos

- Tomar a iniciativa de seu inimigo.
- Concentrar suas forças em um ponto decisivo.
- Economizar seus recursos pela redução dos gastos
- Coordenar o movimento de seus recursos para alcançar seu objetivo.
- Manter a cadeia de comando.
- Coordenar suas tarefas para alcançar a máxima eficiência.
- Manter [segredo](#) até que seja tarde para seu oponente reagir.
- Empregar elementos inesperados tais como burla, velocidade, criatividade e audácia.
- Manter seus planos tão simples quanto possível

para completar sua tarefa.

- Escolher estratégias flexíveis para você poder se adaptar as mudanças de condições.
- Organize para maximizar a eficiência.
- Mantenha a [moral](#) alta mesmo em face dos revezes.
- Saiba a hora certa de atacar.

Ciência política

Ciência política é o estudo da [política](#) — dos [sistemas políticos](#), das [organizações](#) e dos [processos políticos](#). Envolve o estudo da estrutura (e das mudanças de estrutura) e dos processos de [governo](#) — ou qualquer sistema equivalente de organização humana que tente assegurar segurança, justiça e direitos civis. Os cientistas políticos podem estudar instituições como [corporações](#) (ou empresas, no Brasil), uniões (ou sindicatos, no Brasil), [igrejas](#), ou outras [organizações](#) cujas estruturas e processos de ação se aproximem de um governo, em complexidade e interconexão.

Existe no interior da ciência política uma discussão acerca do objeto de estudo desta ciência, que, para alguns, é o [Estado](#) e, para outros, o [poder](#). A primeira posição restringe o objeto de estudo da ciência política; a segunda amplia. A posição da maioria dos cientistas políticos, segundo [Maurice Duverger](#), é essa visão mais abrangente de que o objeto de estudo da ciência política é o poder.

O termo "ciência política" foi cunhado em [1880](#) por [Herbert Baxter Adams](#), professor de [História](#) da [Universidade Johns Hopkins](#).

A **ciência política** é a teoria e prática da [política](#) e a descrição e análise dos [sistemas políticos](#) e do comportamento político.

A ciência política abrange diversos campos, como a [teoria](#) e a [filosofia políticas](#), os sistemas políticos, [ideologia](#), [teoria dos jogos](#), [economia política](#), [geopolítica](#), [geografia política](#), análise de políticas públicas, política comparada, [relações internacionais](#), análise de [relações exteriores](#), [política](#) e [direito internacionais](#), estudos de [administração pública](#) e governo, [processo legislativo](#), [direito público](#) (como o [direito constitucional](#)) e outros.

A ciência política emprega diversos tipos de [metodologia](#). As abordagens da disciplina incluem a filosofia política clássica, [interpretacionismo](#), [estruturalismo](#), [behaviorismo](#), [racionalismo](#), [realismo](#), [pluralismo](#) e [institucionalismo](#). Na qualidade de uma das [ciências sociais](#), a ciência política usa métodos e técnicas que podem envolver tanto fontes primárias (documentos históricos, registros oficiais) quanto secundárias (artigos acadêmicos, pesquisas, análise estatística, estudos de caso e construção de modelos).

Histórico

Ainda que o estudo de política tenha sido constatado na tradição ocidental desde a Grécia antiga, a ciência política propriamente dita constituiu-se tardiamente. Esta ciência, no entanto, tem uma nítida matriz disciplinar que a antecede como a [filosofia moral](#), [filosofia política](#), [política econômica](#) e [história](#), entre outros campos do conhecimento cujo objeto seriam as determinações normativas do que deveria ser o [estado](#), além da dedução de suas características e funções.

Muitos pesquisadores colocam que a ciência política difere da filosofia política e seu surgimento ocorreria, de forma embrionária, no século dezenove, época do surgimento das ciências humanas, tal como a [sociologia](#), a [antropologia](#), a [historiografia](#), entre outras.

O que os cientistas políticos fazem

Cientistas políticos estudam a distribuição e transferência de [poder](#) em processos de tomada de decisão. Por causa da frequente e complexa mistura de interesses contraditórios, a ciência política é freqüentemente um exemplo aplicado da [Teoria dos jogos](#). Sob esta óptica teórica, os cientistas políticos olham os ganhos - como o lucro privado de pessoas ou das empresas ou da sociedade (o [desenvolvimento econômico](#)- e as perdas - como o empobrecimento de pessoas ou da sociedade (veja [Corrupção política](#)) - como resultados de uma luta ou de um jogo em que existem regras não explícitas que a pesquisa deve explicitar.

A ciência política busca desenvolver tanto teses [positivas](#), analisando as políticas, quanto teses [normativas](#), fazendo recomendações específicas. Cientistas políticos medem o sucesso de um governo e de políticas específicas examinando muitos fatores, inclusive estabilidade, justiça, riqueza material, e paz. Enquanto os historiadores olham para trás, buscando explicar o passado, os cientistas políticos tentam iluminar as políticas do presente e prever e sugerir políticas para o futuro.

O estudo de ciência política é complicado pelo envolvimento freqüente de cientistas políticos no processo político, uma vez que suas teorias freqüentemente servem de base para ação, opção e prática de outros profissionais, como [jornalistas](#), grupos de interesse especiais, [políticos](#), e o [eleitorado](#). Cientistas políticos podem trabalhar como assessores de políticos, ou até mesmo se candidatarem a cargos políticos eles próprios.

.....

Campos da ciência política

A ciência política faz parte das ciências humanas, por isso é uma ciência bastante complexa, pois analisa o [Estado](#), a [soberania](#), a [hegemonia](#), os [regimes políticos](#), os [governos](#), as linhas históricas destas partes da política nos países desde a antiguidade até hoje e a influência que têm sobre a sociedade incluindo as [Relações internacionais](#).

Existem três formas de se abordar os objetos de estudo desta ciência:

- Política descritiva, ou empírica: nesta linha os pesquisadores optam por análises meramente empíricas da realidade política. Sendo uma ciência muito controversa, esta fase, ou opção da análise política é de fundamental importância na coleta de dados fiéis à realidade, distinguindo-se assim das teorias normativas.
- Teoria política: nesta abordagem os pesquisadores, partindo dos dados empíricos articulam-nos à teoria política propriamente dita para compreender e explicar a realidade considerando insuficiente a mera descrição da realidade tal como é.
- Política comparada: fundamental na ciência política, esta abordagem da pesquisa busca, através de comparações entre diversas realidades sócio-históricas, elementos mais gerais da realidade política das sociedades. Também aqui é necessária a mediação do dado empírico com a teoria, mas desta vez, através da comparação, tenta-se chegar a elementos generalizáveis da realidade política e questionar hipóteses ou teorias feitas a respeito de uma única realidade delimitada.

Para que este estudo seja feito de maneira precisa, a ciência política é dividida em alguns ramos específicos de assunto a ser tratado em questões políticas, tais como:

- [Política financeira](#)
- [Política econômica](#)
- [História da ciência política](#)
- [Geografia política](#)
- [Política jurídica](#)

Conceitos

A ciência política constitui um conceito operacional e possível, difícil de definir, porque existem várias definições para ela. A onipresença virtual da política nos factos ou a sua politização pode depender da correlação entre as forças políticas e ainda de acontecimentos que tenham maior ou menor impacto na opinião pública. Também o contexto internacional pode contribuir para a politização de um determinado facto.

Conceito operacional

Disciplina social e autónoma que engloba actividades de observação, de análise, de descrição, comparação, de sistematização e de explicação dos fenómenos políticos.
Teses sobre o objecto de estudo da Ciência Política:

Como ciência do Estado

Já desde a Antiga Grécia que a acção política desenvolvida na [pólis](#) (cidade) se encontrava estreitamente ligada ao Estado. Mais tarde, também Prélot veio reafirmar esta ideia clássica de que a ciência política estava ligada e que se centrava no Estado. Esta posição assumida por Prélot foi criticada pelos seus colegas por considerarem o Estado uma parcela redutora de tudo aquilo que a ciência política estuda. No entanto, e em sua defesa, Prélot defende que o Estado tem de ser visto de uma forma mais profunda, daí que chamasse a atenção para os fenómenos que dele decorriam (inter-estatais; supra-estatais; infra-estatais; e para-estatais). A crítica, no entanto, manteve-se, por considerarem que era uma ideia desactualizada, uma vez que apenas considera o Estado enquanto Soberano.

Como ciência do poder

As modalidades de exercício do poder, a concentração de poder, interessam à ciência política desde que sejam fonte de poder. A manifestação de poder define-se pela capacidade de obrigar outros a aceitar ou adoptar um determinado comportamento.

Como ciência do poder político

Estuda o poder gerado numa sociedade politicamente organizada e estruturada, quando exercido como coacção.

Como ciência dos sistemas políticos

Estuda o conjunto de interacções através da qual se processa a distribuição autoritária de recursos numa determinada sociedade (concepção originada por David Easton).

Surge, então, como o estudo das estruturas e processos pelos quais o sistema político de uma sociedade persegue sua permanência, ao mesmo tempo que procede à distribuição imperativa dos recursos de que tal sociedade se vale, em seu funcionamento.

Objeto de estudo da ciência política

A ciência política estuda o Estado e as suas relações com os grupos humanos. Estuda, ainda, os agentes políticos internos que lutam pela conquista, aquisição e pelo exercício do poder, ou pelo menos de influencia-lo, visando a satisfação dos seus interesses. Estuda, também, os agentes políticos internacionais que influenciam ou tentam influenciar o comportamento dos órgãos que no quadro de uma sociedade nacional exercem o poder político máximo.

Utilidade da ciência política

A utilidade da ciência política baseia-se na existência de uma disciplina que consiga sistematizar os processos, movimentos e instituições políticas, isto é, os fenómenos políticos. Ajuda através dos seus instrumentos analíticos e teorias a uma melhor compreensão dos sistemas políticos, o que vai proporcionar um melhor conhecimento e aperfeiçoamento dos sistemas políticos, e que vai permitir aos cidadãos mais

esclarecidos intervir na legitimação do poder e participar de forma activa na vida política dos Estados.

Relevância acadêmica

Na [Grécia Antiga](#), para [Aristóteles](#) a política deveria estudar a [pólis](#) e as suas estruturas e instituições (a sua constituição e conduta). É considerado o pai da ciência política, porque considerou a política a ciência “maior”, ou mais importante do seu tempo. Criou, ainda, um método de observação que permitiu uma sistematização e explicação dos fenómenos sociais. Preocupava-se com um governo capaz de garantir o bem-estar geral (o bom governo).

No [século XVI](#), [Maquiavel](#) e a sua obra dão origem à modernidade política. A sua preocupação era a criação de um governo eficaz que unificasse e secularizasse a [Itália](#). Defende um príncipe ou dirigente de governo sem preocupações morais ou éticas, um dirigente que não olha a sensibilidades para atingir os seus fins. A política, era assim a arte de governar, ou seja, uma técnica que permitisse ao dirigente ou governante alcançar os fins independentemente dos meios, não visa a realização geral mas sim pessoal. Introduziu, ainda, um método comparativo-histórico, fazendo comparação entre dirigentes da sua época e de épocas anteriores através de exemplos. Introduziu, também, e reforçou a importância do Estado e da Instituição Estatal.

Na segunda metade do século XVI, [Jean Bodin](#) escreve “República”, obra que era também uma sistematização e explicação dos fenómenos políticos. Dá também grande relevância à ideia de soberania do Estado, é com base nesta teoria de soberania do Estado que Bodin cria o conceito de soberania (segundo o qual, o poder não tem igual na ordem interna e nem superior na ordem externa). Divide, portanto, o Estado em ordem interna e ordem externa e apenas considera um Estado soberano, se este for superior nestas duas dimensões.

No [século XVIII](#), [Montesquieu](#) em pleno [iluminismo](#), difunde ideias políticas que têm por base a acção humana. Esta surge, assim, como alternativa às ideias de Aristóteles, chamando a atenção para a “natureza das coisas”. Procurou explicar a natureza das coisas pelas suas [idiosincrasias](#). Foi com Montesquieu que a geografia dos Estados ou a geopolítica se tornou um elemento importante na análise política. Introduz o método comparativo de base geográfica. Faz a distinção entre república, monarquia e despotismo, afirmando que este último deveria ser erradicado e afastado, na república o poder pertence ao povo ou a uma parte esclarecida deste, na monarquia o poder pertence ao monarca, no despotismo, o poder pertence a um indivíduo, o déspota que governa sem honra e que utiliza o terror e a violência como forma de governação. Para erradicar o despotismo, Montesquieu apresenta a teoria da separação de poderes, de forma que o poder seja descentralizado das mãos de uma só pessoa para que não o use em proveito próprio. Resolvia-se então o perigo do despotismo com a institucionalização da separação de poderes.

A partir da segunda metade do século XVIII, a investigação dos fenómenos políticos começaram a perder terreno e a dar lugar a ciências como a sociologia, o direito e a economia. Embora a ciência política não tenha desaparecido.

A prová-lo está o contributo dado por três autores e pensadores do século XIX. A. Comte (alertou para a necessidade de analisar com objectividade os fenómenos ou factos políticos); [Alexis de Tocqueville](#) (chama a atenção para o estudo do sistema político norte-americano, na sua análise introduziu um conjunto de entrevistas, o que lhe permitiu uma comparação entre estas e irradiar erros ou alguma falha possível. Fazendo um quadro onde apresentava detalhadamente o sistema político norte-americano como se de uma fotografia se tratasse); Karl Marx (introduz uma nova perspectiva de abordagem dos fenómenos políticos e de poder, uma vez que faz uma análise do ponto de vista económico e social, o fenómeno político é uma consequência das relações de produção, e o regime político era o reflexo da organização das forças produtivas). É também nesta altura que surgem as ciências políticas especializadas em determinados fenómenos (economia política, direito político, geografia política, etc.)

Nos finais do século XIX a ciência política é reconhecida nos EUA nas universidades, como forma de combater o caciquismo no poder local e a corrupção nos partidos políticos.

Só após a Segunda Guerra Mundial, a ciência política volta a ganhar relevo e a tornar-se também uma disciplina autónoma nos quadros das universidades europeias. Além disso ganha força a análise de sistemas eleitorais, e também do comportamento do eleitorado.

Os fenómenos que contribuíram para o reforço da ciência política foram a proliferação dos sistemas democráticos, dos partidos políticos, dos mass media, de organizações internacionais, pelo próprio sistema internacional, etc. Estes factos levaram ao aumento de estudos sobre estes assuntos, o que suscitou também uma maior proliferação da ciência política (criação da IPSA, associação onde cientistas políticos discutiam as suas posições e que deu origem a outras organizações sobre a mesma temática)

A ciência política no Brasil

A ciência política brasileira institucionalizou-se há relativamente pouco tempo. Ainda em meados dos anos 1950, seu principal veículo era a *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, no entanto editada pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A [Associação Brasileira de Ciência Política](#) (ABCP) só foi fundada em 1986 e só passou a atuar efetivamente a partir de 1996.

Os dois nomes fundadores centrais da ciência política no Brasil são [Fábio Wanderley Reis](#), da UFMG, e [Wanderley Guilherme dos Santos](#), do [Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro](#) (IUPERJ). Hoje, sob influência das matrizes norte-americanas, a maior parte da disciplina opera com modelos neo-institucionalistas e de "escolha racional", que estilizam fortemente a ação política, seja reduzindo o número de atores envolvidos (tipicamente, resumindo-os a "candidatos" e "eleitorado" ou a "executivo" e "legislativo"), seja eliminando a discussão sobre a formação de suas preferências. Os modelos, assim, dizem respeito mais a si mesmos do que ao mundo real externo. Entre as exceções destacam-se grupos do Departamento de Ciência Política da UFMG, com [Leonardo Avritzer](#), inspirado pela teoria crítica habermasiana, e do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, com [Luis Felipe Miguel](#), que adota uma postura radical democrática pós-marxista.

Até recentemente, não havia uma publicação institucional da Ciência Política brasileira, tal como a *American Political Science Review* nos Estados Unidos. Em março de 2007, a **Associação Brasileira de Ciência Política**^[1] publicou o primeiro número da *Brazilian Political Science Review*.^[2] No entanto, a publicação, que é apenas eletrônica, ainda está longe de se constituir em referência na disciplina. Atualmente, os principais artigos brasileiros da área são publicados nas revistas *Dados*, do IUPERJ, *Lua Nova*, do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, de São Paulo; e na *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), ou então na *Revista de Sociologia e Política*, do Núcleo de Pesquisa em Sociologia Política Brasileira, da UFPR. As quatro publicações possuem versão on-line, disponível em <http://www.scielo.br>.

Referências

1. ↑ Site da ABCP - Associação Brasileira de Ciência Política: <http://www.cienciapolitica.org.br>
2. ↑ Site do Brazilian Political Science Review: <http://www.bpsr.org.br>.

Geopolítica

Geopolítica é uma disciplina das [Ciências Humanas](#) que mescla a [Teoria Política](#) à [Geografia](#), considerando o papel das características geográficas — como localização, território, posse de recursos naturais, contingente populacional -, como decorrentes de processos políticos, nas relações de poder, em níveis municipal, estadual, federal e também internacional entre os Estados. Nos tempos antigos, o termo **geopolítica** não existia, porém a matéria era tratada pelo que se chamava [Política Ambiental](#). Esta hoje é a própria **geopolítica**, que traz os estudos políticos sobretudo nas áreas ambientais urbanísticas, rurais, agrárias, fundiárias, aéreas, aquáticas e de limites territoriais. Assim, a geopolítica não é só importante para cientistas políticos e nem só para historiadores e geógrafos, mas de extrema importância para o [Direito](#), ela abrange os [Direito Urbanístico](#), [Direito Ambiental](#), [Direito Agrário](#), [Direito Aéreo](#) além de [Direito Constitucional](#), [Direito Civil](#) e [Direito Internacional](#).

É o estudo da estratégia, da manipulação, da ação política. Estuda o Estado enquanto organismo geográfico, ou seja, é o estudo da relação intrínseca entre a geografia e o poder. Método de análise que utiliza os conhecimentos da geografia física e humana para orientar a ação política do Estado.

O termo "Geopolítica" foi criado pelo [cientista político sueco Rudolf Kjellén](#), no início do [século XX](#), inspirado pela obra de [Friedrich Ratzel](#), *Politische Geographie* (Geografia Política), de [1897](#).

De acordo com Demétrio Magnoli ([1969](#)), é a "*ciência que concebe o Estado como um organismo geográfico ou como um fenômeno no espaço*".

Para José W. Vesentini:

“ A palavra geopolítica não é uma simples contração de geografia política, como pensam alguns, mas sim algo que diz respeito às disputas de poder no espaço mundial e que, como a noção de PODER já o diz (poder implica em dominação, via Estado ou não, em relações de assimetria enfim, que podem ser culturais, sexuais, econômicas, repressivas e/ou militares, etc.), não é exclusivo da geografia. ^[1] ”

🗺️ Geografia, disputas internacionais e Geopolítica



[Planisfério](#) terrestre.

Após a [II Guerra Mundial](#), o mundo passou por grandes transformações, de ordem social, econômica e política. Uma série de acontecimentos no cenário internacional fez com que as [relações internacionais](#) do pós-guerra fossem estudadas sob diferentes enfoques, em especial as divergências entre os Estados, mas também entre Estados e populações ou organizações. Isto ocorreu devido ao contexto mundial da metade do [século XX](#), caracterizado por realinhamentos e novas alianças internacionais, a descolonização da África e Ásia, pelas fragmentações territoriais e os novos agrupamentos de países conforme interesses políticos e econômicos.

Este ramo do conhecimento está diretamente relacionado à [História](#) Mundial e a [Geografia](#). Porém, muitos fenômenos geográficos são ligados a situações tensas entre países, questões estratégias nacionais ou disputas entre grupos político-ideológicos ou grupos étnicos dentro de um mesmo [Estado](#). Um exemplo são as repúblicas em que características étnicas foram fundamentais para a formação dos países. Como entender a região; países, densidade demográfica e distribuição espacial dos grupos étnicos? A geopolítica oferece um conjunto de explicações baseadas na perspectiva geográfica e [política](#). Desta forma, a Geopolítica consiste em uma ciência eminentemente [interdisciplinar](#), utilizando-se de conhecimento tanto das [Ciências Humanas](#), das [Ciências Sociais Aplicadas](#), como das [Geociências](#) e [Ciências da Natureza](#).

Um exemplo evento mundial que envolve a geopolítica, mas também estratégia e ideologia, é a [Guerra Fria](#). A partir de [1945](#), constituiu-se um novo padrão de [relações internacionais](#). O embate político-ideológico da [Guerra Fria](#) entre [EUA](#) e [URSS](#), duas nações consideradas [superpotências](#) mundiais, pode ser interpretado em termos geopolíticos como indo muito além do simples confronto entre dois sistemas político-econômicos rivais - [capitalismo](#) e [socialismo](#). A Guerra Fria, em termos

Geopolíticos, pode ser interpretado ainda como o grande embate do século XX entre a maior [potência naval](#) e a maior [potência terrestre](#) pela liderança global. Os maiores embates militares (Guerra da Coréia, Vietnã, Conflitos no Oriente Médio, Afeganistão) ocorreram na zona geopolítica do "Rinland", o entorno do "Heartland" da [Eurásia](#) (ver **Teorias Geopolíticas** a seguir).



As [armas nucleares](#) alteraram as Estratégias das Grandes potências, mas não eliminaram o peso da Geopolítica.

O primeiro resultado desta situação foi o controle da Alemanha pelos países vencedores da [II Guerra Mundial](#), principalmente [Estados Unidos](#), mas também [Reino Unido](#) e [França](#). A região controlada pelas forças militares americanas e seus aliados europeus foi transformada na [Alemanha Ocidental](#) e a região controlada pelos soviéticos acabou se tornando a [Alemanha Oriental](#). Desta forma, o antagonismo geopolítico, reforçado pelas disputas ideológicas, foi traduzido em alterações na estrutura territorial de um Estado, conforme os interesses antagônicos dos [EUA](#) e [URSS](#).

A organização de alianças geopolíticas, como a aliança dos [Estados Unidos da América](#) e [Europa Ocidental](#), na a [OTAN](#) ([Organização do Tratado do Atlântico Norte](#) em 1949, envolveu todo o entorno geográfico do [Atlântico Norte](#). Por outro lado, a aliança militar liderada pela [União Soviética](#) criada em 1955, o [Pacto de Varsóvia](#), envolvia toda a região continental da Eurásia conhecida como Heartland e a [Europa Oriental](#).

A partir da década de 1950, os conflitos armados em diferentes locais do mundo, como a [Guerra da Coréia](#), [Guerra do Vietnã](#), a [descolonização](#) da [Ásia](#) e [África](#), a [corrida espacial](#), a construção do [Muro de Berlim](#), a expansão do arsenal de [armas nucleares](#) e a tentativa de criação do bloco dos [países não alinhados](#) definiram as características da geopolítica mundial naquele período fortemente influenciado pelo confronto EUA-URSS. ^[*carece de fontes?*]

Contudo, o jogo geopolítico mundial tornou-se mais complexo a partir da [Détente](#) e da [ruptura sino-soviética](#), principalmente após a ocorrência do [conflito fronteiriço sino-soviético](#) em [1969](#). Esta crise foi seguida da aproximação entre [China](#) e [Estados Unidos](#) (ver artigo: [Relações sino-americanas](#), simbolizada pela visita do Presidente Richard Nixon à China e pelo início do processo de negociações de paz para pro fim à [Guerra do Vietnã](#). A aproximação entre China e Estados Unidos na [Segunda Guerra Fria](#) acabou sendo materializada com o apoio americano e chinês a diversos movimentos anti-soviéticos na África ([Angola](#)) e Ásia ([Afeganistão](#)), na fase final da [Guerra Fria](#).



Mudanças geopolíticas na [Eurásia](#) entre [1989](#) e [1991](#).

Com a crise econômica soviética, seguida das mal sucedidas reformas econômicas e políticas realizadas na URSS na década de [1980](#), grandes mudanças aconteceram na [Europa Oriental](#). O "afrouxamento" do controle soviético aos países satélites estimulou as ondas de mudança política na [Polônia](#), [Tchecoslováquia](#), [Hungria](#), [Bulgária](#) e [Romênia](#). Também estimulou a queda do Muro de Berlim e a [Reunificação Alemã](#). A [Guerra do Golfo](#) em [1991](#) e o fim da [União Soviética](#) em dezembro do mesmo ano, marcaram profundamente o desfecho da [Guerra Fria](#). Estes acontecimentos e o conjunto de transformações na ordem econômica, social e política global passou a ser chamado de [Nova Ordem Mundial](#), embora muitos preferissem chamar aquele processo de desordem mundial.

Os anos 1990 foram marcados por amplos debates a respeito de problemas que pareciam claros durante a Guerra Fria, como a polaridade e a polarização global. Inicialmente, no pós-Guerra Fria, parecia se conformar um mundo [unipolar](#) no plano estratégico-militar, e [multipolar](#) no plano econômico, marcado pela formação ou consolidação de [blocos econômicos](#) regionais ou continentais, como a [União Européia](#), o [NAFTA](#), o [Mercosul](#), a [ASEAN](#). Inicialmente os interesses das [corporações](#) internacionais pareciam se sobrepor aos dos Estados Nacionais, especialmente com a hegemonia ideológica do [neoliberalismo](#) e o [Consenso de Washington](#). Muitos autores chegaram a anunciar o fim da Geopolítica ou mesmo o [Fim da história](#), quando, ao menos aparentemente, não haveriam novas disputas geopolíticas ou ideológicas no mundo.

Entretanto a geopolítica dos anos 1990 não foi marcada pela paz e estabilidade, mas por diversas guerras como a da [Somália](#), [Iugoslávia](#) ^[2], [Ruanda](#), [Sérvia-Kosovo](#), a continuidade das guerras civis em [Angola](#), [Sudão](#) e [Colômbia](#), além de crises econômicas com graves consequências políticas. A [Crise do México em 1994](#) foi seguido da [Crise asiática de 1997](#) e da [Crise russa de 1998](#), que também atingiram o Brasil, provocando a brusca [desvalorização do real de 1999](#). Esses acontecimentos ajudaram a corroer lentamente o [Consenso de Washington](#) e a crença liberal na História e da Geopolítica ^[3].

Esta tendência se manteve no fim dos anos [1990](#) e início dos anos [2000](#), quando ocorreram grandes protestos de movimentos de ideologia [altermundialista](#) ou contra o [neoliberalismo](#), como os ocorridos em [Seattle](#) (1999) e ou em [Gênova](#) (2000) contra o [G8](#), ainda o primeiro [Fórum Social Mundial](#) em 2001. Estes eventos tiveram como contexto as crises dos anos 1990, a falência da [Enron](#) e a crise da bolsa americana da [Nasdaq](#) em 2000, e, por fim, a [Crise econômica da Argentina](#) em 2001.



Geopolítica dos [Oleodutos](#) no [Cáucaso](#): região em que ocorreu a [Guerra na Ossétia do Sul em 2008](#).

A instabilidade global foi aprofundada pela sensação de insegurança generalizada, ligada aos [atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001](#) e aos novos conflitos armados subsequentes, como a invasão e ocupação americana do [Afeganistão](#) ^[4] a partir de 2001, e a [Invasão do Iraque](#) em 2003^[5], seguida da ocupação permanente deste país. A [militarização](#) de extensas regiões do globo e a redefinição do papel da [OTAN](#), foi acompanhada do surgimento de novas tensões estratégicas entre EUA e Rússia - envolvendo o projeto de um escudo anti-mísseis americano-, além do [terrorismo](#) na [Ásia Central](#), acabaram produzindo novas alianças internacionais como a [Organização de Cooperação de Xangai](#) em 2001. A [crise econômica](#) de 2007-2008 reforçou a percepção de instabilidade intrínseca ao [Sistema Internacional](#), especialmente diante de novos conflitos geopolíticos como a [Guerra da Geórgia](#) em 2008.

As atuais guerras, crises e as mudanças na [geopolítica do petróleo](#)^{[6] [7]}, dos recursos naturais e humanos, parecem indicar que a Geopolítica continuará sendo uma abordagem relevante para interpretar a realidade global.

Teorias Geopolíticas

Existem diferentes concepções teóricas a respeito da influência da geografia nos fenômenos políticos, sociais e históricos. ^[8]



O Heartland eurasiático na interpretação do teórico estrategista [Halford John Mackinder](#) em sua obra [The Geographical Pivot of History](#) de 1904.

Em linhas gerais pode-se dizer que as grandes correntes de pensamento geopolíticas derivam de processos de diálogo, oposição e síntese de duas grandes vertentes originárias, a concepção de poder naval de [Alfred Thayer Mahan](#) e a concepção de poder terrestre de [Halford John Mackinder](#).

Mahan defendia que a potência que construísse um poder naval sem igual, capaz de dominar os oceanos e as grandes passagens entre os mares, dominaria o mundo. Mahan se baseia na história dos séculos XVI ao XIX para demonstrar que as potências

vitoriosas nas grandes disputas geopolíticas foram sempre potências navais ([Portugal](#), [Holanda](#), [Inglaterra](#)). ^[9]

Mackinder desenvolve uma interpretação oposta, a de que existe uma região pivô na Eurásia, nunca antes conquistada por potências navais, o Heartland. Região vasta, rica em recursos naturais e energéticos, água, terra e florestas, esta região sempre foi dominada por povos nômades cavaleiros da [Ásia Central](#) ([hunos](#), [tártaros](#), [mongóis](#)). A potência que dominasse esta região e simultaneamente dominasse uma saída para mares abertos, poderia desenvolver um poder anfíbio imbatível, dominar toda a Eurásia e decidir o futuro do mundo. ^[10]

A partir destas interpretações é que se desenvolveram concepções de estratégia geopolítica que nortearam a ação das grandes potências ao longo de parte significativa do século XX. As recomendações de Mahan nortearam a estratégia americana de construção de uma poderosa marinha bioceânica na primeira metade do século XX. As recomendações de Mackinder levaram a Inglaterra (potência naval) a se aliar à Rússia na [I Guerra Mundial](#) e à [URSS](#) na [II Guerra Mundial](#) para impedir que a Alemanha dominasse os recursos do Heartland.

Dentre os estrategistas influenciados por estas concepções destaca-se [Nicholas J. Spykman](#), que agregou o papel do Rimland como foco de disputas centrais na história dos últimos séculos e do século XX. ^[11]

A visão geoestratégica de mundo destes teóricos influenciou diretamente importantes políticos e estrategistas do último século, como [George F. Kennan](#), [Henry A. Kissinger](#), [John Foster Dulles](#) e [Zbigniew Brzezinski](#).

Geopolítica do Brasil



Localização da [América do Sul](#).

No território brasileiro também se configuram características e situações que envolvem a geopolítica - principalmente de acordo com as características sócio-econômicas das diferentes regiões do país, o desenvolvimento econômico, os conflitos sociais na zona rural e urbana e a inserção do país na economia internacional, tendo como destaque a negociação com grandes blocos e a formação de entidades supranacionais, como o

[Mercosul](#) ^[12] e a [UNASUL](#) ^[13]. Desta forma, a geopolítica do Brasil está intrinsecamente ligada à [Geopolítica da América do Sul](#) ^[14] ^[15]

Não se pode deixar ainda de citar, como questão geopolítica brasileira, a construção da capital federal, [Brasília](#), na região Centro-Oeste do país ^[16] ^[17]. Esta é uma verdadeira circunstância estratégica, com o deslocamento da capital federal do Rio de Janeiro, na costa litorânea, para o interior do país, no cerrado, compondo uma distribuição geográfica de poder político mais equânime com as reais dimensões do país.



A região que vai da [Amazônia Ocidental](#), passando pelo [Mato Grosso](#), até o [Pantanal-Chaco](#) e [Bolívia](#) é considerado o *Heartland* da [América do Sul](#).

Localizada no centro geográfico do Brasil a capital era considerada muito mais segura do que a anterior, localizada no litoral, portanto um alvo mais fácil para possíveis marinhas inimigas. Este fato foi decisivo para que o Brasil decidisse pela transferência da capital para o interior nos anos 1950, quando ainda eram muito vivas as imagens da [II Guerra Mundial](#), quando submarinos alemães chegaram a torpedear navios brasileiros no litoral do país.

Durante o governo de [Juscelino Kubitschek](#) foi construído o Plano Piloto de Brasília, no [Distrito Federal](#). Além disso, a nova rede de estradas interligando Brasília às diferentes regiões do país, permitiu concluir o processo de integração da [infra-estrutura](#) física mínima de [transportes](#) para a [integração](#) nacional. Também foi fundamental para acelerar o desenvolvimento da região [Centro-Oeste], que era até os anos 1950 uma das mais pobres e menos urbanizadas do país.

Além disso, áreas importantes do país configuram o cenário geopolítico brasileiro, como o litoral marcado pelas ricas reservas de [petróleo](#), incluindo o [pré-sal](#) nacional, a [Floresta Amazônica](#) ^[18], seja a [Amazônia Legal](#) ou a Amazônia internacional, além das [fronteiras](#) do país.

Muitos consideram que temas sensíveis, relacionados à geografia e à terra, como a [reforma agrária](#) ou ainda as relações entre o Estado e a sociedade ou entre o governo

Federal e as regiões, no que tange à administração territorial, são objetos da geopolítica do Brasil. Planisfério

Temas emergentes como a geopolítica da [Antártica](#) e do [Atlântico Sul](#), tem sido mais intensamente estudados na atualidade, principalmente porque interessam diretamente ao Brasil e seus vizinhos, tanto pelas perspectivas de cooperação e integração regional, como pelas disputas internacionais históricas ainda existentes, como devido às perspectivas futuras de disputas envolvendo o controle sobre recursos naturais estratégicos.



Mar Territorial e [Zona Econômica Exclusiva](#) do Brasil no [Atlântico Sul](#)

Neste sentido a questão territorial e as diferentes formas de [disputas fronteiriças](#) estão permeados pelas disputas envolvendo a delimitação do [mar territorial](#) e da [zona econômica exclusiva](#), de grande relevância atualmente tanto para a [pesca](#) como para a exploração do subsolo marinho, especialmente de [petróleo](#) em alto mar.

Concepções recentes de geopolítica também consideram as modernas [redes de comunicação](#)^[19] como a [internet](#), a partir da chamada geopolítica do [ciberespaço](#). O ciberespaço pode ser considerado elemento de análise geopolítica na medida em que este envolve uma base física, uma infra-estrutura geograficamente distribuída: os "troncos de [fibra ótica](#)"^[20] e os [satélites](#)^[21]. Estes elementos estão relacionados tanto às comunicações para fins civis como para fins militares (ver artigo [ARPANET](#)), à [guerra eletrônica](#) e também à militarização do [espaço sideral](#), que vem sendo ampliada com a criação de comandos ou forças espaciais em diferentes [Forças Armadas](#) do mundo.

A geopolítica dos conflitos ou [guerras](#) de baixa intensidade, além do [terrorismo](#), [separatismo](#) e [extremismo](#), são de grande relevância geopolítica para o Brasil e a América do Sul, principalmente porque estas modalidades de conflitos, muitas vezes caracterizadas como "pequenas guerras", são as mais comuns na história dos países sul-americanos.

Como grandes nomes dos estudos geopolíticos clássicos no Brasil, podemos citar [Mário Travassos](#), [Carlos de Meira Mattos](#), [Golbery do Couto e Silva](#), [Therezinha de Castro](#) e [José Oswaldo Meira Penna](#).

Os estudos envolvendo temas de geopolítica, na atualidade, incluem inúmeros pesquisadores em diferentes centros de estudo e pesquisa das grandes Universidades brasileiras, principalmente ligados às áreas de [Geografia](#), [Ciência Política](#), [Política Internacional](#), [Estudos Estratégicos](#) e de [Segurança & Defesa](#).

Atualmente, centenas de pesquisadores civis e militares estudam temas da geopolítica e estudos estratégicos no Brasil, dos quais pode-se destacar: [Bertha Becker](#), [Demétrio Magnoli](#), [Leonel Itaussu Almeida Mello](#), [José William Vesentini](#), [João Carlos Moreira](#), [Eustáquio de Sene](#), [Theotonio dos Santos](#), [Darc Costa](#), [Nélson Werneck Sodré](#), [Yves Lacoste](#), [Octávio Tosta](#), [Wanderley Messias da Costa](#), [Paulo Gilberto Fagundes Vizentini](#), [Jacqueline de Oliveira Muniz](#), [José Luís Fiori](#), [Shiguenoli Miyamoto](#), [Marco Aurélio Chaves Cepik](#), [Rafael Duarte Villa](#), [Domício Proença Jr](#), [Salvador Ghelfi Raza](#), [Jorge Manoel da Costa Freitas](#), [Érico Esteves Duarte](#), [Eurico De Lima Figueiredo](#), [Eugenio Pacelli Lazzarotti Diniz Costa](#), [Vágner Camilo Alves](#), [Thomas Ferdinand Heye](#), [Tiago Cerqueira Campos](#), [João Roberto Martins Filho](#), [Friederick Brum Vieira](#), [Márcio Teixeira de Campos](#), [Nelio Marinho Nunes Ferreira](#), [Manuel Cambeses Jr](#), [Mauro Guedes Ferreira Mosqueira Gomes](#), [Mauro Cesar R. Pereira](#) e [Mário César Flores](#).

Referências

1. ↑ VEZENTINI, José William. "O que é Geopolítica? e Geografia Política?" <http://www.geocritica.com.br/geopolitica.htm>
2. ↑ VIZENTINI, Paulo G. F. (2000) *Os EUA, a OTAN e a Geopolítica do Império: o Caso da Guerra da Jugoslávia*. In: CARRION, Raul; VIZENTINI, Paulo G. F. (orgs). **A Crise do Capitalismo Globalizado na Virada do Milênio**. 1 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS/CEDESP-RS, 2000, p. 249-270.
3. ↑ VIZENTINI, Paulo G. F. *A vida após a morte: breve História mundial do presente pós- "fim da História"*. **Revista Tempo**, nº 16, p. 35-57, Rio de Janeiro, RJ. http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg16-3.pdf
4. ↑ CECEÑA, Ana E. (2002) *A batalha do Afeganistão*. p. 222-249. in: CECEÑA, A. E. & SADER, Emir (orgs) **A Guerra infinita**. Clacso: Buenos Aires. <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cecena/cecena.pdf>
5. ↑ FUSER, Igor (2005). **O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003)**. Dissertação de Mestrado. <http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/defesas/igor.pdf>
6. ↑ KLARE, Michael T. (2008) *A Nova Geopolítica da Energia*. **Agência Carta Maior**. http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15011
7. ↑ KLARE, Michael T. (2001) *The New Geography of Conflict*, **Foreign Affairs**. Vol. 8, nº 3, pg. 49-61, Edição de Maio/Junho de 2001. Council on Foreign Relations, Nova Iorque, EUA.
8. ↑ MELLO, Leonel Itaussu (1999). **Quem tem medo de Geopolítica?**. Edusp e Hucitec: São Paulo, SP.
9. ↑ MELLO, Leonel Itaussu (1999). **Quem tem medo de Geopolítica?**. p. 15-17
10. ↑ MELLO, idem, p. 27-69
11. ↑ MELLO, idem, p. 93-133
12. ↑ VIZENTINI, Paulo G. F. (2000). *Mercosul: Dimensões Estratégicas, Geopolíticas e Geoconômicas*. p. 27-41. In: LIMA, Marcos; MEDEIROS, Marcelo (Org.). **O Mercosul no Limiar do Século XXI**. CLACSO, São Paulo, 2000.
13. ↑ MONIZ BANDEIRA, Luis A. (2008). *O Brasil como potência regional e a importância estratégica da América do Sul na sua política exterior*. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 91, dezembro de 2008, <http://www.espacoacademico.com.br/091/91bandeira.htm>
14. ↑ MONIZ BANDEIRA, Luis A. (2008). *A importância geopolítica da América do Sul na estratégia dos Estados Unidos*. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 89, outubro de 2008, <http://www.espacoacademico.com.br/089/89bandeira.htm>
15. ↑ VIZENTINI, P. G. F. . *América do Sul: espaço geopolítico prioritário do projeto nacional brasileiro*. In: Aldo Rebelo; Luis Fernandes; Henrique Cardim. (Org.). *Política*

- externa do Brasil para o século XXI. Brasília: Câmara dos Deputados, 2003, v. , p. 183-211.
16. ↑ VESENTINI, José William (1996) **A capital da geopolítica**. Ed. Ática: São Paulo, SP
 17. ↑ MEIRA MATTOS, Carlos (2000). *A Geopolítica Brasileira – Predecessores e Geopolíticos*, **Revista da ESG**, nº 39, ano XVII, p. 58-82.
<http://www.cepen.org/pdfs/art07.pdf>
 18. ↑ BECKER, Bertha K. (2005). *Geopolítica da Amazônia. Estudos Avançados*, vol.19, n.53, p. 71-86. <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n53/24081.pdf>
 19. ↑ GIUDICE, Dante S.; TOLEDO Jr, Rubens (2007) *A Importância das Redes na Geopolítica Brasileira*. **Revista Mercator**, Vol. 6, n. 11
<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/53/28>
 20. ↑ HERZ, Daniel K. *TV a Cabo: opções de hoje para o Brasil do século XXI*. XVI Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação - Intercom, 03 a 07/09/1993, Vitória, ES. p. 5-7
 21. ↑ SILVA, José F. S. (2007) *Tecnologia de Fabricação, Lançamento e Rastreamento de Satélites para uma Comunicação Segura no Sistema Militar de Comando e Controle*. **IX Simpósio de Guerra Eletrônica**, 26 a 28/09/2007.
http://www.sige.ita.br/IX_SIGE/Artigos/CC_03.pdf

Bibliografia

- ARON, Raymond (2002). **Paz e Guerra entre as Nações**. FUNAG; Editora UnB: Brasília, DF.
- BAKKER, Mucio P.R. (1969) *O problema da delimitação das águas territoriais e a solução para o Brasil*. **Revista Marítima Brasileira**, nº 1-3 de 1969. Rio de Janeiro, RJ.
- BACKHEUSER, Everardo (1952). **Curso de Geopolítica Geral e do Brasil**. Bibliex: Rio de Janeiro, RJ.
- BANDEIRA, Luiz A. Moniz (2003). **Brasil, Argentina e Estados Unidos: Conflito e integração na América do Sul (da Triplique Aliança ao Mercosul – 1870 a 2002)**. Revan: Rio de Janeiro: .
- BANDEIRA, Luiz A. Moniz (2003). **Estado Nacional e política internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992)**. Ensaio: São Paulo, SP.
- BUENO, Clodoaldo e CERVO, Amado Luiz (2002). **A história da política exterior do Brasil**. Editora Universidade de Brasília: Brasília, DF.
- CARDOSO, Afonso José Sena (1998). **O Brasil nas Operações de Paz das Nações Unidas**. FUNAG: Brasília, DF.
- CASTRO, Theresinha de (1970). **África, geografia, geopolítica e relações internacionais**. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, RJ.
- CASTRO, Theresinha de (1994). **Nossa América: geopolítica comparada**. Biblioteca do Exército: Rio de Janeiro, RJ.
- CASTRO, Theresinha de (1997) *América do Sul: vocação geopolítica*.
<http://www.esg.br/cee/ARTIGOS/tcastro1.pdf>
- CASTRO, Theresinha de (org.) *O Mar, Enfoque Geopolítico*. **A Defesa Nacional**, nº 708, 1983.
- COUTO E SILVA, Golbery do (2003). **Geopolítica e Poder**. UniverCidade: Rio de Janeiro, RJ.
- COUTO E SILVA, Golbery do (1955). **Planejamento estratégico**. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, RJ.

- LAFER, Celso (2001). *Identidade Internacional do Brasil e a política externa brasileira*. Ed. Perspectiva: São Paulo, SP.
- MATTOS, Carlos de Meira (1975). *Brasil: geopolítica e destino*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, RJ.
- MATTOS, Carlos de Meira (1977). *A geopolítica e as projeções do poder*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, RJ.
- MATTOS, Carlos de Meira. (1990) *Geopolítica e Teoria de Fronteiras: Fronteiras do Brasil*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, RJ.
- MATTOS, Carlos de Meira (1984). *Geopolítica e trópicos*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, RJ.
- MATTOS, Carlos de Meira (1980). *Uma geopolítica Pan-Amazônica*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, RJ.
- MEARSHEIMER, John J. (2001). *The tragedy of great power politics*. W. W. Norton & Company: Nova Iorque, EUA.
- MELLO, Leonel Itaussu (1999). *Quem tem medo de Geopolítica?*. Edusp e Hucitec: São Paulo, SP.
- MORGENTHAU, Hans (2003). *A Política entre as Nações*. FUNAG; Editora UnB: Brasília, DF.
- MIYAMOTO, Shiguenoli (1985). *A geopolítica e o Brasil potência*. UNESP, Marília SP.
- PARET, Peter (org.). *Makes of modern strategy: from Machiaveli to the nuclear age*. Princeton University Press: Princeton, 1986.
- PROENÇA Jr, Domicio e DINIZ, Eugênio (1998). *A Política de Defesa no Brasil*. Editora UnB: Brasília, DF.
- PROENÇA Jr, Domicio, et all (1999). *Guia de Estudos de Estratégia*. Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, RJ.
- PENHA, Eli A. (1998) *Relações Brasil-África e Geopolítica do Atlântico Sul*. Tese de doutorado, Instituto de Geociências, UFRJ. Rio de Janeiro, RJ.
- PEREIRA, Analúcia Danilevicz (2004). *A política externa do Governo Sarney: a Nova República diante do reordenamento internacional (1985-1990)*. Editora UFRGS: Porto Alegre, RS.
- RIBEIRO, Antônio S. (2004) *A Consciência Estratégica dos Oceanos*. **Nação e Defesa**, Revista Marítima Brasileira, nº108, Verão de 2004.
http://www.idn.gov.pt/publicacoes/nacao_defesa/numeros/108.html
- SARDENBERG, Ronaldo (1995). *O Brasil e o papel das Nações Unidas na Manutenção da Paz e Segurança Internacionais*. Editora UnB: Brasília, DF.
- SENNES, Ricardo (2004). *As mudanças da política externa brasileira nos anos 80: uma potência média recém industrializada*. Editora UFRGS: Porto Alegre, RS.
- VESENTINI, José William (1996). *A capital da geopolítica*. Ed. Ática: São Paulo, SP
- VESENTINI, José Willian (2004). *Novas Geopolíticas*. 3ª ed. Ed. Contexto: São Paulo, SP.
- VIZENTINI, Paulo G. F. (198). *A política externa do Regime Militar brasileiro: multilateralização, desenvolvimento e a construção de uma potência média (1964 – 1985)*. Porto Alegre: Ed itora UFRGS, 1998.
- VIZENTINI, Paulo G. F. (2000). *Mercosul: Dimensões Estratégicas, Geopolíticas e Geoeconômicas*. p. 27-41. In: LIMA, Marcos; MEDEIROS, Marcelo (Org.). *O Mercosul no Limiar do Século XXI*. CLACSO, São Paulo, 2000.

- VIZENTINI, P. G. F. . *América do Sul: espaço geopolítico prioritário do projeto nacional brasileiro*. In: Aldo Rebelo; Luis Fernandes; Henrique Cardim. (Org.). *Política externa do Brasil para o século XXI*. Câmara dos Deputados, 2003, v. , p. 183-211. Brasília, DF.

Teoria geral do Estado

A **Teoria geral do Estado** (TGE) é a [disciplina](#) que estuda os fenômenos do [Estado](#), desde sua origem, formação, estrutura, organização, funcionamento e suas finalidades, compreendendo-se no seu âmbito tudo que considera existindo no Estado ou influenciando sobre ele. Ela sistematiza conhecimentos [jurídicos](#), filosóficos, sociológicos, políticos, históricos, [antropológicos](#), econômicos e psicológicos. Ela corresponde à parte geral do [Direito Constitucional](#) e é a base do ramo do [Direito Público](#). Busca o aperfeiçoamento do Estado, concebendo-o, ao mesmo tempo, como um fato social e uma ordem, que procura atingir os seus fins com [eficácia](#) e com [justiça](#).^[1]

A TGE pode ser abordada sob múltiplas orientações. [Dalmo Dallari](#) agrupa esses muitos enfoques em três diretrizes fundamentais: uma que procura encontrar justificativa para o Estado a partir dos valores éticos humanos e se identifica com a [Filosofia do Estado](#), outra que foca totalmente em fatos concretos e que aproxima-se da [Sociologia do Estado](#), e, finalmente, uma terceira perspectiva que analisa seu objeto de acordo com um entendimento puramente normativo de Estado em seus aspectos técnicos e formais.^[1]

Os diferentes enfoques levam à impossibilidade de um método único para a pesquisa em TGE. Dependendo do ângulo focado, haverá um método mais adequado. A disciplina utiliza dos vários métodos de [indução](#) (que partem dos fatos específicos para chegar a conclusões gerais), do [métodos dedutivos](#) (que parte das conclusões gerais para explicar o particular) e analógico (para estudos comparativos).^[1]

A denominação formal de Teoria geral do Estado é de origem [alemã](#), foi criada em [1672](#) pelo [Ulric Huber](#), o qual é objeto de críticas, pois não pode haver uma ciência que seja forçadamente geral, e sim uma Teoria Geral do Estado eminente, especulativa e que analisa o Estado em abstrato.

Em Portugal e no Brasil a Teoria geral do Estado vem, nos últimos tempos, se identificando com a [Ciência Política](#). Isso advém principalmente de um maior intercâmbio com o meio acadêmico [Estadunidense](#). Alguns mestres consagrados da TGE, como [Paulo Bonavides](#) e [Darcy Azambuja](#), publicaram obras de Ciência Política.^[1]

Referências

1. ↑ ^[1] ^[1] ^[1] ^[1] ^[1] DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de Teoria Geral do Estado. 19ª. Ed. São Paulo: Saraiva, 1995, pp. 1 a 6.

Bibliografia

- [DALLARI, Dalmo de Abreu](#). Elementos de Teoria Geral do Estado. 26 ed. São Paulo: Saraiva, 2007

- MALUF, Sahid. Teoria Geral do Estado. 26 ed. São Paulo: Saraiva, 2007

A Arte da Guerra



O início de *A Arte da Guerra*, em um livro de [bambu](#) da época do reino do [Imperador Qianlong](#), [século XVIII](#).

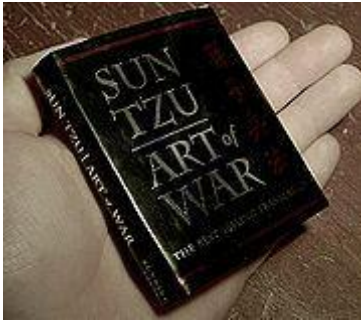
A Arte da Guerra ([chinês](#): 孫子兵法; [pinyin](#): sūn zǐ bīng fǎ literalmente "Estratégia Militar de Sun Tzu"), é um tratado militar escrito durante o [século IV a.C.](#) pelo estrategista conhecido como [Sun Tzu](#). O tratado é composto por treze capítulos, onde em cada capítulo é abordado um aspecto da estratégia de guerra, de modo a compor um panorama de todos os eventos e estratégias que devem ser abordados em um combate racional. Acredita-se que o livro tenha sido usado por diversos [estrategistas militares](#) através da história como [Napoleão](#), [Zhuge Liang](#), [Cao Cao](#), [Takeda Shingen](#), [Vo Nguyen Giap](#), [Mao Tse Tung](#) e o general brasileiro [Alberto Mendes Cardoso](#).

Desde [1772](#) existem edições européias (quatro traduções [russas](#), uma [alemã](#), cinco em [inglês](#)), apesar de serem consideradas insatisfatórias. A primeira edição ocidental tida como uma tradução fidedigna data de [1927](#).

A Arte da Guerra foi traduzido para o [português](#) por [Caio Fernando Abreu](#) e Miriam Paglia ([1995](#)).

Apesar da antiguidade da obra, nenhuma obra ou tratado é tão compreensível e tão atual quanto *A Arte da Guerra*.

Com seu caráter sentencioso, Sun Tzu forja a figura de um general cujas qualidades são o segredo, a dissimulação e a surpresa.



Edição de bolso americana de *A Arte da Guerra*.

Hoje, *A Arte da Guerra* parece destinado a secundar outra guerra: a das [empresas](#) no mundo dos negócios. Assim, o [livro](#) migrou das estantes dos estrategistas para as do [economista](#) e do [administrador](#)^[1]

Embora as [táticas](#) bélicas tenham mudado desde a época de Sun Tzu, esse tratado teria influenciado, segundo a [Enciclopédia Britânica](#), certos estrategistas modernos como [Mao Tsé-Tung](#), em sua luta contra os japoneses e os chineses nacionalistas.

Inclusive encontra-se nos escritos militares de Mao-Tse-Tung citações do livro *A Arte da Guerra* de Sun Tzu.

O general brasileiro Alberto Mendes Cardoso chamou o livro do Sun Tzu de clássico militar.

A guerra na época de Sun Tzu

Só poderemos apreciar a originalidade do pensamento de Sun Tzu se dispusermos de uma noção das diferenças qualitativas entre as artes de guerrear nos séculos IV e V e as de períodos anteriores. Até 500 a.C., a guerra era, de certo modo, ritual. Efetuavam-se campanhas sazonais, em conformidade com um código mais ou menos estabelecido. Estavam proibidas as hostilidades durante os meses das sementeiras e das colheitas, enquanto no inverno os camponeses semi-hibernavam nas suas cabanas de tijolos, sendo o frio demasiado para se poder combater. Também no verão era quente demais. Teoricamente, pelo menos, as guerras eram interrompidas durante os meses de nojo que se seguiam à morte de um senhor feudal. Em combate, não era correto bater em homens velhos ou aplicar qualquer golpe a quem já estivesse ferido. O governante de boa índole não "massacrava cidades", não "emboscava exércitos adversários", nem levava a guerra para além da estação própria, e nenhum príncipe que se prezasse se baixava a qualquer dissimulação ou aproveitaria qualquer oportunidade desleal.

Quando o rei Chuang, de Ch'u, cercava a capital de Sung, em 594 a.C., a certa altura os mantimentos começaram a escassear, tendo o seu ministro da Guerra observado: "Se os mantimentos nos acabam antes de subjurgarmos a cidade, teremos de voltar para casa".

O rei mandou que Tzu-fan subisse a rampa encostada à muralha, da cidade para apreciar os sitiados.

O príncipe de Sung enviou o seu ministro, Hua-Yuan, à muralha para o interceptar, tendo entre os dois ocorrido a seguinte troca de impressões:

Tzu-fan: "Como vão as coisas por aí?"

Hua-Yuan: "Estamos exaustos. Trocamos as crianças e comemo-las; partimo-lhes os ossos e os chupamos".

Tzu-fan: "Céus! Estão mesmo apertados! No entanto, tinham me dito que nas cidades cercadas era costume amordaçar os cavalos, quando lhes davam de comer, e enviar somente os ainda gordos ao encontro do inimigo. Como poderá o senhor ser tão franco?"

Hua-Yuan: "Consta-me que um homem superior sente compaixão quando vê outro sofrer e que o homem inferior se regozija com o sofrimento de outrem. Por isso fui franco".

Tzu-fan: "Assim é. Oxalá prevaleçam. O nosso exército tem rações para apenas sete dias".

Tzu-fan informou o rei Chuang da conversa, e este perguntou-lhe: "Como estão eles?"

Tzu-fan: "Exaustos. Trocam as crianças, comem-nas e partem-lhes os ossos para os chuparem".

Rei Chuang: "Céus! Estão mesmo apertados! Resta-nos vencê-los e regressarmos".

Tzu-fan: "É impossível. Já lhes disse que o nosso exército só tem rações para apenas sete dias".

Rei Chuang, zangado: "Mandei-te observá-los. Por que lhes disseste isso?"

Tzu-fan: "Se um Estado tão pequeno como Sung ainda dispõe de um súdito incapaz de mentir, como poderá Ch'u não ter um também? Foi por isso que lhe falei a verdade".

Rei Chuang: "Mesmo assim vamos vencê-los e regressar".

Tzu-fan: "Fique Vossa Majestade aqui. Eu, se mo permitirdes, voltarei para casa".

Rei Chuang: "Se fores para casa., deixando-me, com quem ficarei eu? Regressarei, como desejas".

E assim fez, acompanhando-o o Exército.

Os homens superiores apreciam fazer as pazes. Hua-Yuan contara a verdade a Tzu-fan, conseguindo que o cerco fosse levantado, mantendo-se intacta a integridade dos dois Estados.

Os filósofos e os reis faziam distinção entre guerras corretas e guerras incorretas. Era moralmente correio a qualquer príncipe esclarecido atacar "uma nação rústica e

obscura", civilizar os bárbaros, punir aqueles que voluntariamente desejavam manter-se na cegueira, ou sumariamente arrumar um Estado em degradação. Tais castigos, em perfeito acordo com a vontade do Céu, eram executados pelo próprio governante ou por um ministro por ele delegado. Os comandantes das diferentes colunas eram elementos da aristocracia hereditária, refletindo a graduação na hierarquia militar a posição na sociedade feudal. Maspero ilustrou essa questão num interessante estudo, onde demonstrou ter o comando dos exércitos do Centro de Chin sido, durante um século, a partir de 573 a.C., monopólio de algumas poucas famílias.

Os exércitos da China antiga eram particulares, tal como as levas feudais europeias o foram. A pedido do soberano, esperava-se que os elementos da nobreza concorressem com determinado número de carros, cavalos, carroças, bois, peões, cozinheiros e carregadores. O tamanho e o gênero desses contingentes variavam de conformidade com a importância dos feudos, que, oscilando entre poucas vintenas e muitos milhares de famílias, faziam com que os grupos, ao apresentar-se nos pontos de reunião fossem, por certo, extremamente variados.

Como um aldeão valia muito menos do que um boi ou um cavalo, o seu bem-estar não era motivo de grande preocupação. Os servos, analfabetos e dóceis, tinham lugar de pouca importância nas batalhas do tempo, onde o papel principal pertencia aos carros, quadrigas, equipadas com cocheiro, um lanceiro e um arqueiro nobre. Os dispensáveis aldeões, geralmente protegidos por jaquetas estofadas, agrupavam-se em torno dos carros. Um pequeno grupo de alguns selecionados entre eles dispunha de escudos de bambu entrançado ou, às vezes, de altamente incômodo e rudemente curtido couro de boi ou de rinoceronte. O seu armamento consistia em adagas ou espadas curtas, lanças de ponta de bronze e ganchos e lâminas cortantes atados com tiras de couro a varas de madeira. O arco era arma só para nobres.

O terreno apropriado aos carros ditava e restringia o decorrer da luta, limitando simultaneamente os elementos táticos. A estrutura feudal não admitia a existência de oficiais não originários da nobreza. As batalhas na China de antanho eram primitivas refregas, que a nada conduziam na maior parte dos casos. Usualmente, os opositores assentavam arraias frente a frente, assim se conservando durante vários dias, enquanto os adivinhos examinavam augúrios e os respectivos comandantes executavam sacrifícios propiciatórios.

Quando o auspicioso momento escolhido pelos vaticinadores chegava, toda a hoste, com gritaria que deveria fazer estremecer os céus, se lançava desordenadamente sobre o inimigo. Uma vez no local logo se chegava a uma decisão: ou o atacante era repellido e a sua retirada permitida, ou conseguia romper as formações contrárias, matava aqueles ainda com disposição para oferecerem oposição ativa, perseguia os fugitivos ao longo de umas centenas de metros, pilhava o que de valor houvesse e regressava ao acampamento ou à sua capital. Raramente se explorava qualquer vitória. Quando muito, apenas algumas ações limitadas e com objetivos limitados eram levadas a efeito.

Pouco antes de 500 a.C., os conceitos moderando o guerrear principiaram a alterar-se. A guerra tornava-se mais feroz. Uma batalha travada em 518 a.C. entre exércitos de Wu e Ch'u retrata-nos macabramente tais mudanças. Foi aqui que o visconde de Wu ordenou que três mil homens condenados se alinhassem frente às suas formações, onde, à vista

das hostes inimigas, todos se suicidaram cortando a garganta. Os exércitos de Ch'u e dos seus aliados, aterrados, debandaram.

Quando Sun Tzu surgiu, a estrutura feudal, ou, melhor, os seus últimos resquícios de degradação, já ia sendo substituída por um tipo completamente diferente de sociedade, onde o indivíduo de talento usufruía de muito mais possibilidades. A evolução era gradual, mas verificava-se em todos os campos, incluindo o militar. A originalidade e o empreendimento traziam recompensas...

Uma vez que as levadas transitórias de antes, de pouca confiança e ineficientes, já não eram consideradas como adequadas, os grandes Estados passaram a dispor de exércitos permanentes, comandados por oficiais profissionais. O sistema de mobilização foi introduzido junto dos camponeses. Os novos exércitos passaram a ser constituídos por tropas disciplinadas e bem preparadas, às quais se acresciam recrutas com idades variando entre os 16 e os 60 anos. À frente desses exércitos havia tropas de escol, ou de choque, especialmente escolhidas pela sua valentia, habilidade, disciplina e lealdade. A primeira das formações desse género apareceu cerca do ano de 500 a.C., chamando sobre si atenção suficiente para que Mo Tzu comentasse que o rei Ho-lü havia treinado as suas tropas durante sete anos, podendo os seus grupos de escol marchar 300 li (mais ou menos 180 km) sem descansar! Os "guardas" de Ch'u envergavam armadura e elmos, usavam bestas com quinze virotes emplumados, pontas de virote extra, espadas e um suprimento de arroz seco bastante para três dias. Na mesma ocasião surgiram unidades mais ligeiras também. Com exércitos permanentes, dessa forma constituídos, as operações deixaram de ser sazonais, podendo passar a ser levadas a cabo muito mais rapidamente e a representar ameaças bem mais constantes para os adversários em potência.

O tempo dos bravos e dos guerreiros, cuja farra provinha de proezas individuais, acabara. Combates singulares, característica própria de todas as sociedades feudais, poderiam ainda ocorrer aqui e além. Simplesmente, os generais recusavam-se a fazê-lo agora eles próprios.

Quando Wu Ch'i lutou contra Ch'in, houve um oficial que, antes de a batalha se iniciar, não pôde refrear o seu ímpeto. Adiantou-se, cortou algumas cabeças e regressou às suas linhas. Wu Ch'i mandou que o decapitassem.

O comissário do Exército admoestou-o: "Trata-se de um oficial de talento. Não o deveríeis decapitar".

Wu Ch'i contestou: "Acredito que seja talentoso, mas é desobediente".

Ordenou depois a execução do castigo.

As batalhas tinham-se mudado, transformando-se em operações perfeitamente orientadas. Nem os avançavam desapoitados, nem os covardes debandavam.

Elementos dos novos exércitos, capazes de movimentos coordenados e de acordo com planos preestabelecidos, funcionavam segundo sinais sistemáticos.

A ciência (ou arte) da tática havia nascido. O inimigo atacado por uma unidade cheng (ortodoxa) era vencido pelas unidades *ch'i* (não ortodoxa, única, rara, maravilhosa), sendo o costumeiro cheng agarrar-se ou fixar-se ao terreno, enquanto as unidades *ch'i* atacavam os flancos e a retaguarda. Os movimentos de diversão passaram a assumir grande importância e o sistema de comunicações do adversário, a ser um dos principais objetivos.

Muito embora não saibamos responder a muitas questões relativas a pormenores táticos, sabemos, pelo menos, que os fatores tempo e espaço eram calculados com perfeição. A convergência de várias colunas sobre um objetivo preestabelecido fazia parte de uma técnica que os chineses do tempo de Sun Tzu dominavam admiravelmente.

O conceito de "[Estado-maior](#)" teve a sua origem na era dos Estados Guerreiros. Estes Estados-maiores incluíam inúmeros especialistas, previsores meteorológicos, cartógrafos, oficiais comissários e engenheiros de túneis e minas. Havia ainda peritos na travessia de rios, de operações anfíbias, de inundações, de ataques com fogo e da utilização de fumo.

Já que o âmago do exército era composto por profissionais bem treinados, representando um pesado investimento, grande atenção era dada ao moral e à correta alimentação das tropas, aos prémios e aos castigos, esses últimos claramente codificados e com equidade concedidos ou administrados. O espírito do exército era, pois, acarinhado a ponto de, às ordens dos seus comandantes, os homens se sentirem dispostos a atirar-se sobre o ferro e o fogo. Os soldados que se distinguiam eram galardoados e promovidos. Tudo isso, lenta mas inexoravelmente, seguia minando a oposição da hierarquia hereditária na tropa.

A doutrina de uma responsabilidade coletiva durante as batalhas deve ter nascido a essa altura. Os comandantes que renunciavam sem autorização eram executados. Se uma seção batesse em retirada e o seu chefe prosseguisse lutando, aqueles que o haviam abandonado eram sumariamente decapitados. Se um comandante de coluna ou brigada recuasse sem ordens para tal, ficava sem a cabeça. Mesmo assim, a promulgação de códigos militares, por muito severos que fossem, correspondia a um passo em frente, e, se é certo que alguns generais os faziam cumprir implacavelmente, outros havia que reconheciam que um arbitramento aterrorizante não era o melhor modo de criar a vontade de combater. A profissionalização dos exércitos abria as portas a gente talentosa e, ao mesmo tempo, ia inibindo generais e oficiais quanto à prática de castigos incrivelmente cruéis e exigências exageradamente desnecessárias.

É claro que nem todos os generais do século IV a.C. atingiram as suas altas posições em virtude da sua habilidade. Era no entanto possível a um homem de valor ascender a postos de comando, independentemente da sua origem, aristocrática ou não, e receber, em investidura cerimonial, a *acha-de-arms* simbolizando a sua posição de comandante-chefe, com autoridade suprema quando fora da capital. A administração do exército e a sua utilização operacional caber-lhe-iam desse momento em diante. Quando um general passava para além das fronteiras, havia mesmo algumas ordens do seu soberano que poderia esquecer. Perante os seus oficiais, porém, estava sujeito à lei militar.

Melhorias técnicas também influíram na revolução havida na forma de guerrear na China. A introdução de bestas e de armas cortantes de ferro de qualidade suficientemente alta para poder receber e conservar um bom fio tiveram especial importância. Bem antes de a besta ter aparecido, já o arco de reflexão heterogénea era de emprego vulgar.

A besta, invenção chinesa do século IV a.C., disparava pesados virotes, suficientemente fortes para transformar em passadores quaisquer escudos gregos ou macedônios. Crê-se terem sido besteiros de grande pontaria quem tornou o emprego de carros de combate impraticável.

Os exércitos que Sun Tzu conheceu compunham-se de espadeiros, arqueiros, lanceiros (ou alabardeiros), besteiros e carros. A cavalaria só surgiria mais tarde, mas cavaleiros montando sem selas ou estribos já eram empregados como batedores e mensageiros. A infantaria servia-se de dois tipos de lanças, uma com cerca de cinco metros e outra com metade desse tamanho. Essas lanças possuíam um ferro misto, ou seja, uma ponta perfurante, e uma segunda lâmina cortante e enganchante. As lanças nunca serviam como arma de arremesso, visto os chineses já disporem na besta de uma arma de combate a curta distância, de trajetória horizontal, de imensa exatidão e tremenda força de impacto.

As operações no terreno eram normalmente feitas a partir de campos fortificados, traçados segundo a arquitetura das cidades chinesas: um quadrado encaixado em barrancos inclinados de terra rodeado por um fosso. Ruas ou paradas, cruzando-se nos sentidos norte/sul e leste/oeste, permitiam linhas de fogo interligadas. No centro, a bandeira do comandante-chefe drapeja-va sobre o seu quartel-general, rodeado pelas tendas engalanadas dos seus conselheiros e espadeiros de escol, sua guarda pessoal.

Antes de um exército sair do seu acampamento, formava para escutar as exortações do general, que, trovejando, os arengaria da justiça da sua causa e denegria o selvagem adversário. Os oficiais manifestariam grande satisfação e fariam juras e promessas sobre ensangüentados tambores de guerra. Enquanto a tropa bebia vinho, o seu ânimo era levantado pêlos rodopios de dançarinos de espadas.

Um exército chinês dos Estados Guerreiros em formação de combate devia ser um espetáculo impressionante, com as suas cerradas fileiras e vintenas e vintenas de estandartes repletos de bordados flutuando ao vento. Esses, decorados com tigres, aves, dragões, serpentes, fênix e tartarugas, apontavam a localização do comandante-chefe um pouco atrás do centro e da dos generais comandantes das alas. Movimentações contínuas perturbavam o inimigo e colhiam oportunidades para atuações ch'i contra os seus flancos e retaguarda.

A organização descrita por Sun Tzu dava grande mobilidade às forças em marcha, ao mesmo tempo que a sua grande articulação tornava possível um rápido desdobramento das unidades a entrar na luta. A quina, ou seção de cinco homens, tanto podia avançar a par como em fileira. E como se distribuía o armamento? Estariam os arqueiros e os besteiros em contingentes separados ou enquadrados em pequenas-seções de um "par" e um "trio"? Esses termos levar-nos-iam a crer que sim, mas, pelas escassas informações de que dispomos, parece que por ocasião da [batalha de Ma Ling](#) (341 a.C.) agrupavam-se separadamente.

Qual o alcance efetivo dos arcos e das bestas? Mais uma vez nos faltam dados, já que os números registrados não nos merecem confiança. Dizem-nos, por exemplo, que a besta atingia até 600 passos. Trata-se de um exagero, se o critério estivesse baseado no alcance mortal. A força da arma era medida pelo número de escudos que podia atravessar quando disparada de várias centenas de passos. O tipo de escudos não é, porém, descrito, o que torna as informações sem qualquer valor. Fosse como fosse, eram armas poderosas.

Que os processos de cerco já tinham atingido um estágio altamente refinado é confirmado pelos diversos fragmentos das obras de Mo Tzu, onde vários maquinismos e aparelhos destinados ao assalto de cidades muradas são mencionados. Escadas já eram empregadas muitos séculos antes do seu tempo, e no Livro dos Cânticos há menções a torres móveis, de vários andares, que se podiam encostar às muralhas, tal como a "tartarugas", móveis também, para a proteção de mineiros. Quanto a cercos, encontram-se mais pormenores no [Livro do Mestre Shang](#). Numa cidade cercada, toda a população era mobilizada, e três exércitos criados, sendo um de homens válidos, que, com provisões abundantes e armas aceradas, enfrentavam o inimigo, outro de mulheres robustas, que erguiam montes de terra, cavavam tocas-de-lobo e fossos, e, finalmente, um outro de crianças e velhos, que davam de comer e de beber, e guardavam o gado.

Em Sun Tzu encontram-se recomendações referentes ao reconhecimento tático, à observação, ao patrulhamento dos flancos, todas medidas que tendem a garantir marchas e acampamentos seguros. Sondar o inimigo antes da luta era essencial.

Desse modo, no século IV, ou algumas décadas mais cedo, a guerra na China já havia atingido a maioridade, estado que manteria, apenas com a oportuna adição da cavalaria, por muitas centenas de anos, sem alteração significativa.

Por esses tempos, os chineses dispunham de armas, dominavam táticas e técnicas ofensivas e defensivas que lhes permitiriam poder causar muito mais problemas ao grande Alexandre do que os gregos, os persas e indianos lhe causaram.

Capítulos

A obra é composta por 13 capítulos:

1. Planejamento Inicial (始計, [pinyin](#): Shǐjì)
2. Guerreando (作戰, [pinyin](#): Zuòzhàn)
3. Estratégia ofensiva (謀攻, [pinyin](#): Móugōng)
4. Disposições (軍行, [pinyin](#): Jūnxíng)
5. Energia (兵勢, [pinyin](#): Bīngshì)
6. Fraquezas e forças (虛實, [pinyin](#): Xūshí)
7. Manobras (軍爭, [pinyin](#): Jūnzhēng)
8. As nove variáveis (九變, [pinyin](#): Jiǔbiàn)
9. Movimentações (行軍, [pinyin](#): Xíngjūn)
10. Terreno (地形, [pinyin](#): Dìxíng)
11. As nove variáveis de terreno (九地, [pinyin](#): Jiǔdì)
12. Ataques com o emprego de fogo (火攻, [pinyin](#): Huǒgōng)

13. Utilização de agentes secretos (用間, pinyin: Yòngjiàn)

Entendendo A Arte da Guerra

A Arte da Guerra, obra permeada pelo pensamento [político](#) e filosófico do [Tao Te King](#), também se iguala ao grande clássico taoísta na estrutura formal, composta por uma coleção de [aforismos](#) em geral atribuídos a um autor obscuro e quase lendário. Alguns taoístas acreditam que o Tao-Te King seja a transmissão de um conhecimento antigo, compilado e elaborado pelo seu "autor", e não que seja uma obra totalmente original. O mesmo pode-se dizer de A Arte da Guerra. Seja lá como for, ambos os clássicos têm em comum a estrutura geral formada por nas centrais que reaparecem ao longo do texto em contextos diferentes.

1. Planejamento Inicial

O primeiro capítulo de A Arte da Guerra é dedicado à importância da estratégia. Como o clássico I Ching afirma: *"O líder planeja no início, antes de começar a agir"*, e *"o líder avalia os problemas e os previne."* Em termos de operações militares, A Arte da Guerra coloca cinco aspectos que devem ser determinados antes de empreender qualquer ação: Caminho, o clima, o terreno, a liderança militar e a disciplina.

Nesse contexto, o Caminho (Tao) se refere à liderança civil, ou, antes, ao relacionamento entre a liderança política e a população. Tanto na linguagem taoísta como na confucionista, um [governo](#) justo é descrito como *"imbuído pelo Tao"*, e Sun Tzu também fala do Caminho como aquele que *"induz o povo a ter o mesmo objetivo que os líderes"*.

O exame do [clima](#), o problema da estação mais propícia para a ação, também tem relação com o interesse pelo povo, significando tanto a população em geral quanto os militares. O ponto essencial, aqui, é evitar a interrupção das atividades produtivas do povo, as quais dependem das estações, e evadir extremos climáticos que poderiam criar obstáculo ou prejudicar as tropas no campo de [batalha](#).

O [terreno](#) deve ser avaliado em termos de [distância](#), grau de dificuldade para a [locomocão](#), [dimensões](#) e [segurança](#). A utilização de batedores e de guias nativos é importante nesse ponto porque, como diz o I Ching, *"Ir à caça sem um guia é perder o dia"*. Os critérios oferecidos por A Arte da Guerra para avaliar os líderes militares são as virtudes tradicionais, as mesmas que são recomendadas pelo [Confucionismo](#) e pelo [Taoísmo](#) medieval: a [inteligência](#), a confiabilidade, a humanidade, a [coragem](#) e a [austeridade](#). De acordo com o grande [budista](#) Chan, Fushan: *"Humanidade sem inteligência é como ter um campo, mas não ará-lo. Inteligência sem coragem é como ter uma vegetação florescente, mas não limpá-la das ervas daninhas. Coragem sem humanidade é saber colher, mas não saber semear."* As outras duas [virtudes](#), a confiabilidade e a austeridade, são as que possibilitam ao líder obter, respectivamente, a [lealdade](#) e a [obediência](#) das [tropas](#).

O quinto elemento a ser avaliado, a [disciplina](#), refere-se à coerência e à [eficiência](#) organizacional. A disciplina está muito ligada à confiabilidade e à austeridade, ambas desejáveis nos líderes militares, visto que ela utiliza os mecanismos correspondentes da recompensa e da [punição](#). Muita ênfase é posta na tarefa de estabelecer um sistema

claro e objetivo de prêmios e castigos que seja aceito pelos guerreiros como justo e imparcial. Este foi um dos aspectos mais importantes do [Legalismo](#), uma escola de pensamento que surgiu durante o período dos Estados Belicosos e que acentua mais o valor da organização racional e do estatuto da lei do que o de um governo [feudal](#) personalista.

Continuando a discussão dessas cinco avaliações, A Arte da Guerra passa a analisar a importância fundamental da simulação: *"Uma operação militar envolve simulação. Mesmo sendo competente, mostra-te incompetente. Embora eficiente, aparenta ser ineficiente."* É como o Tao-Te King recomenda: *"Quem tem grande habilidade mostra-se inapto."* O elemento surpresa, tão necessário para a [vitória](#) com o máximo de eficiência, depende de conhecer os outros sem ser por eles conhecido, de modo que o segredo e a informação distorcida são considerados artes essenciais.

Falando de maneira geral, a luta corpo a corpo é o último recurso do guerreiro habilidoso. Deste, Sun Tzu diz que deve estar preparado e, no entanto, tem de evitar o confronto direto com um adversário destemido. Mestre Sun recomenda que, em vez de dominar o inimigo diretamente, deve-se cansá-lo pela [fuga](#), fomentar a [intriga](#) entre seus escalões, manipular seus sentimentos e usar sua [ira](#) e seu [orgulho](#) contra si próprio. Assim, em síntese, a proposição inicial de A Arte da Guerra introduz os três aspectos principais da arte do guerreiro: o social, o [psicológico](#) e o [físico](#).

2. Guerreando

O segundo capítulo de A Arte da Guerra, sobre a batalha, ressalta as consequências domésticas da guerra, mesmo da guerra externa. A ênfase é posta sobre a velocidade e a eficiência, com advertências incisivas para não prolongar as operações, especialmente campo adentro. A importância de se conservar a energia e os recursos materiais recebe atenção particular. Para minimizar o desgaste que a guerra causa na economia e na população, Sun Tzu recomenda a prática de alimentar o inimigo e de usar as forças cativas por meio de um bom tratamento.

3. Estratégia ofensiva

O terceiro capítulo, planejamento do assédio, também acentua a conservação — o objetivo geral é chegar à vitória mantendo intacto o maior número possível de [bens](#), sociais e materiais, e não destruindo todas as pessoas e coisas que estejam no caminho. Neste sentido, Mestre Sun afirma que é melhor vencer sem lutar.

Várias recomendações táticas reforçam este princípio de conservação geral. Primeiro, por ser desejável vencer sem lutar, Sun Tzu diz que é melhor vencer os adversários logo no início das operações, frustrando assim seus planos. Se isso não for possível, Sun Tzu recomenda isolar o inimigo e torná-lo indefeso. Aqui também poderia parecer que o tempo é essencial, mas, na verdade, velocidade não significa pressa, e uma preparação completa se faz necessária. Sun Tzu conclui enfatizando que, obtida a vitória, esta deve ser completa e total, para evitar os custos de manutenção de uma força de ocupação.

O capítulo prossegue delineando as estratégias para a ação de acordo com o número relativo de protagonistas e de antagonistas, novamente observando que é mais prudente evitar pôr-se em circunstâncias desfavoráveis, se possível. O I Ching diz: *"É má fortuna teimar diante de circunstâncias insuperáveis."* Além disso, enquanto a formulação da estratégia depende de uma inteligência prévia, é também imperativo adaptar-se às

situações reais da batalha. Como afirma o I Ching: *"Chegando a um impasse, muda; depois de mudar, podes prosseguir."* Em seguida, Mestre Sun relaciona cinco modos de averiguar a possibilidade de vitória, de conformidade com o tema de que guerreiros hábeis lutam só quando têm certeza da vitória. De acordo com Sun, os vitoriosos são aqueles que sabem quando lutar e quando não lutar; os que sabem quando usar muitas ou poucas tropas; aqueles cujos oficiais e soldados formam uma unidade compacta; os que enfrentam os incautos com preparação; e os que são comandados por generais capazes que não são pressionados pelo governo.

Este último ponto é muito delicado, visto que põe uma responsabilidade moral e intelectual ainda maior sobre os líderes militares. Enquanto a guerra nunca deve ser deflagrada pelos militares, como mais adiante se explicará, mas pelo comando do governo civil, Sun Tzu afirma que uma liderança civil ausente que interfere de modo ignorante no comando de campo *"afasta a vitória embarçando os militares"*.

Novamente, a questão parece ser a do conhecimento; a premissa de que a liderança militar no campo não deve estar sujeita à interferência do governo civil baseia-se na idéia de que a chave para a vitória é o conhecimento profundo da situação real. Delineando esses cinco modos para determinar qual dos lados tem possibilidade de prevalecer sobre o outro, Sun Tzu afirma que quando conhecemos a nós mesmos e aos outros nunca estamos em perigo; quando conhecemos a nós mesmos, mas não aos outros, temos cinquenta por cento de possibilidade de vencer, e quando não conhecemos a nós próprios nem aos outros, estamos em perigo em qualquer batalha.

4. Disposições

O quarto capítulo de A Arte da Guerra trata da formação, uma das questões mais importantes da estratégia e do combate. Numa postura caracteristicamente taoísta, Sun Tzu declara que o segredo para a vitória são a adaptabilidade e a inescrutabilidade. Como o comentador Du Mu explica: *"A condição interior do informe é inescrutável, enquanto que a daqueles que adotaram uma forma específica é claramente manifesta. O inescrutável vence, o manifesto perde."* Neste contexto, a inescrutabilidade não é meramente passiva, não significa apenas afastar-se ou esconder-se dos outros; significa, sim, a percepção do que é invisível aos olhos dos outros e a reação a possibilidades ainda não percebidas por aqueles que só observam o manifesto. Discernindo oportunidades antes que sejam visíveis aos outros e agindo com rapidez, o misterioso guerreiro pode tomar conta da situação antes que as coisas se escoem por entre os dedos.

Seguindo esta linha de raciocínio, Sun Tzu volta a pôr ênfase na busca da vitória certa pelo conhecimento do momento de agir e de não agir. Torna-te invencível, diz ele, e enfrenta o adversário no momento em que ele é vulnerável: *"Os bons guerreiros tomam posição onde não podem perder e não descuidam das condições que tornam o inimigo propenso à derrota."* Revendo essas condições, Sun reelabora alguns dos pontos principais para a avaliação das organizações, tais como a disciplina e a ética versus ambição e corrupção.

5. Energia

O tema do capítulo quinto de A Arte da Guerra é a força, ou o ímpeto, a estrutura dinâmica de um grupo em ação. Aqui, Mestre Sun ressalta as habilidades organizacionais, a coordenação e o uso tanto de métodos de guerra ortodoxos como de

guerrilha. Ele enfatiza a mudança e a surpresa, empregando variações intermináveis de táticas e usando as condições psicológicas do adversário para manobrá-lo a posições vulneráveis.

A essência do ensinamento de Sun Tzu sobre a força é a unidade e a coerência na organização, utilizando a força do ímpeto antes de contar com as qualidades e habilidades individuais: "Bons guerreiros buscam a eficácia da batalha na força do ímpeto, não em cada pessoa." É esse reconhecimento do poder do grupo para equilibrar disparidades internas e para funcionar como um único corpo de força que distingue A Arte da Guerra do individualismo idiossincrático dos espadachins samurais do Japão feudal posterior, cujas artes marciais estilizadas são tão conhecidas no Ocidente. Esta ênfase é uma das características essenciais que tornou a antiga obra de Sun Tzu tão útil para os guerreiros organizados em corporação da Ásia moderna, entre os quais A Arte da Guerra é amplamente lida e ainda hoje considerada o clássico inigualável de estratégia no conflito.

6. Fraquezas e forças

O capítulo sexto aborda, a questão da *"vacuidade e da plenitude"*, já mencionadas como conceitos taoístas fundamentais geralmente adaptados às artes marciais. A idéia é encher-se de energia ao mesmo tempo que se esvazia o oponente. Como Mestre Sun diz, isto é feito para nos tornarmos invencíveis e para enfrentar os adversários somente quando estes são vulneráveis. Uma das mais simples dessas táticas é muito conhecida não apenas no contexto da guerra, mas também na manipulação social e dos negócios: *"Bons guerreiros atraem o inimigo a si; não são eles que atacam o inimigo."* Outra função da inescrutabilidade tão intensamente valorizada pelo guerreiro taoísta é a que recomenda conservar a própria energia ao mesmo tempo que se induz os outros a desperdiçar a sua: *"O objetivo de formar um exército é chegar à não-forma"*, diz Mestre Sun; assim, ninguém poderá elaborar uma estratégia contra ti. Ao mesmo tempo, diz ele, induz o adversário a organizar suas próprias formações, leva-o a esparramar-se; testa o oponente para sondar seus recursos e reações, mas permanece desconhecido.

Neste caso, o informe e o fluido não são apenas meios de defesa e surpresa, mas meios de preservar o potencial dinâmico, a energia que pode ser facilmente perdida por manter-se numa posição ou formação específica. Mestre Sun compara uma força bem-sucedida à água, que não tem forma constante, mas que, como observa o Tao-Te-King, prevalece sobre tudo a despeito de sua fraqueza aparente. Sun afirma: *"Uma força militar não tem formação constante, a água não tem forma constante. A habilidade de alcançar a vitória mudando e adaptando-se de acordo com o inimigo é chamada de genialidade."*

7. Manobras

O sétimo capítulo de A Arte da Guerra, sobre a luta armada, trata da organização efetiva no campo e das manobras de combate, e também reintroduz vários dos principais temas de Sun Tzu. Começando com a necessidade de informações e preparação, Sun afirma: *"Entra em ação somente depois de fazer a devida avaliação. Aquele que por primeiro avaliar a distância do perto e do longe vencerá — está é a lei da luta armada."* O I Ching diz: *"Prepara-te, e terás boa fortuna."* Novamente expondo sua filosofia tática minimalista/essencialista, característica que lhe é muito própria. Sun Tzu continua: *"Suga a energia do exército adversário, arranca o coração dos seus generais."* Retomando seus ensinamentos sobre a vacuidade e a plenitude, também afirma: *"Evita*

a energia intensa, ataca a moderada e a fugidia." Para aproveitar ao máximo os benefícios dos princípios da vacuidade e da plenitude, Sun ensina quatro tipos de habilidades essenciais ao guerreiro insondável: domínio da energia, domínio do coração, domínio da força e domínio da adaptação.

Os princípios da vacuidade e da plenitude também põem à mostra o mecanismo fundamental dos clássicos princípios yin-yang, sobre os quais os primeiros se baseiam, o mecanismo da reversão de um para o outro nos extremos. Mestre Sun diz: *"Não interrompas a marcha de um exército em seu retorno para casa. Um exército cercado deve ter uma saída. Não pressiones um inimigo desesperado."* O I Ching diz: *"O soberano usa três caçadores, deixando a caça à frente escapar", e "se fores muito inflexível, a ação será mal sucedida, mesmo que estejas certo."*

8. As nove variáveis

O capítulo oitavo é dedicado à adaptação, já vista como uma das pedras angulares da arte bélica. Mestre Sun assevera: *"Se os generais não souberem adaptar-se de modo vantajoso, mesmo que conheçam a disposição do terreno, não conseguirão tirar proveito dela."* O I Ching diz: *"Persiste intensamente no que está além de tua profundidade, e tua fidelidade a essa direção trará a desgraça, não o proveito."* A adaptabilidade depende naturalmente da prontidão, outro tema que se repete de A Arte da Guerra. Mestre Sun afirma: *"O preceito das operações militares é não supor que o inimigo não avance, mas dispor de meios para lidar com ele; não confiar que o adversário não ataque, mas esperar em ter o que não pode ser atacado."* O I Ching diz: *"Se te sobrecarregares sem ter uma base sólida, serás por fim exaurido, o que te trará dificuldades e má fortuna."* Em A Arte da Guerra, a prontidão não significa apenas preparação material; sem um estado mental apropriado, a mera força física não é suficiente para garantir a vitória. Mestre Sun define indiretamente as condições psicológicas do líder vitorioso, enumerando cinco perigos — ter muita disposição para morrer, ter muita ansiedade de viver, encolerizar-se com muita rapidez, ser puritano ou sentimental demais. Mestre Sun afirma que qualquer um desses excessos cria pontos vulneráveis que podem ser facilmente explorados por adversários astutos. O I Ching diz: *"Ao aguardar à beira de uma situação, antes que o tempo adequado para entrar em ação chegue, mantém-te alerta e evita ceder ao impulso — assim fazendo, não errarás."*

9. Movimentações

O capítulo nono trata de exércitos em manobras estratégicas. Mais uma vez Mestre Sun fala sobre os três aspectos da arte do guerreiro — o físico, o social e o psicológico. Em termos físicos concretos, ele recomenda certos tipos óbvios de terreno que favorecem as probabilidades de vitória: elevações, rio acima, o lado ensolarado dos morros, regiões abundantes de recursos. Com base nas três dimensões, descreve ainda os modos de interpretar os movimentos do inimigo.

Embora Mestre Sun nunca deixe de levar em conta o peso dos números ou do poder material, aqui como em outras partes há uma forte sugestão de que fatores sociais e psicológicos têm condições de superar o tipo de poder que pode ser quantificado fisicamente: *"Nas questões militares, não é necessariamente benéfico ter mais: benéfico é evitar agir agressivamente; é suficiente consolidar o teu poder, avaliar os adversários e conquistar o povo; isto é tudo."* O I Ching afirma: *"Quando tens os meios, mas não estás chegando a lugar nenhum, procura parceiros apropriados, e terás boa fortuna."*

Do mesmo modo, enfatizando o esforço do grupo dirigido, A Arte da Guerra diz: *"O individualista sem estratégia que considera os adversários com leviandade irá inevitavelmente tornar-se um cativo."* A [solidariedade](#) requer especialmente compreensão mútua e relação estreita entre os líderes e os liderados, adquirida tanto através da educação como do treinamento. O sábio confuciano Meneio disse: *"Os que enviam pessoas a operações militares sem educá-las as destroem."* Mestre Sun diz: *"Dirige-os pelas artes da cultura, unifica-os pelas artes marciais; isto é vitória certa."* O IChing diz: *"É boa fortuna quando os dirigentes dão suporte a seus dirigidos, ficando atentos a eles e deles extraindo suas potencialidades."*

10. Terreno

O capítulo décimo, que analisa a questão do terreno, dá continuidade às idéias de manobras técnicas e à adaptabilidade, delineando tipos de terreno e maneiras adequadas de se acomodar a eles. Requer-se reflexão para transferir os padrões desses tipos de terreno a outros contextos, mas o ponto fundamental está em considerar a relação do protagonista com as configurações do ambiente material, social e psicológico.

Mestre Sun adota esse ponto de vista com observações sobre as deficiências organizacionais fatais pelas quais o líder é responsável. Aqui, novamente, a ênfase está posta no moral da unidade: *"Considera teus soldados como filhos bem-amados, e eles de boa vontade morrerão contigo."* O [I Ching](#) diz: *"Os que estão acima asseguram seus lares pela bondade para com os que estão abaixo."* Apesar disso, ampliando a metáfora, Mestre Sun também adverte contra ser abertamente indulgente, o que traria como consequência tropas semelhantes a crianças mimadas. Este capítulo ressalta também a inteligência, no sentido de conhecimento preparatório. Sua definição inclui de modo particular a percepção clara das capacidades das próprias forças, da vulnerabilidade do adversário e da disposição do terreno: *"Quando conheces a ti mesmo e aos outros, a vitória não está ameaçada; quando conheces o céu e a terra, a vitória é inesgotável."* O I Ching diz: *"Sê cuidadoso no começo, e não terás dificuldades no fim."*

11. As nove variáveis de terreno

O décimo primeiro capítulo, intitulado "Nove Regiões", apresenta um tratamento mais detalhado do relevo, especialmente em termos do relacionamento de um grupo com o terreno. Pode-se compreender que essas "nove regiões" se aplicam não só ao mero território físico, mas também ao "território" em seus sentidos social e mais abstrato.

As nove regiões relacionadas por Mestre Sun são assim denominadas: região de dissolução, região leve, região de contenda, região de tráfego, região de intersecção, região pesada, região ruim, região sitiada e região de morte (ou mortal).

Uma região de dissolução é um estágio de guerra destrutiva para ambos os lados ou guerra civil. A região leve se refere a incursões marginais ao território inimigo. Uma região de contenda é a que pode ser vantajosa para ambos os lados de um conflito. Uma região de tráfego é aquela em que se verifica passagem livre. Região de intersecção é um território que controla artérias de comunicação importantes. Região pesada, em comparação com a leve, refere-se a incursões profundas no território adversário. Região ruim é terreno difícil ou imprestável. Região sitiada é a que tem acesso restrito, própria para emboscada. Região de morte é uma situação em que é necessário lutar imediatamente ou ser destruído.

Ao descrever a tática apropriada a cada tipo de região, Mestre Sun inclui uma reflexão sobre os elementos social e psicológico do conflito, na medida em que esses estão inextricavelmente ligados à reação ao ambiente: *"Devem-se examinar os seguintes aspectos: adaptação às diferentes regiões, vantagens da contração e da expansão, padrões de sentimentos humanos e condições."*

12. Ataques com o emprego de fogo

O décimo segundo capítulo de A Arte da Guerra, sobre o ataque com fogo, inicia com uma breve descrição dos vários tipos de ataque incendiário e inclui observações técnicas e estratégias para o acompanhamento.

Talvez porque, num sentido material comum, o fogo seja a forma mais perversa de arte marcial (os explosivos existiam no tempo de Sun Tzu, mas não eram usados militarmente), é neste capítulo que encontramos o mais ardente apelo pela humanidade, fazendo eco à idéia taoísta de que as *"armas são instrumentos de desgraça que devem ser usadas somente quando for inevitável"*. Concluindo abruptamente sua breve reflexão sobre o ataque com fogo, Mestre Sun diz: *"Um governo não deve mobilizar um exército motivado pela raiva, os líderes militares não devem provocar a guerra movidos pela cólera. Antes, debes agir se for benéfico; caso contrário, debes desistir. A raiva pode se transformar em alegria, a cólera pode se tornar prazer, mas uma nação destruída não pode ser restaurada para a existência, e os mortos não podem ser devolvidos à vida."*

13. Utilização de agentes secretos

O décimo terceiro e último capítulo trata da [espionagem](#), fechando assim o círculo com o capítulo inicial sobre a estratégia, para a qual a inteligência é essencial. Novamente guiando-se pelo minimalismo orientado para a eficiência e pelo conservadorismo, para os quais se voltam as habilidades que ensina, Mestre Sun começa falando da importância dos agentes de inteligência nos termos mais enfáticos: *"Uma operação militar de importância é um escoadouro grave da nação, e pode ser mantida por anos de luta pela vitória de um dia. Por isso, desconhecer as condições do inimigo por não querer recompensar a inteligência é algo extremamente desumano."*

A seguir, Sun define cinco tipos de espíões, ou agentes secretos. O espião local é contratado dentre a população de uma região em que as operações são planejadas. Um espião infiltrado é contratado entre os oficiais de um regime contrário. Um espião reverso é um agente duplo, contratado dentre espíões inimigos. Um espião morto é o que recebe a missão de levar informações falsas. Um espião vivo é o que vem e vai com informações.

Neste ponto, também existe um forte elemento social e psicológico na compreensão que Sun Tzu tem da complexidade prática da espionagem do ponto de vista da liderança. A Arte da Guerra inicia com a questão da liderança, e também termina com a observação de que o uso eficaz de espíões depende do líder. Mestre Sun diz: *"Não se pode utilizar espíões sem sagacidade e conhecimento, não se pode usar espíões sem humanidade e justiça, não se pode sem sutileza conseguir a verdade de espíões"*, e conclui: *"Só um governante hábil ou um general brilhante que pode utilizar os mais inteligentes para a espionagem tem garantia de sucesso."*

Análise de A Arte da Guerra

O verso inicial do clássico de Sun Tzu constitui uma chave para toda a sua filosofia. "A guerra é uma questão vital para o Estado. Torna-se de suma importância estudá-la com muito cuidado em todos os seus detalhes." Aqui, ele reconhece, sendo o primeiro a fazê-lo, que a luta armada não é uma aberração transitória, mas sim um ato consciente e periódico, suscetível de análise racional.

Sun Tzu acreditava que a força moral e as faculdades intelectuais do homem eram decisivas na guerra e ainda que, se estas fossem corretamente aplicadas, a guerra seria levada a cabo com sucesso, nunca devendo ser efetuada impensada ou desabridamente, mas sempre precedida de medidas que a tornassem fácil de vencer.

Ó grande vencedor frustrava os planos do seu inimigo e rompia as suas alianças. Abria clivagens entre o soberano e os seus ministros, entre comandantes e comandados, entre superiores e inferiores. Os seus espiões e agentes estariam ativos em todo o lado, recolhendo informes, semeando a discórdia e alimentando a subversão. O inimigo devia ser isolado e desmoralizado, a sua força de resistência quebrada. Só assim, e sem qualquer batalha, os seus exércitos seriam vencidos, as suas cidades tomadas e o seu Estado derrubado. Apenas e somente quando o adversário não pudesse ser dominado por aqueles meios se recorreria à força armada, a ser utilizada com a vitória como objetivo único:

- a) No menor espaço de tempo possível;**
- b) Com o mínimo de perda decidas e esforços possíveis;**
- c) Com o mínimo possível de baixas causadas ao inimigo.**

A unidade nacional era para Sun Tzu uma condição essencial para a guerra. Isso só podia ser conseguido graças a um governo devotado ao bem-estar do povo, e não à sua opressão. Sun Hsing-yen estava correto quando observava que as teorias de Sun Tzu se apoiavam na "benevolência e retidão".

Ligando a guerra ao seu mais próximo contexto político, às alianças ou a sua inexistência, à unidade e estabilidade internas e ao moral dos exércitos próprios, em contraste com a desunião dos adversários, Sun Tzu procurava estabelecer uma base realística para o cálculo racional das forças em confronto. A sua percepção quanto à intervenção na guerra de componentes mentais, morais, físicos e circunstanciais revela enorme acuidade. Muito embora Sun Tzu não tivesse sido a primeira pessoa a compreender que a força armada é o último dos árbitros nos conflitos entre Estados, foi de fato o primeiro a dar uma perspectiva real ao entrelaço físico.

Sun Tzu sabia das implicações econômicas da guerra. As suas referências a preços inflacionados, valores desperdiçados, limitações de abastecimentos e as inevitáveis sobrecargas impostas ao povo demonstram o seu conhecimento quanto à importância desses fatores, que até bem recentemente foram negligenciados.

Sun Tzu distinguia perfeitamente entre o que hoje definiríamos como "estratégia nacional" e "estratégia militar". Tal é evidenciado na sua dissertação sobre o cálculo das

forças a enfrentar-se, no capítulo 1, onde menciona cinco "assuntos" a ser ponderados nos conselhos: os humanos (o moral e o comando), os físicos (o terreno e o clima) e os doutrinários. Só com a certeza de superioridade nesses pontos encarregava-se o conselho da aferição de efetivos (que Sun Tzu não considerava como decisiva), qualidade das tropas, disciplina, equidade na administração, recompensas e castigos, e preparação.

Por fim, o vetusto escritor afirma não lhe parecer dever ser o objetivo de ações militares o aniquilamento do exército inimigo, a destruição das suas cidades e o devastamento do seu território. "As armas são sempre motivo de maus pressentimentos, a utilizar somente quando outra alternativa não houver."

Tzu-lu, um discípulo de Confúcio ocasião discutia guerra com o Mestre.

"Supondo que o comando das Três Hostes vos fosse entregue, quem levaríeis convosco para vos auxiliar?", perguntou Tzu-lu.

O Mestre respondeu-lhe: "O homem pronto a enfrentar um tigre ou um rio em fúria, sem se importar se iria morrer ou viver, seria o que eu não levaria. Levaria, sim, alguém que olhasse os problemas com a cautela devida e que preferisse o sucesso por meio de estratégia".

Todo o guerreiro se baseia no ludíbrio. Um general competente deve também ser um mestre nas artes complementares da, simulação e da dissimulação. Enquanto vai criando imagens para confundir e iludir o adversário, esconde as suas verdadeiras intenções e a sua real disposição. Quando capaz, simula incapacidade; quando próximo, finge estar longe; quando afastado, que está próximo. Movendo-se de um modo tão intangível como um fantasma à luz das estrelas, será invisível, inaudível. O seu objetivo primeiro será sempre a mente do comandante seu adversário, a situação vitoriosa, um resultado da sua imaginação criadora. Sun Tzu compreendeu que um preâmbulo indispensável em qualquer batalha era o ataque à mente do inimigo.

O perito chega-se ao seu objetivo indiretamente. Escolhendo uma rota imprópria e distante, poderá avançar 500km sem oposição e colher o inimigo de surpresa. Tal tipo de comandante preza acima de tudo a liberdade de ação. Odeia situações estáticas, e por isso só assedia cidades quando outra hipótese não há. Os cercos, dispendiosos em vidas e tempo, levam à abdicação do espírito de iniciativa.

O general sábio nunca é manipulado. Pode acontecer-lhe ter de recuar, mas, quando o faz, fê-lo com tanta rapidez que não é possível apanhá-lo. As suas retiradas destinam-se a atrair o opositor, a desequilibrá-lo, a criar situações apropriadas a contra-ataques, tornando-as pois, e paradoxalmente, ofensivas. Faz a guerra de movimento. Avança com rapidez alada, fere como os raios das "nove camadas celestes" Impõe situações que conduzam a decisões rápidas. Para ele, o fim da guerra é a vitória, e não unia série de operações a conduzir brilhantemente. É do seu conhecimento que as campanhas prolongadas esgotam o Tesouro, arrasam os soldados, fazem subir os preços e espalham a fome pelo povo. "Nenhuma nação jamais se beneficiou com uma guerra demorada."

O comandante competente só desfere o seu golpe quando seguro da vitória. A criação de situações permitindo-o é o último e real propósito dos generais. Antes de travar a batalha, o grande general obriga o inimigo a dispersar-se. Uma vez disperso e tentando defender-se em todos os lados, em todos os pontos fraqueja, sendo num desses pontos devidamente decidido que muitos baterão poucos. A vulnerabilidade, contudo, não se mede apenas fisicamente. Um comandante adversário pode ser vacilante, impetuoso, impulsivo, arrogante, teimoso ou facilmente ludibriável. Possivelmente, terá divisões mal treinadas, desinteressadas, acovardadas ou mal comandadas. Poderá ter escolhido posições inconvenientes ou dilatado demasiadamente as suas linhas, dispor de mantimentos insuficientes ou encontrarem-se exaustos os seus soldados. Todas essas condições representam pontos fracos, dando assim oportunidade a um general com imaginação para conceber um plano de ação vantajoso.

São exatamente esses mesmos fatores que delineiam o "molde" dos exércitos adversos, sendo de acordo com esse mesmo molde do seu oponente que o comandante prudente estabelece os seus planos. "Amoldem-no", recomenda Sun Tzu. Sempre preocupado com a observação e sondagem do inimigo, o general inteligente vai ao mesmo tempo tudo fazendo para não ser ele próprio "amoldado".

As ações dos instrumentos táticos do general, a força *cheng*, normal e direta, e a desusada e indireta força *ch'i*, são recíprocas. Os efeitos de arribas são fecundos. Podemos definir o elemento *cheng* como de fixação e o *ch'i* como de flanqueamento ou de envolvimento, ou ainda como a(s) força(s) de distração e de decisão. Há correlação nos golpes por elas produzidos. O *cheng* e o *ch'i* são como dois aros interligados. "Quem sabe onde começa um e acaba o outro?" A suas comutações possíveis são infinitas. Um esforço *cheng* pode passar a *ch'i*, e um *ch'i*, a *cheng*. Desse modo, pode-se redefinir um ataque *ch'i* como aquele que se executa quando uma decisão é rapidamente materializável, numa área das defesas inimigas caracterizada por vazios e fissuras.

Uma operação *ch'i* é sempre inesperada, fora do comum, e não ortodoxa; uma *cheng* será mais patente, mais óbvia. Quando Sun Tzu recomendava para se iniciar com o *cheng*, mas vencer com o *ch'i*, insinuava serem necessárias as movimentações ludibrias como garantia de os golpes decisivos virem a ser dados onde o inimigo menos preparado estiver e onde menos o esperar. É fato, porém, que procurar limitar as conotações entre os dois termos, identificando-os somente com forças em luta, se tomará desencaminhador, já que as operações *ch'i* e *cheng* também podem ser levadas a efeito no campo da estratégia. Para Sun Tzu, a função de um general consiste, parcialmente, em criar alterações e manipulá-las, depois, em proveito próprio. O verdadeiro general pondera a situação antes de se movimentar. Não cai, sem objetivos, em engodos armadilhados. É prudente, mas não hesitante. Compreende haver "alguns caminhos que não devem ser seguidos, alguns exércitos a não serem atacados, algumas cidades a não serem cercadas, algumas posições a não serem disputadas e algumas ordens do soberano a não serem acatadas". Assume riscos ponderados, mas nunca os toma por tomar. Não "enfrenta um tigre nem um rio em fúria sem se importar se vai viver ou morrer", mas, quando a oportunidade lhe surge, age rápida e decisivamente.

A teoria de Sun Tzu, da adaptabilidade às situações, constitui uma importante faceta do seu pensar. Tal como a água se adapta à conformação do terreno, também em guerra terá de ser adaptável, empregando-se com frequência táticas de conformidade com as posições dos adversários. Isso não é, de modo algum, um conceito passivo, dado que, se

se der trela suficiente ao inimigo, ele próprio, muitas vezes, se esganará nela. Em determinados casos, deixar-se-ão perder cidades, sacrificar-se-ão porções das próprias forças ou ceder-se-á terreno com o intuito de se ganhar qualquer outro objetivo mais valioso. Este tipo de cedências, disfarçando propósitos maiores, não é mais do que ainda outra das características da flexibilidade mental típica do guerreiro especialista.

Sun Tzu mostra-se conhecedor das contingências e vantagens do clima, preocupando-se de igual modo com o terreno. O general conhecedor do terreno leva o inimigo para o campo perigoso que ele próprio evitará. Escolhe o lugar onde vai pelejar, atrai o inimigo para lá e lá o combate. Para Sun Tzu, um general incapaz de se servir do terreno era ineficaz como comandante.

O capítulo de Sun Tzu a propósito de operações secretas e hoje tão pertinente como quando o compôs, devendo no entanto recordar-se o fato de ele estar já perfeitamente ciente da precisão de compartimentação (celulização) e atuação em todos os planos. Tampouco o valor que atribui aos agentes duplos pode, de modo algum, escapar à nossa atenção. Igualmente as quintas colunas, bem conhecidas pelos chineses e gregos do passado, foram devidamente consideradas por Sun Tzu. O Ocidente pôde recentemente apreciar os seus efeitos, bem como os esforços para as combater, nem sempre com total sucesso. Parece que a análise de Tu Mu quanto às personalidades mais suscetíveis de aliciamento para subversão ainda é bastante merecedora de estudo. Foi com este ensaio, que horrorizou tantos confucionistas ortodoxos, que Sun Tzu terminou a sua obra **A Arte da Guerra**

Análise de militares sobre A Arte da Guerra

General Alberto Mendes Cardoso:

"Apenas em 1772 o ocidente tomou conhecimento do tratado de Sun Tzu, por intermédio da versão de um missionário jesuíta em Pequim, Padre Amiot, publicado em Paris. Sua reedição de 1782 pode, perfeitamente, ter sido lida por Napoleão, então jovem oficial, reconhecido por sua extraordinária curiosidade intelectual, que o fazia leitor ávido de todas as novas ideias publicadas. Creio, mesmo, que a preferência do grande corso pelas manobras de ala e sua engenhosa capacidade de fazer o inimigo dispersar-se, enquanto ele concentrava suas forças, tem algo a ver com as ideias de manobra indireta e de concentração para a batalha do Mestre chinês. E mais: não tivesse a viúva de Clausewitz feito publicar o '[Da Guerra](#)', na década de 1830, tão pobremente interpretado em seu conceito do 'forte contra o forte do inimigo' e tão distorcidamente exaltado com base nas campanhas vitoriosas de [Napoleão](#), e a manobra política e estratégica indireta proposta por Sun teria preponderado no século XIX e se projetado no século XX, com grande probabilidade de haver impedido as desgraças de 1870, 1914 e 1939. O Ocidente somente se deu conta desse desnorreamento de rumo, quando as potências terrestres da Eurásia lhe mostraram, após a II Guerra Mundial, que liam [Clausewitz](#) de maneira inversa e que adotavam os princípios de Sun Tzu como dogmas. A política era a continuação da guerra e a estratégia para sua execução deveria ser indireta. Stalin, Krushev e Mao foram mestres de péssimos alunos ocidentais. No Oeste, as únicas vozes de peso que se levantaram, advertindo para o erro, foram, inicialmente, [Liddell Hart](#), na Estratégia Operacional, e, mais tarde, [André Beaufre](#), na Estratégia Nacional, Total ou Grande Estratégia. Ambos retiram do 'artifício do desvio' do autor chinês as bases para as suas 'aproximação indireta' (L. Hart) e 'estratégia

indireta" (Beaufre). Porém, é o inglês quem mais deixa evidente a origem Suntzuniana de sua teoria da 'essência concentrada da estratégia operacional e da tática', com a sequência 'nossa dispersão — dipersão do inimigo—nossa concentração' e com a esmagadora preponderância de quinze citações de pensamentos de Sun contra apenas cinco de outros clássicos, na abertura de seu livro-mor. Verifica-se, modernamente, o crescimento da atenção dedicada ao estudo dos Treze Capítulos nas Forças Armadas dos principais países. Inglaterra, França, Japão, Estados Unidos, União Soviética e a própria China capitaneiam essa atividade. Quanto a nós, no Brasil, é preciso tirá-los de algumas poucas prateleiras onde aguardam nossa atenção e transformá-los em Treze Momentos da guerra e da vida." - **Os 13 Momentos do general [Alberto Mendes Cardoso](#).**

General Samuel B. Griffith:

"Ssu-ma Ch'ien, cujo monumental Shih Chi (Arquivos Históricos ou Arquivos do Historiador) foi concluído pouco depois do ano 100 a. C., conta-nos que Sun Wu era natural do estado de Chi, e apresentou sua A arte da guerra, no final do século VI a. C., a Ho-lü, rei do semibárbaro povo Wu. Por centenas de anos, contudo, estudiosos chineses têm questionado a veracidade dessa biografia. A maioria deles concorda em afirmar que o livro não poderia ter sido escrito na época citada por Ssu-ma Ch'ien. Meu estudo sobre o texto sustenta-se nessa opinião e aponta para o século IV a. C. como a época em que o livro foi escrito. A série de ensaios de Sun Tzu não merece nossa atenção e interesse meramente como uma curiosidade do mundo antigo. A arte da guerra é bem mais que isso. Trata-se de uma obra abrangente e bem-elaborada, que se destaca pelo caráter perceptivo e imaginativo que durante séculos lhe garantiu posição de destaque no cânone da literatura militar chinesa. Esta primeira obra entre os 'clássicos marciais' recebeu a atenção devotada de centenas de soldados e estudiosos chineses e japoneses. Entre os mais famosos, temos Ts'ao Ts'ao (155-220 d. C.), o grande general do período dos Três Reinos e fundador da dinastia Wei. Durante o século XI, suas análises sobre o texto, juntamente com as observações de dez dos mais respeitados comentadores, foram compiladas em uma edição 'oficial'. No último quarto do século XVIII, essa edição foi revisada e comentada por Sun Hsing-yen, versátil estudioso e renomado crítico literário. Desde então, a sua versão, na qual baseei a tradução, tem sido considerada na China como padrão. O mundo ocidental tomou contato com a obra de Sun Tzu pela primeira vez por meio de um missionário jesuíta em Pequim, o padre J. J. M. Amiot, cuja interpretação A arte da guerra foi publicada em Paris em 1772, período em que a imaginação dos artistas, artesãos e intelectuais franceses vinha sofrendo forte influência do recém-descoberto mundo das artes e das letras chinesas. Publicações da época trouxeram resenhas favoráveis sobre o livro e o trabalho de Amiot teve ampla aceitação. Foi novamente publicado em uma antologia em 1782. É possível que tenha sido lido por Napoleão, conforme afirmou recentemente um editor chinês. Quando jovem oficial, o futuro imperador era um leitor ávido; é pouco provável que este singular ensaio tenha escapado à sua atenção. Além da versão de Amiot, haveria ainda quatro traduções para o russo e pelo menos uma para o alemão. Nenhuma das cinco traduções para o inglês é satisfatória; mesmo a de Lionel Giles (1910) deixa muito a desejar. Sun Tzu percebeu que a guerra, 'uma questão de vital importância para o Estado', exigia estudo e análise; é sua a primeira tentativa de formular uma base racional de planejamento e execução de operações militares. Diferentemente da maioria dos escritores gregos e romanos, Sun Tzu não estava particularmente interessado na elaboração de estratagemas complexos ou técnicas

superficiais e transitórias. Seu objetivo consistiu em desenvolver um tratado sistemático destinado a orientar governantes e generais na condução inteligente de uma guerra bem-sucedida. Em sua concepção, o estrategista vabilidoso deve ter a capacidade de subjugar o exército inimigo sem lutar contra ele, invadir cidades sem sitiá-las, derrubar governos sem o uso de espadas sangrentas. Sun Tzu tinha plena consciência de que um combate envolve muito mais que o confronto entre homens armados. ‘Os números, isoladamente’, afirma, ‘não representam qualquer vantagem.’ Ele atribuiu maior importância aos aspectos morais, intelectuais e circunstanciais envolvidos na guerra do que propriamente aos físicos, e advertiu reis e comandantes para que não depositassem sua confiança única e exclusivamente no poderio militar. Não concebia a guerra como massacre e destruição; conquistar deixando tudo intacto, ou tão intacto quanto possível, era o maior objetivo da estratégia empregada. Sun Tzu estava convencido de que o planejamento cuidadoso, baseado em informações confiáveis sobre o inimigo, contribuiria para uma decisão militar rápida. Ponderou o efeito da guerra sobre a economia e, sem sombra de dúvida, foi o primeiro a observar que a inflação dos preços era uma consequência inevitável das operações militares. ‘Nenhum país’, escreveu, ‘jamais se beneficiou de uma guerra prolongada.’ Ele observa a influência decisiva dos suprimentos durante as operações militares e, entre outros fatores, discute a relação entre o soberano e seu comandante; as qualidades morais, emocionais e intelectuais do bom general; organização, manobras, controle, terreno e condições climáticas. Na visão de Sun Tzu, o exército era o instrumento que desfechava o coup d’état em um inimigo já tornado vulnerável. Antes do início das hostilidades, agentes secretos cuidavam de romper as alianças do inimigo e realizavam diversas atividades subversivas. Suas missões compreendiam espalhar falsos rumores e informações enganosas, corromper e subverter oficiais, criar e aumentar a discórdia interna e sustentar quintas-colunas. Enquanto isso, os espiões, atuando em todos os níveis, informavam sobre a situação do inimigo. Os planos ‘de vitória’ são baseados em seus relatórios. O marechal Shaposhnikov não foi o primeiro a compreender que o pré-requisito para a vitória é ‘efetuar os devidos preparativos no campo do inimigo para que o resultado seja definido antecipadamente’. Assim prossegue o ex-comandante do Exército Vermelho, em uma notável paráfrase de Sun Tzu: ‘o exército vitorioso ataca um inimigo desmoralizado e derrotado’. A arte da guerra tem exercido profunda influência ao longo de toda a história da China e no pensamento militar japonês; é a fonte das teorias estratégicas de Mao Tse-tung e da doutrina tática dos exércitos chineses. Por meio dos mongóis-tártaros, as ideias de Sun Tzu foram transmitidas à Rússia e tornaram-se parte substancial da herança oriental daquele país. Assim, A arte da guerra constitui leitura obrigatória aos que pretendem obter um entendimento mais aprofundado da notável estratégia desses dois países nos dias de hoje." - **General Samuel B. Griffith no prefácio de sua tradução de A Arte da Guerra**

Trechos do livro

- *"A invencibilidade está na defesa; a possibilidade de vitória, no ataque. Quem se defende mostra que sua força é inadequada; quem ataca, mostra que ela é abundante."*
- *"Existem cinco fatores que permitem que se preveja qual dos oponentes sairá vencedor:*
 - *aquele que sabe quando deve ou não lutar;*
 - *aquele que sabe como adotar a arte militar apropriada de acordo com a superioridade ou inferioridade de suas forças frente ao inimigo;*

- o *aquele que sabe como manter seus superiores e subordinados unidos de acordo com suas propostas;*
- o *aquele que está bem preparado e enfrenta um inimigo desprevenido;*
- o *aquele que é um general sábio e capaz, em cujas decisões o soberano não interfere."*
- *"A água não tem forma constante. Na guerra também não existem condições constantes. Por isso pode-se dizer que é divino aquele que obtém uma vitória alterando as suas táticas em conformidade com a situação do inimigo."*
- *"Dos cinco elementos, nenhum é predominante; das quatro estações nenhuma dura para sempre; os dias, uns são longos, outros curtos; a Lua enche e mingua."*
- *"Aquele que conhece o inimigo e a si mesmo lutará cem batalhas sem perigo de derrota; para aquele que não conhece o inimigo, mas conhece a si mesmo, as chances para a vitória ou para a derrota serão iguais; aquele que não conhece nem o inimigo e nem a si próprio, será derrotado em todas as batalhas"*
- *"Evitar guerras é muito mais gratificante do que vencer mil batalhas - Sun tzu (孫子)"*

Panorama histórico

A Arte da Guerra foi escrito durante o assim chamado período dos Estados Belicosos da antiga China, que durou do quinto ao terceiro século a.C. Constituiu uma época de prolongada desintegração da dinastia Chou (Zhou), que fora fundada havia mais de quinhentos anos pelos sábios políticos que escreveram o I Ching. O colapso da antiga ordem foi marcado pela desestabilização das relações entre os Estados e pelo estado de guerra interminável entre os aspirantes à hegemonia em meio aos padrões de aliança e oposição sempre em mudança.

O prefácio a Estratégias dos Estados Belicosos (Zhanguo ce / Chan kuo ts'e), uma coleção clássica de histórias sobre as questões políticas e militares dos Estados feudais desse tempo, nos oferece uma descrição gráfica do período dos Estados Belicosos:

Usurpadores se proclamam senhores e reis, Estados governados por pretendentes e conspiradores reforçam seus exércitos para se tornarem superpotências. Imitavam-se cada vez mais nisso, e sua descendência seguiu-lhes o exemplo. No fim, enfrentaram-se e destruíram-se uns aos outros, conspirando com territórios maiores e anexando territórios menores, passando anos em operações militares violentas, enchendo os campos com morticínio. Pais e filhos não estavam próximos uns dos outros, irmãos não estavam seguros uns com os outros, maridos e mulheres se separavam — ninguém podia responder por sua vida. A virtude desapareceu. Nos anos posteriores, isto se tornou cada vez mais extremado, com sete grandes Estados e cinco pequenos Estados lutando uns contra os outros pelo poder. Em geral, isso acontecia porque os Estados Belicosos eram vergonhosamente gananciosos, lutando insaciavelmente para desenvolver-se.

O grande educador e filósofo humanista Confúcio, que viveu exatamente na véspera da era dos Estados Belicosos, passou a vida trabalhando contra a deterioração dos valores humanos que determinou o mergulho de sua sociedade em séculos de conflito. No clássico Os Analectos, de Confúcio, o surgimento iminente dos Estados Belicosos é previsto numa vinheta simbólica do encontro de Confúcio com um governante a quem

tentou advertir: "O duque Ling, do Estado de Wei, perguntou a Confúcio sobre formações militares. Confúcio respondeu: 'Aprendi sobre a disposição de vasos rituais, mas nunca estudei questões militares', e partiu no dia seguinte." Como que representando o desaparecimento do espírito humanitário ("Confúcio partiu no dia seguinte") do pensamento e das considerações dos governantes nos séculos de guerra por vir, esta história é retomada pelo filósofo taoísta Chuang-tzu, que viveu no quarto e terceiro séculos a.C., exatamente em meio ao período dos Estados Belicosos. De acordo com o desdobramento que Chuang-tzu faz do tema, Yen Hui, o mais brilhante discípulo de Confúcio, dirigiu-se ao mestre e perguntou-lhe sobre a possibilidade de ir ao Estado de Wei. Confúcio perguntou-lhe: "O que irás fazer lá?" Yen Hui respondeu: "Ouvi dizer que o governante de Wei, no vigor da mocidade, tem um comportamento arbitrário — explora seu país por capricho e não percebe seus próprios erros. Explora seu povo frivolamente, mesmo até a morte. Massas incontáveis morreram naquele Estado, e o povo não tem para onde voltar-se. Ouvi meu mestre dizer: 'Deixa um Estado ordenado e vai a um Estado em desordem — junto à porta do médico, muitos são os doentes.' Eu gostaria de usar o que aprendi para avaliar a orientação que oferece, de modo que o Estado de Wei possa ser curado."

Confúcio disse: "Estás inclinado a ir, mas apenas receberás punição."

Muito poucas pessoas da época deram ouvidos ao humanismo pacifista de Confúcio e de Mêncio. Alguns dizem que isso ocorreu porque não podiam implementar as políticas propostas pelos confucianos originais; outros dizem que não podiam implementar as políticas porque não prestavam atenção, porque não queriam ser humanitários e justos de fato.

Por outro lado, os que ouviam o humanismo pacifista de Lao-tzu e Chuang-tzu em geral se escondiam e trabalhavam sobre o problema por ângulos diversos. Lao-tzu e Chuang-tzu mostram que o homem agressivo parece cruel, mas na verdade é um tipo emocional; então, eles assassinam o emocional com real crueldade antes de revelar a natureza espontânea da humanidade livre.

Os antigos mestres taoístas mostram como a crueldade real, a frieza da objetividade plena, sempre inclui a pessoa em sua avaliação incisiva da situação. O Buda histórico, um contemporâneo de Confúcio, ele próprio descendente de um clã de guerreiros num tempo em que esta casta estava consolidando seu domínio político, disse que o conflito cessaria se fôssemos conscientes de nossa própria morte.

Esta é a impiedade de Lao-tzu quando ele diz que o universo é desumano e que o sábio vê o povo como cães de palha usados para sacrifícios rituais. Chuang-tzu também apresenta diversos exemplos dramáticos de impiedade com relação a si mesmo como um exercício em perspectiva destinado a levar à cessação do conflito interno e externo.

Essa "desumanidade" não é utilizada pelos filósofos originais como uma justificativa para uma agressão possessiva quase cruel, mas como uma meditação sobre a falta de sentido último da cobiça e da possessividade que subjazem à agressão.

Na Índia, os aspirantes budistas visitavam locais de cremação e contemplavam os cadáveres em decomposição daqueles cujas famílias não dispunham de recursos para uma cerimônia de cremação. Faziam isso para eliminar a cobiça e a possessividade de

dentro de si mesmos. Depois, voltavam o pensamento para pessoas e sociedades ideais.

Da mesma maneira, Mestre Sun sugere que os leitores contemplem a devastação provocada pela guerra, desde as fases iniciais de traição e alienação até as formas extremas de ataque incendiário e assédio, vista como uma espécie de canibalismo em massa dos recursos humanos e naturais. Com este mecanismo, ele fornece ao leitor um sentimento mais ampliado para o significado das virtudes individuais e sociais esposadas pelos pacifistas humanitários.

Deste ponto de vista, é natural que se pense sobre a linha taoísta de A Arte da Guerra não como um elemento cultural casual, mas como uma chave para a compreensão do texto em todos os seus níveis. Pela natureza de sua temática manifesta, A Arte da Guerra exigia a atenção das pessoas que tinham menos possibilidades de compreender os ensinamentos pacifistas dos humanistas clássicos.

Como o I Ching preservou certas ideias filosóficas ao longo de toda espécie de mudança política e social pela sua popularidade como oráculo e como livro de conselhos, assim A Arte da Guerra conservou o âmago da filosofia prática taoísta da destruição pela sua antítese.

Muitas vezes se pensa que o paradoxo é um instrumento padrão da psicologia taoísta, utilizado para transpor barreiras imperceptíveis de consciência. Talvez o paradoxo de A Arte da Guerra esteja na sua oposição à guerra. E como A Arte da Guerra guerreia contra a guerra, assim o faz por seus próprios princípios; ela se infiltra nas linhas inimigas, revela os segredos do inimigo e muda o coração das tropas adversárias.

A Arte da Guerra e o taoísmo

Relações com a medicina tradicional chinesa e com as artes marciais

Diz a lenda que um nobre da antiga China certa vez perguntou ao seu médico, membro de uma família de terapeutas, qual dos seus familiares era mais hábil na arte da [medicina](#).

O médico, de uma reputação tão difundida que seu nome era sinônimo da própria ciência médica na China, respondeu:

«Meu irmão mais velho percebe o espírito da doença e o remove antes que possa assumir qualquer forma, e por isso seu nome não sai de casa.

Meu segundo irmão mais velho cura a doença quando esta ainda é bem pequena, e por isso seu nome não passa da vizinhança.

Quanto a mim, perfuro as veias, prescrevo poções e massageio a pele, e por isso, de tempos em tempos, meu nome cruza as fronteiras e chega aos ouvidos dos nobres.»

Nenhum outro conto da antiga China capta de maneira tão bela a essência de A Arte da Guerra, o clássico mais importante sobre a ciência da estratégia no conflito. Um crítico da dinastia Ming assim se expressa a respeito dessa historieta do médico:

«Nada além disso é necessário aos líderes, generais e ministros no governo das nações e na condução dos exércitos.»



[Yang Chengfu](#) divulgou o [Tai Chi Chuan](#) na [China](#) tanto como [arte marcial](#) quanto como prática para a manutenção da [saúde](#).

De maneira geral, as pessoas consideram as artes terapêuticas e as artes marciais como dois mundos diferentes, mas na verdade são duas realidades paralelas em vários sentidos: no reconhecimento, como se diz popularmente, de que quanto menos delas se precisar, melhor; no sentido de que ambas exigem uma estratégia no momento de lidar com um evento desarmônico, e no sentido de que, em ambas, o conhecimento do problema é a chave para sua solução.

Como na história dos antigos [terapeutas](#), na filosofia de Sun Tzu a eficiência máxima do conhecimento e da estratégia é tornar o conflito totalmente desnecessário:

«A maior das habilidades é vencer os exércitos inimigos sem lutar.»

E como a história dos terapeutas, Sun Tzu explica que há muitas variantes de artes marciais:

- O militar de espírito superior faz malograr as maquinações inimigas;
- A segunda melhor coisa a fazer é minar suas alianças;
- Em seguida, atacar suas forças armadas;
- O pior de tudo é sitiá-las.

Observe novamente a semelhança entre o conselho de Sun Tzu e a sabedoria médica:

- Frustrar as maquinações inimigas é manter-se saudável, de modo a resistir à [doença](#);
- Minar suas alianças é evitar o [contágio](#);
- Atacar suas forças armadas é como tomar [remédio](#);
- Sitiá-las é como realizar uma operação cirúrgica.

Como o irmão mais velho da história era desconhecido devido à sua perspicácia e o irmão do meio mal era conhecido por causa de sua vivacidade, Sun Tzu também afirma que nos tempos antigos os que eram considerados guerreiros hábeis venciam quando a vitória ainda era fácil; por isso, as vitórias de guerreiros habilidosos não eram conhecidas por ardis utilizados nem recompensadas por bravura demonstrada.

Ligações com outros textos clássicos chineses

Esta estratégia ideal pela qual se pode vencer sem lutar, realizar o máximo fazendo o mínimo, comporta a marca característica do Taoísmo, a antiga tradição de conhecimento que deu, na China, suporte tanto às artes terapêuticas como às artes marciais. O [Tao-Te King](#), ou *O Livro do Caminho Perfeito*, estende à sociedade a mesma estratégia que Sun Tzu atribui aos guerreiros dos tempos primevos: Planeja o difícil enquanto ainda é fácil, faz o que é grande enquanto ainda é pequeno. As coisas mais difíceis devem ser feitas enquanto ainda são fáceis, as maiores, enquanto ainda são pequenas. Por isso, o sábio nunca faz o que é grande, e é por este motivo que sempre alcança a grandeza.

Escrita há mais de dois mil anos, durante um longo período de convulsões sociais, A Arte da Guerra brotou das mesmas condições sociais que deram origem a alguns dos clássicos mais importantes do humanismo chinês, incluindo-se o Tão Te King. Tratando a questão do conflito através de um modo mais racional que emocional, Sun Tzu mostrou que a compreensão do conflito pode levar tanto à sua solução como à decisão de evitá-lo completamente.

Ao longo dos séculos, muitos estudiosos se deram conta da importância do pensamento taoísta em A Arte da Guerra: tanto as obras filosóficas como as políticas do cânon taoísta atestam seu reconhecimento pelo clássico da estratégia. O nível de reconhecimento representado pelos pontos culminantes de A Arte da Guerra — o nível da invencibilidade e o da doutrina do não-conflito — é uma expressão do que o saber taoísta chama de "conhecimento profundo e ação resoluta".

O Livro do Equilíbrio e da Harmonia (Chung-ho chi/Zhongho ji), uma obra taoísta medieval, afirma:

«O conhecimento profundo do princípio sabe sem ver, a prática resoluta do Caminho alcança o objetivo sem lutar. Conhecimento profundo é 'saber sem sair pela porta, ver o caminho do céu sem olhar pela janela'. Ação resoluta é 'tornar-se cada vez mais forte, adaptando-se a todas as situações'.»

Nos termos de A Arte da Guerra, o guerreiro-mestre é aquele que conhece a [psicologia](#) e a [mecânica](#) do conflito com tanta precisão que percebe imediatamente qualquer movimento do adversário; é alguém capaz de agir em harmonia perfeita com as situações, ajustando-se aos seus padrões naturais com um mínimo de esforço. *O Livro do Equilíbrio e da Harmonia* aprofunda a descrição do conhecimento e da prática taoístas em termos familiares à busca do guerreiro: Conhecimento profundo é ter percepção da desordem antes da desordem, do perigo antes do perigo, é ter consciência da destruição antes da destruição, e da calamidade antes da calamidade. Ação resoluta é treinar o corpo sem ficar sobrecarregado pelo corpo, é exercitar a mente sem ser usado

por ela, é atuar no mundo sem ser afetado pelo mundo, é realizar as atividades sem ser por elas absorvido.

Pelo conhecimento profundo do princípio, pode-se transformar a desordem em ordem, o perigo em segurança, a destruição em sobrevivência, a calamidade em prosperidade. Pela ação resoluta no Caminho, pode-se levar o corpo ao reino da longevidade, conduzir a mente à esfera do mistério, proporcionar paz ao mundo e chegar à realização plena das atividades.

Como essas passagens sugerem, os guerreiros da Ásia que praticavam as artes do Taoísmo ou do Zen com o intuito de chegar à serenidade profunda não estavam apenas preparando a mente para que esta suportasse a consciência da morte iminente; eles as usavam também quando queriam alcançar a sensibilidade necessária para reagir às situações sem parar para pensar. O *Livro do Equilíbrio e da Harmonia* diz: Compreensão num estado de serenidade, realização sem esforço, saber sem ver — este é o sentido e a resposta do Tão Transformador. A compreensão num estado de serenidade pode compreender tudo, a realização sem esforço pode realizar tudo, o saber sem ver pode saber tudo.

Como em *A Arte da Guerra*, a amplitude de consciência e de eficiência do adepto taoísta é despercebida, imperceptível aos outros, porque seus momentos críticos ocorrem antes que a inteligência comum possa traçar uma descrição da situação. O *Livro do Equilíbrio e da Harmonia* reza: Sentir e compreender depois da ação não é algo que mereça ser chamado de compreensão. Realizar depois do esforço não é algo que mereça ser chamado de realização. Saber depois de ver não é algo que mereça ser chamado de saber. Esses três procedimentos estão longe do caminho do sentido e da resposta.

Na verdade, ser capaz de fazer algo antes que exista, sentir algo antes que se torne ativo, ver algo antes que surja são três habilidades que se desenvolvem de maneira interdependente. Então, nada é sentido, mas é compreendido; nada é empreendido sem resposta, a nenhum lugar se vai sem proveito.

Um dos objetivos da literatura taoísta é ajudar a desenvolver essa sensibilidade e essa reatividade especiais para dominar as situações da vida. O *Livro do Equilíbrio e da Harmonia* menciona o "Tao Transformador" com relação aos ensinamentos de análise e de meditação do [I Ching](#), o *locus classicus* da fórmula da sensibilidade e da reatividade. A exemplo do *I Ching* e de outras obras da literatura taoísta clássica, *A Arte da Guerra* tem uma reserva de abstração e um potencial metafórico incalculáveis. E como outras obras da literatura clássica taoísta, a obra revela suas sutilezas de acordo com a mentalidade do leitor e com a maneira pela qual é posta em prática.

A associação das artes marciais com a tradição taoísta remonta ao lendário [Imperador Amarelo](#), terceiro milênio a.C., um dos maiores heróis da [cultura chinesa](#) e figura importante da tradição taoísta. Segundo narra o mito, o Imperador Amarelo conquistou tribos selvagens utilizando-se de artes marciais mágicas que lhe teriam sido ensinadas por um taoísta imortal. Diz-se também que compôs o famoso [Yin Convergence Classic](#) (Yin-fu ching|Yinfu jing), uma obra taoísta muito antiga e que de longa tradição tem recebido interpretações marciais e também espirituais.

Cerca de mil anos mais tarde, os chefes guerreiros que eliminaram os últimos vestígios da antiga sociedade escravagista chinesa e que introduziram conceitos humanistas de governo compuseram os dizeres clássicos do [I Ching](#), outro texto taoísta tradicionalmente utilizado como base tanto para as artes marciais como para as civis. Os princípios básicos do I Ching figuram de modo expressivo na ciência da guerra política de Sun Tzu e são essenciais para o combate individual e para as técnicas de defesa das artes marciais tradicionais que se desenvolveram a partir dos exercícios taoístas.

Depois do "Yin Convergence Classic" e do I Ching, temos o terceiro texto taoísta mais importante, o [Tao Te King](#). Como *A Arte da Guerra*, o Tao-Te King é produto da era dos [Estados Belicosos](#), os quais assolaram a China na metade do primeiro milênio a.C. Este grande clássico manifesta a atitude predominante com relação à guerra que caracteriza o manual de Sun Tzu: que ela é destrutiva mesmo para os vencedores, com frequência contraproducente, uma alternativa de ação que se justifica somente quando não há escolha: Os que apóiam um líder com o Tão não usam armas para coagir o mundo, pois essas tendem a produzir o efeito contrário — espinhos medram onde exércitos acamparam e anos ruins se seguem a uma grande guerra.

Armas são instrumentos nefastos, não ferramentas dos iluminados. Quando não há outra escolha, é aconselhável manter-se calmo, dominar a avidez, e não comemorar a vitória. Os que celebram a vitória são sanguinários e estes não podem alcançar seu objetivo no mundo.

De maneira semelhante, A Arte da Guerra considera a cólera e a cobiça as causas fundamentais da derrota. Segundo Sun Tzu, é o guerreiro moderado, reservado, calmo e cauteloso que vence, e não o impetuoso que busca a vingança nem o ambicioso que vai no encalço da fortuna. O Tao-Te King diz:

«O bom cavaleiro não é belicoso, o bom guerreiro não se enraivece, o que conquista o inimigo não tripudia sobre ele.»

A tática de agir sem deixar-se levar pelo emocional é parte da estratégia geral da insondabilidade que A Arte da Guerra enfatiza num estilo caracteristicamente taoísta. Sun Tzu afirma:

«Os hábeis na defesa escondem-se nas profundezas da terra; os hábeis no ataque manobram no mais alto dos céus. Por isso, podem proteger-se e alcançar a vitória total.»

Esta relevância posta na excelência do insondável permeia o pensamento taoísta desde a esfera política até as áreas do comércio e da perícia profissional. Nesse sentido, está dito:

«Um bom comerciante esconde seus tesouros e aparenta não ter nada»

«Um bom profissional não deixa marcas.»

Esses ditos foram adotados pelos [zen-budistas](#) para representar a sua arte. Os mesmos zen-budistas, que se contavam entre os alunos mais notáveis dos clássicos taoístas e entre os que desenvolveram as artes marciais esotéricas, adotaram a inescrutável visão do caminho do guerreiro tanto no seu sentido literal como no figurado.

A estratégia militar taoísta e o *Livro dos Mestres Huainan*

Encontramos escritos sobre aspectos civis e militares da organização política em todo o cânon taoísta. O [Livro dos Mestres Huainan](#) (*Huainanzi* ou *Huai-nan-tzu*) — um dos grandes clássicos taoístas do começo da [dinastia Han](#), instalada no final dramático do período dos Estados Belicosos — dedica um capítulo inteiro à ciência militar taoísta, que retoma o tema central da prática de A Arte da Guerra: Nas artes marciais, é importante que a estratégia seja insondável, que a forma seja oculta e que os movimentos sejam súbitos, para que se torne impossível qualquer preparação.

O que permite que um bom general alcance a vitória é o fato de ter sempre uma sabedoria impenetrável e um *modus operandi* que não deixa vestígios.

Somente o informe não pode ser afetado. Os sábios se escondem na insondabilidade, e por isso seus sentimentos não podem ser observados; eles agem no nível do informe, e assim suas linhas não podem ser cruzadas.

Em A Arte da Guerra, Sun Tzu escreve:

«Sê extremamente sutil, até a total falta de forma. Sê extremamente misterioso, até a ausência total de som. Assim fazendo, dirigirás o destino do inimigo.»

Sun Tzu, e também os mestres de [Huainan](#), um grupo de sábios taoístas e confucionistas reunidos por um rei local, reconhecem a existência de um nível de [sabedoria](#) em que o conflito não emerge e em que a vitória não é visível ao olhar comum. Porém, ambos os livros foram escritos como testemunho da dificuldade e da raridade dessa experiência. Da mesma forma que a arte da guerra de Sun Tzu, a estratégia dos mestres de Huainan prepara para um conflito real, não apenas como um último recurso, mas como uma operação a ser conduzida sob as condições mais rigorosas, com uma liderança apropriada:



O início da Meditação Taoísta [Tao Yin](#) é uma mobilização interna para esvaziar-se e conectar-se ao [Tao](#). Vazio e plenitude integrados numa relação [Yin Yang](#).

Um general deve ver e saber sozinho, no sentido de que deve ver o que outros não vêem e saber o que outros não sabem. Ao ato de ver o que outros não vêem damos o nome de perspicácia, e denominamos genialidade o ato de saber o que outros não sabem. Gênios perspicazes vencem primeiro, significando que se defendem de tal modo que são inexpugnáveis e atacam de forma tal que são irresistíveis.

As condições rigorosas da ação militar taoísta são comparadas com sua prática espiritual. Os manuais de [meditação](#) e de [exercícios taoístas](#) estão repletos de metáforas alusivas à paz e à guerra.

Um dos princípios mais importantes da prática taoísta, derivado dos ensinamentos do / Ching, e que tem implicações tanto físicas como psicológicas, é o do domínio da "vacuidade e da plenitude".

O domínio da vacuidade e da plenitude, ao qual Sun Tzu dedica todo um capítulo de A Arte da Guerra, é fundamental para o desempenho físico das [artes marciais taoístas](#), como o Boxe Absoluto.

É essencial também no aspecto organizacional, ou sociopolítico, da arte de governar, quer no âmbito civil quer no militar. Ao explicar a compreensão da vacuidade e da plenitude como o Caminho para a vitória, os mestres de Huainan afirmam:

«Esta é uma questão de vacuidade e de plenitude. Quando existem desentendimentos entre superiores e subalternos, quando generais e oficiais vivem em estado de discórdia, e quando a insatisfação se instala no espírito das tropas, estamos diante da vacuidade. Quando os líderes civis são inteligentes e os militares são bons, quando superiores e subordinados compartilham as mesmas ideias, e quando a vontade e a energia agem solidariamente, a isto damos o nome de plenitude.

Os governantes habilidosos infundem energia em seu povo para que este possa enfrentar a vacuidade dos outros, enquanto que os líderes incompetentes sugam a energia do seu povo ante a plenitude dos outros.

Quando o bem-estar e a justiça se estendem sobre todo o povo, quando as obras públicas são suficientes para atender as emergências nacionais, quando a política de seleção para os cargos públicos agrada aos sábios, quando o planejamento leva ao conhecimento das forças e das fraquezas, temos aí o fundamento da vitória certa.»

A base política da força militar, ou a base social da força de qualquer organização, é um ensinamento que também tem suas raízes no I Ching. Em A Arte da Guerra, esse ensinamento é considerado da maior importância. Assim, o primeiro item do primeiro capítulo — sobre a estratégia — recomenda a avaliação do Caminho de um grupo adversário — a fibra moral, a coerência da ordem social, a popularidade do governo ou o moral da população. Segundo Sun Tzu, em condições apropriadas, um pequeno grupo pode impor-se a um grande grupo; e entre as condições que possibilitam esta situação estão a justiça, a ordem, a coesão e o moral. Este é outro ponto central do pensamento chinês, também evidenciado pelos mestres de Huainan no contexto da estratégia militar:

«A força não é apenas uma questão de extensão territorial e de população numerosa, a vitória não é apenas uma questão de armamento eficiente, a segurança não implica só muralhas altas e valas profundas, autoridade não é simplesmente dar ordens estritas e aplicar punições frequentes. Os que estruturam uma organização viável sobreviverão a despeito de serem pequenos, enquanto que aqueles que instituem uma organização moribunda perecerão mesmo sendo grandes.»

.

Comentários de Zhuge Liang, seguidor de Sun Tzu



Zhuge Liang.

Este mesmo tema foi ressaltado por outro grande estrategista militar da antiga China, [Zhuge Liang](#), que viveu no [século III](#) d.C. Liang seguia os ensinamentos de Sun Tzu e tornou-se lendário por sua genialidade:

«O Tao das operações militares repousa num povo harmonizado. Quando o povo está em harmonia, ele lutará naturalmente, sem precisar ser incentivado a isso. Se os oficiais e os soldados suspeitarem uns dos outros, os guerreiros não formarão um grupo coeso; se um conselho amigo não foi ouvido, os mediócras falarão e criticarão às ocultas. Quando reina a hipocrisia, mesmo que tenhas a sabedoria dos antigos reis-guerreiros, não poderás derrotar um único campônio, que dirá uma turba deles.»

É por isso que a tradição afirma:

«Uma operação militar é como o fogo; se não for detida, extinguir-se-á por si mesma.»

A posição de [Zhuge](#) como génio prático é tão elevada, que seus escritos, seus projetos e os comentários sobre ele fazem parte do cânon taoísta. Como A Arte da Guerra e os clássicos taoístas, a filosofia de guerra preconizada por Zhuge trata o positivo através do negativo, segundo a doutrina taoísta da "não-ação":

«Nos tempos antigos, os que governavam bem não se preparavam para a guerra, os que se preparavam bem para a guerra não delimitavam linhas à combate, os que delimitavam bem as linhas de combate não lutavam, os que lutavam bem não perdiam e os que perdiam bem não pereciam.»

Esta constatação está em consonância com a ideia de combate como último recurso, o ideal de vencer sem lutar oferecido por A Arte da Guerra, que, por sua vez, segue o ensinamento do Tao-Te King. Zhuge Liang também cita a clássica advertência extraída deste respeitado texto taoísta:

«Armas são instrumentos de maus presságios que devem ser usadas somente quando for inevitável.»

Mas ele também partilha a consciência histórica taoísta de que a era da humanidade original já tinha passado e, como Sun Tzu, estava pessoalmente envolvido numa época de furiosas convulsões civis. É por isso que a obra Zhuge constante do cânon taoísta contém uma visão racional e também ensinamentos práticos para a segurança política e militar, os quais se aproximam muito dos apregoados por Sun Tzu:

«Administrar os negócios militares significa gerir as questões de fronteiras, ou exercer a direção nas regiões mais remotas, de modo a tranquilizar o povo com relação a perturbações maiores.

Esta administração é feita pela autoridade e pela bravura militar, que executa os violentos e os rebeldes para proteger o país e manter o solo pátrio seguro. É por isso que a civilização requer a existência do aparato militar.

Esta é a razão pela qual os animais têm garras e presas. Quando estão alegres, brincam um com o outro; quando estão raivosos atacam-se mutuamente. Os homens não têm garras nem presas e por isso fabricam armaduras e armas para se defender.

Assim também as nações têm exércitos para socorrê-las e os governantes têm ministros para ajudá-los. Quando o que socorre é forte, a nação está segura; quando o que auxilia é fraco, a nação está em perigo.»

Quanto a este ponto, Zhuge adota integralmente a doutrina de Sun Tzu e faz o mesmo com relação à importância que este atribui à liderança e à base popular. No esquema de Sun Tzu, tanto os líderes civis como os militares são os primeiros que devem ser investigados. Zhuge segue Sun Tzu e os mestres de Huainan: para eles, a força da liderança reside nas qualidades pessoais e no apoio popular. Para os taoístas, o poder é moral e também material. Eles acreditam que o poder moral se manifesta como autodomínio e também como influência sobre as outras pessoas. Ao explicar o poderio de uma força de defesa nacional, Zhuge escreve:

«Isto, por sua vez, depende dos generais investidos de liderança militar. Um general que não seja popular não é de ajuda para a nação, não é um líder do exército.»

Um general que "não é popular" é alguém que, segundo outra maneira de interpretar o texto, "renega o povo". Sun Tzu ressalta a unidade das vontades como fonte primeira da força, e sua filosofia minimalista da guerra é um desdobramento natural da ideia central do interesse comum; com base nesse princípio, [Zhuge Liang](#) novamente cita o Tao-Te King para expressar o ideal do guerreiro sábio devotado ao corpo da sociedade como um todo

«Armas são instrumentos de maus presságios, que devem ser usadas somente quando for inevitável.»

Zhuge também segue de perto A Arte da Guerra quando salienta que se deve evitar a ação sem estratégia e também a ação desnecessária:

«O uso de armas se justifica somente depois de teres determinado a tua estratégia. Examina com cuidado as condições do clima e do terreno, e escrutina o coração do povo. Exercita os soldados no uso do equipamento militar, deixa claros os padrões de recompensa e de punição, observa a estratégia dos adversários, fica atento às passagens perigosas no caminho, distingue os lugares seguros dos perigosos, levanta as condições de ambos os lados, não te descuides do momento de avançar e do momento de recuar, adapta-te ao andamento das circunstâncias, define as medidas de defesa e, concomitantemente, reforça tua força de ataque, promove os soldados por sua habilidade, planeja para o sucesso, leva em conta a questão da vida e da morte — só quando tiveres

feito tudo isso é que debes enviar exércitos confiados a generais que terão o poder de capturar os adversários.»

A velocidade e a coordenação, fundamentais para o sucesso, de acordo com a arte da guerra de Sun Tzu, decorrem não só da preparação estratégica, mas também da coesão psicológica de que o líder depende. Zhuge escreve:

«Um general é um comandante, um instrumento útil a uma nação. Estabelecendo a estratégia antes de executá-la, sua ordem é como se fosse levada boiando numa torrente, sua conquista é como uma garra segurando sua presa. Como um arco retesado prestes a disparar, como uma máquina pronta para a ação, ele irrompe e avança por qualquer lado que se volte, e mesmo inimigos bem preparados perecem. Se o general não tiver previsão e os soldados não tiverem ímpeto, a mera estratégia sem a união das vontades não será suficiente para impor medo ao inimigo mesmo que tenhas milhares de tropas.»

Mencionando o clássico de Sun Tzu e considerando-o manual definitivo para uma estratégia bem-sucedida, Zhuge conclui seu ensaio sobre a organização militar resumindo os pontos principais de A Arte da Guerra como ele os incorporou em sua própria prática, centrando-se naqueles aspectos do treinamento e do estado de espírito dos guerreiros que derivam da tradição taoísta:

«Não nutras sentimentos de aversão a ninguém que não te tenha mostrado inimizade, não lutes com ninguém que não tenha se oposto a ti. A verdadeira habilidade de um engenheiro só pode ser percebida pelos olhos de um perito, a operação dos planos de batalha somente pode ser deflagrada através da estratégia de Sun Tzu.»

Seguindo Sun Tzu, Zhuge põe em evidência as vantagens da surpresa e da velocidade, táticas capazes de reverter condições desvantajosas que de outro modo seriam insuperáveis:

«O planejamento deve ser sigiloso, o ataque deve ser rápido. Quando um exército atinge seu objetivo como um gavião agarra sua presa e luta como um rio que irrompe de uma represa, seus adversários se dispersarão antes que o exército se desgaste. É esta a utilidade da rapidez do ataque de um exército.»

Conforme foi mencionado acima, um dos pontos mais importantes da ênfase da arte da guerra de Sun Tzu é a objetividade, e seu clássico ensina como avaliar situações de uma maneira imparcial. Zhuge segue Sun Tzu também nesse aspecto, evidenciando a vantagem de uma ação cuidadosamente calculada:

«Os que são hábeis no combate não se encolerizam, os que são hábeis na vitória não se amedrontam. Assim, os sábios vencem antes de lutar enquanto que os ignorantes lutam para vencer.»

Na sequência, Zhuge cita A Arte da Guerra diretamente, acrescentando as advertências de Sun Tzu sobre as consequências do planejamento medíocre, de ações extravagantes e de pessoal perdulário:

«Um país se desgasta quando precisa adquirir suprimentos por altos preços e empobrece quando transporta mercadorias por longas distâncias. Os ataques não devem ser repetidos, e as batalhas não devem se multiplicar. Usa a força de acordo com a necessidade, consciente de que, com uso excessivo, ela irá se debilitar. Livra-te do que não tem valor, e o país estará em paz; desfaze-te do incompetente, e a nação será beneficiada.»

Finalmente Zhuge reporta-se à tradição do Tao-Te King, de A Arte da Guerra e de Os Mestres de Huainan para dar a vitória ao insondável:

«Um ataque bem-feito é aquele contra o qual os adversários não sabem como se defender; uma defesa bem-feita é aquela que os inimigos não sabem como atacar. Portanto, os que são hábeis na defesa não são assim devido aos muros da fortaleza. É por isso que os muros altos e as valas profundas não garantem a segurança, do mesmo modo que uma forte armadura e armas eficazes não garantem a força. Se os inimigos querem manter uma posição firme, ataca onde estão despreparados; se os adversários querem estabelecer uma frente de batalha, aparece onde eles não te esperam.»

Esta ideia de conhecer ao mesmo tempo que se mantém incógnito, repetida constantemente como uma chave para o sucesso, é um dos elos mais fortes entre a [meditação taoísta](#) e A Arte da Guerra, pois o segredo para esta arte da "invisibilidade" é precisamente o desaparego interior cultivado pelos taoístas para chegar a uma visão impessoal da realidade objetiva. Alguns ensinamentos filosóficos dos primórdios do Taoísmo são normalmente utilizados em escolas práticas como códigos para exercícios usados no desenvolvimento pessoal.

.

O aparente paradoxo de abordar a guerra com serenidade

Compreender o aspecto prático dos ensinamentos filosóficos taoístas permite superar a sensação de paradoxo passível de ser causada por atitudes aparentemente contraditórias. Pode parecer contraditório que Sun Tzu ensine com toda a calma a cruel arte da guerra ao mesmo tempo que condena a guerra. Essa contradição aparece se o fato for visto fora do contexto da compreensão total da mentalidade humana conforme é concebida pelo ensinamento taoísta.

A análise simultânea de pontos de vista muito diferentes é uma eficiente técnica taoísta, cuja compreensão pode resolver a contradição e o paradoxo. O modelo do paradoxo de

A Arte da Guerra pode ser visto no Tao-Te King, em que tanto a crueldade quanto a bondade são parte do Caminho do sábio.

••• «Céu e terra não são bondosos — para eles, todos os seres são como cães de palha; o sábio não é bondoso — para ele, os homens são como cães de palha»

(filósofo do Tao-Te King.)

Nos anos cinqüenta, logo após o armistício na Coréia, um sinólogo ocidental, horrorizado, escreveu que essa passagem havia "desatrelado um monstro", mas, para um taoísta, ela não representa desumanidade; antes, é um exercício de objetividade, semelhante aos exercícios budistas para a impessoalidade.

Em termos modernos, este tipo de afirmação não é diferente da asserção de um psicólogo ou de um sociólogo que declara que as atitudes, pensamentos e expectativas de nações inteiras não se constituíram meramente por uma multidão de decisões racionais e independentes, mas em grande parte se formaram sob a influência de fatores ambientais que estão além do controle da pessoa e até mesmo da comunidade.

Como o clássico de Sun Tzu atesta, o lugar de uma observação dessas na arte da guerra não é fomentar uma atitude empedernida ou sangüinária, mas compreender o poder da psicologia de massas. Compreender como as pessoas podem ser manipuladas pelas emoções, por exemplo, é algo tão útil para os que querem evitar isto quanto para aqueles que desejam praticá-lo.

Considerada deste ponto de vista, A Arte da Guerra é um chamado às armas na mesma proporção em que um estudo sobre o condicionamento é uma recomendação para a escravatura. Ao analisar, de modo tão completo, os fatores políticos, psicológicos e materiais envolvidos no conflito, o objetivo expresso de Sun Tzu não foi o de encorajar à guerra, mas o de minimizá-la e aboli-la.

Uma visão impessoal da humanidade como alguém que não é senhor do próprio destino pode ser necessária para liberar um guerreiro do emaranhado emocional que poderia precipitar opiniões irracionais do conflito, mas, no esquema taoísta das coisas, essa visão não é mantida para justificar um comportamento destrutivo. O reverso dessa afirmação também pode ser encontrado no Tao-Te King, prefigurando os ensinamentos de Sun Tzu em A Arte da Guerra:

••• «Tenho três tesouros que conservo e estimo: o primeiro é a bondade, o segundo é a frugalidade e o terceiro é a recusa a nutrir a presunção de prevalecer sobre os outros. Pela bondade, pode-se ser corajoso; pela frugalidade, pode-se ser generoso, e pela recusa a nutrir a presunção de prevalecer sobre os outros, pode-se sobreviver eficazmente. Se o homem abandonar a bondade e a coragem, se desistir da frugalidade e da liberalidade, e se desistir da humildade em favor da agressividade, seu destino será a morte. Ser bondoso na batalha faz com que se alcance a vitória; ser bondoso na defesa faz com que se tenha segurança.»

No seu clássico, Mestre Sun compara a ação militar a um "fogo que se extingui por si mesmo se não for detido", e se sua estratégia da vitória sem luta nem sempre era viável,

a da hipereficiência podia pelo menos minimizar a violência e a destruição insensatas. Em termos taoístas, muitas vezes o sucesso é alcançado pela não-ação, e a estratégia de A Arte da Guerra consiste tanto em saber o que não fazer e quando não fazer, como também em saber o que fazer e quando fazer.

A arte da [não-ação](#) — que inclui a discrição, o fato de não ser conhecido e a intangibilidade no cerne das artes marciais esotéricas da Ásia — pertence ao ramo do Taoísmo conhecido como a ciência da essência. As artes da ação — que incluem as técnicas externas tanto das artes culturais como das marciais — pertencem ao ramo do Taoísmo conhecido como a ciência da vida. A ciência da essência tem que ver com o estado mental; a ciência da vida se relaciona com a energia. Como um texto taoísta clássico, é no equilíbrio dessas duas artes que se pode compreender mais plenamente A

A história do Rei Macaco apreciada a partir da abordagem de Sun Tzu

Em época mais recente, a assertiva taoísta definitiva sobre esta questão está imortalizada na obra [Jornada ao Oeste](#) (Hsi-yu chilXiyou jí), um dos Quatro Livros Extraordinários da [dinastia Ming](#) (1368-1644). Baseando-se em fontes taoístas mais antigas, do tempo da guerra da China sob a pressão das invasões mongóis, este romance notável é uma representação clássica do resultado do que em termos taoístas seria chamado de estudo da ciência da vida sem a ciência da essência, do desenvolvimento material sem o correspondente desenvolvimento psicológico ou, nos termos de Sun Tzu, de ter força sem ter inteligência.



O Rei Macaco.

O personagem principal desse romance é um [macaco](#) mágico que funda uma civilização simiesca e se torna seu líder delimitando um território para os macacos. Posteriormente, o rei-macaco derrota um "demônio que confunde o mundo", roubando-lhe a [espada](#).

Voltando à sua terra com a espada do demônio, o rei-macaco inicia a prática da [esgrima](#). Ele chega ao ponto de ensinar seus [súditos](#) macacos a fabricar armas de [brinquedo](#) e insígnias reais para brincar de guerra.

Infelizmente, embora governante de uma [nação](#), o rei-macaco ainda não governa a si mesmo. Num [raciocínio](#) retrospectivo eminentemente lógico, ele chega à conclusão de

que se as nações vizinhas percebessem o jogo dos macacos, poderiam supor que eles estivessem se preparando para a guerra. Nesse caso, poderiam iniciar uma ação preemptiva contra os macacos, que então teriam de enfrentar uma guerra real munidos apenas de armas de brinquedo.

Assim, o rei-macaco dá início à corrida armamentista, ordenando o armazenamento, por preempção, de armas verdadeiras.

Se parece desconcertante ler uma descrição do [século XIII](#) sobre a política do [século XX](#), não menos o é ler um livro tão antigo como a [Bíblia](#), ela também apresentando descrições de [táticas](#) utilizadas ainda hoje por praticantes da [guerrilha](#) e por políticos e executivos influentes. Seguindo a postura de não-ilusão do Tao-Te King e de A Arte da Guerra, a história do rei-macaco também prefigura um movimento importante no pensamento científico moderno que se segue ao clímax do divórcio ocidental entre [religião](#) e [ciência](#) há muitos séculos.

O rei-macaco da história exerceu o [poder](#) sem [sabedoria](#), rompendo a ordem natural e quase sempre criando confusão até ser preso nos limites da matéria. Aí ele perdeu a excitação do entusiasmo impulsivo, até ser solto para ir em busca da ciência da essência, sob a condição estrita de que seu [conhecimento](#) e poder fossem controlados pela [compaixão](#), a expressão da sabedoria e da unidade do ser.

A derrocada do macaco finalmente acontece quando encontra [Buda](#), a quem os imortais dos céus taoístas convocam para lidar com a besta intratável. Os imortais haviam tentado "cozinhar" o macaco no "caldeirão dos oito [trigramas](#)", isto é, fazê-lo passar por um treinamento em alquimia espiritual baseado no [I Ching](#), mas ele saltou do caldeirão ainda despreparado.

Buda vence o orgulho do macaco demonstrando a lei insuperável da relatividade universal e o aprisiona na "montanha dos cinco elementos", o mundo da matéria e da energia, onde ele padece as consequências por seus gracejos arrogantes.

Depois de quinhentos anos, finalmente Guanyin ([Kuan Yin](#)), o santo budista trans-histórico tradicionalmente honrado como a personificação da compaixão universal, apresenta-se na prisão do agora arrependido macaco e recita estes notáveis versos: Infelizmente, o macaco mágico não cuidou da coisa pública. Quando, antigamente, de modo insensato, ele se jactava de suas extravagâncias.

Com um coração mal-intencionado, provocou desordem Na reunião dos imortais; Com irritação profunda, foi em busca do seu [ego](#). No céu da felicidade. Em meio a milhares de combatentes, Ninguém podia enfrentá-lo; No mais alto dos céus, Ele tinha uma presença assustadora. Mas visto que foi barrado ao encontrar nosso Buda, Quando irá ele alcançar seus objetivos e novamente mostrar suas realizações?

Então, ambos põem-se a rezar, e com o [santo](#) o macaco suplica pela sua libertação. O santo lhe garante a libertação sob a condição de que se devote à busca da iluminação superior, não só para si mesmo mas para toda a sociedade. Finalmente, antes que o macaco dê o primeiro passo na longa estrada, o santo, como precaução, ajusta um aro ao redor da cabeça do macaco, um aro que pode apertar e causar-lhe uma dor imensa

sempre que proferir uma certa invocação pedindo compaixão em resposta a qualquer novo desvio de comportamento.

Centenas de gerações consideram A Arte da Guerra o clássico insuperável em termos de estratégia; muito provavelmente, porém, sua maior magia esteja na auréola de compaixão que Mestre Sun adapta na cabeça de todo guerreiro que tente usar este livro. E como a história mostra, a invocação mágica que aperta essa aureola é entoada sempre que o guerreiro se esquece dela.

Sun Pin

Sun Pin, bisneto de Sun Tzu. Na verdade, o texto que chamamos A Arte da Guerra II trata-se de *Métodos Militares*, escrito por Sun Pin. Existe uma tradução brasileira, em português, da editora Martins Fontes, com o título "A Arte da Guerra - Edição Completa".

Estado-Maior

Um **estado-maior** é um órgão - composto por [oficiais](#) e outro pessoal - de informação, estudo, concepção e planejamento para apoio à decisão de um comandante militar. O objectivo principal de um estado-maior militar é providenciar um fluxo de informação, bi-direccional, entre o comandante de uma unidade e as suas subunidades. Por extensão, a designação "estado-maior" é também aplicada a órgãos, formais ou informais, com funções semelhantes, nas organizações civis.

História

Antes do fim do [século XVIII](#), não existia apoio organizado e formal para funções tais como inteligência militar, [logística](#), [planejamento](#) ou [pessoal](#). Os comandantes de unidades lidavam com estas funções diretamente ou recebiam apoio informal de subordinados, que não eram especificamente treinados ou designados para tais fins.

O primeiro estado-maior organizado da forma moderna surgiu durante as guerras da [Revolução Francesa](#), quando o [general Louis Berthier](#) foi designado para a função de chefe do Estado-Maior do [Exército](#) francês na [Itália](#), em [1795](#).

A [Prússia](#) também adotou a prática do estado-maior no mesmo período histórico, ao designar oficiais especialistas para apoiar comandantes no campo de batalha. Mais adiante, passou a treinar oficiais em funções de estado-maior nas academias militares. Em [1814](#), a Prússia estabeleceu por lei um Estado-Maior-General no comando central e um estado-maior separado para cada [divisão](#) e [corpo de exército](#).

Sistema de estado-maior coordenador

Na maioria dos países está em vigor o sistema de estado-maior coordenador ou estado-maior geral, baseado no, originalmente adoptado no Exército napoleónico. Neste sistema o estado-maior está dividido em elementos especializados num assunto específico. Conforme o tipo de estado-maior, esses elementos podem ser chamados

secções, células, repartições, divisões, etc. Nos países da [NATO](#) é comum, a cada um destes elementos estar atribuído um código - constituído por uma letra seguida de um número - que identifica a sua especialidade e o tipo de estado-maior em que está incluído.

As letras dos elementos, identificam o tipo de estado-maior, sendo:

- **A** - estado-maior de âmbito aeronáutico;
- **C** - estado-maior de forças combinadas (forças de dois ou mais países).
- **G** - estado-maior de uma unidade terrestre, sob comando de um oficial general;
- **J** - estado-maior conjunto (de dois ou mais dos âmbitos naval, terrestre e aeronáutico);
- **N** - estado-maior de âmbito naval;
- **S** - estado-maior de uma unidade terrestre, sob comando de um oficial de patente inferior à de oficial general;

Os números, identificam a especialidade de um elemento dentro do estado-maior, sendo:

- **1** - pessoal e administração;
- **2** - informações (inteligência) e segurança;
- **3** - operações;
- **4** - logística;
- **5** - planeamento;
- **6** - comunicações e sistemas de informação;
- **7** - instrução;
- **8** - finanças;
- **9** - cooperação civil-militar (CIMIC)

Assim, por exemplo, G3 é o elemento especializado em operações de um estado-maior de uma unidade terrestre, comandada por um [oficial general](#). Em estados-maiores de unidades maiores, os seus vários elementos podem dividir-se em sub-elementos. Assim, por exemplo, o sub-elemento responsável pela administração e pessoal do elemento especializado em operações, seria classificado como G31. A classificação poderia ser levada até ao próximo nível, atribuindo números de ordem a cada uma das pessoas dos sub-elementos (exemplo: G31-1).

Os elementos 1, 2, 3, 4 e 6 existem em quase todos os estados-maiores. Os restantes existem só em estados-maiores de grandes unidades ou de unidades com uma missão

Elemento 1 - pessoal e administração

O elemento de pessoal e administração é, normalmente, chefiado por um oficial com o título de "Ajudante". É responsável pelo secretariado e assuntos administrativos da

Elemento 2 - informações (inteligência) e segurança

Este elemento é responsável pela recolha e análise de informação (inteligência) acerca do inimigo, com o objectivo de determinar o que está a fazer ou irá fazer. Também pode estar encarregue dos mapas e outra informação geográfica. Como elemento de segurança, encarrega-se da acreditação de segurança do pessoal da sua unidade. O

elemento pode, também, encarregar-se da guerra de informação, que engloba o ataque aos sistemas de comando e controlo (C2) do inimigo e a protecção dos sistemas amigos contra ataques do inimigo.

Elemento 3 - operações

O elemento de operações é responsável pelo planeamento e coordenação das operações e de tudo o que é necessário para a unidade manobrar e atingir o seu objectivo. Na maioria dos estados-maiores este é o maior e o principal elemento. Todos os aspectos da sustentabilidade das operações da unidade, planeamento de operações futuras e exercícios, são da responsabilidade deste elemento. Nos estados-maiores de pequenas unidades onde não existem elementos especializados de planeamento e de instrução, estas áreas são incluídas nas operações.

Elemento 4 - logística

Este elemento era, tradicionalmente, chefiado por um oficial com o título de "Quartel-Mestre". É responsável pela gestão do apoio logístico, reabastecimento e transporte de munições, combustíveis, alimentos e água. Pode ser também, responsável pela gestão da manutenção do material da unidade.

Elemento 5 - planeamento

O elemento de planeamento, normalmente, só existe em estados-maiores de grandes unidades. É responsável pelo planeamento estratégico.

Elemento 6 - comunicações e sistemas de informação

Este elemento é responsável pela gestão das redes de telecomunicações de informática que ligam o comando da unidade às suas subunidades e que ligam, estas, entre si. Nos estados-maiores de pequenas unidades, este elemento, é responsável por todos os equipamentos electrónicos existentes, incluindo computadores, faxes, fotocopiadoras e

Elemento 7 - instrução

O elemento de instrução só existe, normalmente, em estados-maiores de grandes unidades ou de unidades especializadas na instrução. É responsável pela articulação da política e métodos de doutrina, instrução, treino e formação. Nos estados-maiores das pequenas unidades, esta área, está, normalmente, integrada no elemento de operações.

Elemento 8 - finanças

Este elemento assegura a gestão financeira da unidade, especialmente na área da contabilidade. Este elemento trabalha, muitas vezes, interligado ao elemento de administração.

Elemento 9 - cooperação civil-militar (CIMIC)

Este elemento integra, na maioria das vezes, estados-maiores de unidades que se encontram em operações de paz ou em regiões ocupadas, sob administração militar. As suas funções são as de estabelecer, manter, influenciar ou explorar as relações entre as forças militares, as organizações civis, governamentais ou não-governamentais e a população civil, com o objectivo de facilitar as operações militares e atingir os objectivos da missão.

No Brasil

Exército Brasileiro

O Estado-Maior do Exército é o órgão de direção geral do [Exército Brasileiro](#) responsável por assessorar o Comandante do Exército e coordenar as ações dos órgãos de direção setorial (Departamentos) nos assuntos atinentes às atividades da Força, particularmente quanto ao preparo para as operações militares.

Existe Estado-Maior nas formações militares a partir do valor Batalhão. Nas unidades o Estado-Maior é dividido em (S1 Pessoal, S2 Inteligência, S3 Operações e S4 Logística) Nos Estado-Maiores de Brigada, Divisão e Exército existem 3 subdivisões Estado-Maior Geral (EMG), Estado-Maior Especial (EMEs - onde estão lotados os oficiais especializados, jurídico, informática entre outros) Estado-Maior Pessoal (EMP - assessores particulares do CMT).

Em Portugal

Nas [Forças Armadas Portuguesas](#) existe, normalmente, um órgão de estado-maior nas unidades operacionais de escalão batalhão ou superior. O conjunto das Forças Armadas e cada um dos seus ramos dispõem, também, cada um do seu estado-maior central. Os comandantes da Marinha, do Exército e da Força Aérea, mantêm os títulos de "Chefe do Estado Maior" dos seus ramos, apesar de já não terem uma função de chefia directa daqueles órgãos.

História

Durante a [Guerra da Restauração](#) era chamada **plana-maior** ou **primeira plana** ao conjunto do comandante, oficiais e outros militares que não integravam cada uma das [companhias](#) dos [terços](#) do Exército. Esta designação era, provavelmente de influência espanhola, sendo que ainda é usada naquele país. Aos militares integrados na plana maior estavam atribuídas as funções de comando, administração, logística e planeamento operacional no âmbito da unidade. Por extensão, os termos plana-maior e primeira plana foram aplicados a nível das grandes unidades e do conjunto do próprio Exército. No [século XVIII](#) a plana-maior central do Exército Português era chamada Primeira Plana da Corte. Os termos plana-maior e primeira plana começam a ser substituídos pelo termo estado-maior no século XVIII, deixando, completamente, de ser utilizados no início do [século XIX](#).

A nível regimental, aparece a divisão do estado-maior em duas partes: **estado-maior**, propriamente dito - constituído pelos oficiais - e **estado-menor** - constituído pelos praças. O conjunto dos oficiais e praças não integrados em companhias dos regimentos, é por isso designado **estado maior e menor**.

A partir de [1763](#) a designação "estado-maior" - que já era aplicada a nível regimental às antigas planas-maiores - surge a nível do conjunto do Exército. Era designado Estado-Maior do Exército o conjunto dos oficiais generais, inspectores, governadores militares e os seus respectivos adjuntos. Apesar do estado-maior não ser, ainda, um órgão propriamente dito, os seus integrantes são os responsáveis pela administração, planeamento, informações e logística do Exército, funções que iriam mais tarde a ser

Primeira Plana da Corte

No século XVIII a **Primeira Plana da Corte** formava o conjunto dos oficiais que não estavam incluídos nos diversos regimentos do Exército. Dividia-se em duas partes: a primeira plana empregada e a não empregada. Na primeira estavam incluídos os oficiais generais, os inspectores das armas, os governadores das fortalezas e os oficiais dos estados-maiores dos generais, inspectores das armas e dos governadores das fortalezas. A primeira plana não empregada incluía os oficiais engenheiros e os oficiais das diversas armas que não estavam a servir em nenhum regimento.

A Primeira Plana da Corte foi extinta em [1805](#). Os membros da primeira plana integrada formaram o que já era conhecido por Estado-Maior do Exército. Os restantes formaram um corpo, transitoriamente, conhecido por **Extinta Primeira Plana**, até serem integrados em unidades das suas armas. Mais tarde, e até início do [século XX](#), os oficiais das diversas armas, não integrados em nenhuma unidade, formavam o chamado estado-maior das respectivas armas.

Em [1834](#) é criado o Corpo de Estado-Maior, agrupando oficiais de elite, com formação especial, para integrarem os estados-maiores das grandes unidades.

Em [1835](#) o Estado-Maior do Exército é organizado como um órgão central de apoio à decisão do comando no modelo ainda em vigor.

Estado-Maior do Exército

O **Estado-Maior do Exército (EME)** é o órgão central de estudo e planeamento estratégico de apoio à decisão do Comando do [Exército Português](#). É chefiado por um oficial general com o título de "Adjunto para o Planeamento", coadjuvado pelo Director-Coordenador do EME. O EME inclui o Estado-Maior Coordenador, o Estado-Maior Especial e os órgãos de apoio.

Estado-Maior da Armada

O **Estado-Maior da Armada (EMA)** é o órgão multidisciplinar de apoio à decisão do comando da [Marinha Portuguesa](#). É chefiado por um [vice-almirante](#) com o título de "Vice-Chefe do Estado-Maior da Armadas". Inclui as divisões de Pessoal e Organização, de Informações, de Operações, de Logística do Material, de Planeamento e de Comunicações e Sistemas de Informação. Até [1950](#), este órgão chamou-se **Estado-Maior Naval**.

Estado-Maior-General das Forças Armadas

O **Estado-Maior General das Forças Armadas (EMGFA)** é o órgão militar superior da Nação e tem por atribuições o planeamento, a direcção e o controlo do emprego das Forças Armadas no cumprimento das missões e tarefas operacionais que a estas incumbem. O EMGFA é composto pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, pelo Estado-Maior Coordenador Conjunto, pelo Centro de Operações das Forças Armadas e pelos comandos operacionais e comandos-chefe conjuntos.

Estado-Maior da Força Aérea

O **Estado-Maior da Força Aérea (EMFA)** é o órgão de estudo e planeamento de actividade para apoio à decisão do comando da [Força Aérea Portuguesa](#). É chefiado por um [tenente-general](#) com o título de "Vice-Chefe do Estado-Maior da Força Aérea", coadjuvado por um [major-general](#) com o título de "Subchefe do Estado-Maior da Força Aérea". É composto pela 1ª Divisão (Pessoal), 2ª Divisão (Informações), 3ª Divisão (Operações) e 4ª Divisão (Logística).

Corpo de Estado-Maior

Criado em [1834](#) o **Corpo de Estado-Maior** consistia num corpo, formado apenas por oficiais de elite, que recebiam uma formação especial para exercerem funções nos estados-maiores das grandes unidades do [Exército Português](#). A sua formação passou a ser feita na [Escola Central de Oficiais](#) - mais tarde, [Instituto de Altos Estudos Militares](#). Ao receberem a sua formação, os oficiais abandonavam as suas armas de origem e ingressavam no Corpo de Estado-Maior. Considerado muito elitista, o corpo foi extinto a seguir ao [25 de Abril de 1974](#).

Tao Te Ching



Tao Te Ching edição Wang Bi , Japão 1770

O **Tao Te Ching** ([道德經](#) [[🔊 Listen](#)]), ou **Dao de Jing**, comumente traduzido pelo nome de "O Livro do Caminho e da sua Virtude" , é um dos antigos escritos chineses mais conhecidos e importantes. A tradição diz que o livro foi escrito em cerca de 600

a.C. por um sábio que viveu na Dinastia Zhou chamado [Lao Tzi](#) ("Velho Mestre"), como um livro de provérbios relacionados com o [Tao](#), e que acabou servindo como obra inspiradora para diversas religiões e filosofias, em especial o [Taoísmo](#) e o Budismo [Chan](#) (e sua versão japonesa o [Zen](#)).

Origens



Lao Tzu encontra Yin Xi, o guardião do portão do Tibet.

Como a maior parte das figuras mitológicas dos fundadores de religiões, a vida do escritor do Tao Te Ching, [Lao Tzu](#) é envolto em lendas. Segundo a tradição Lao Tzi nasceu no sul da [China](#) cerca de [604 a.C](#) sendo superintendente judicial dos arquivos imperiais em Loyang, capital do estado de Ch'u. Desgostoso pelas intrigas da vida na corte, Lao Tzi decidiu afastar-se da sociedade seguindo para as Terras do Oeste. Montado em uma carroça guiada por um boi, seguiu viagem, mas ao atravessar a fronteira, um dos seus amigos, o policial Yin-hsi, o reconheceu e lhe pediu que escrevesse seus ensinamentos antes de partir. Lao Tzi então escreveu o pequeno livro conhecido posteriormente como o Tao Te Ching, e partiu em seguida. Segundo a história, morreu em [517 a.C](#). Lao Tzi foi canonizado pelo imperador Han entre os anos [650 a.C](#). e [684 a.C](#)

Os mais recentes estudos apontam para que o Tao Te Ching tenha sido escrito por Lao Tzi entre [460 a.C](#). e [380 a.C](#). Algumas lendas dizem que o Tao Te Ching estava gravado numa série de régua de bambu. O texto ia passando de uma régua para outra e, como entretanto elas foram baralhadas, ninguém sabe hoje a sua ordem exata.

Este livro não originou o Taoísmo nem o conceito de [Tao](#): tais já eram de uso corrente antes da escrita do livro. Mas ele serviu como obra de apoio para as religiões que aderiam à idéia do Tao (Caminho) como a base da existência de todas as coisas.

Interpretação

As diversas correntes do pensamento religioso e filosófico através dos tempos atribuíram milhares de interpretações diferentes ao sentido do Tao Te Ching. Porém, o tema principal do livro é localizado em seu primeiro provérbio: "O Tao que pode ser

dito não é o Tao Verdadeiro". O Tao Te Ching situa a origem de todas as coisas no Tao (Caminho, Senda), que longe do conceito de [Deus](#) nas religiões [deístas](#), é um princípio inimaginável, inenarrável, eterno e absoluto, que não pode ser compreendido, já que qualquer tentativa de classificá-lo, cria uma dicotomia que não pode existir em algo Eterno e Absoluto. Já que o Tao não pode ser compreendido, o Tao Te Ching enfatiza que não existem meios de manipulá-lo. Logo os seres devem viver uma vida simples, sem grandes questionamentos morais ou filosóficos, onde se enfatize o "não-agir" (a "não-acção", [wu wei](#), 無為), isto é, deixar-se guiar pelo curso natural e lógico dos eventos do universo. O homem que seguir este princípio acaba liberto das vicissitudes da vida, e se torna o "Homem Santo" celebrado no Taoísmo.

Uma filosofia deste tipo, logicamente quebra todos os conceitos e tentativas do homem controlar seu destino e demonstra que toda tentativa de se criar uma religião, uma sociedade política ou moral acaba sempre sendo infrutífera.

Cosmogonia no Tao Te Ching

As ideias cosmogónicas e metafísicas do Tao Te Ching de acordo com algumas ramificações do [taoísmo](#) podem ser definidas da seguinte forma:

Tudo nasce do vazio indiferenciado, imensurável, insondável, que nunca pode ser exausto: «o Tao sem nome», que se move em torno de si mesmo sem parar. Deste «Tao sem nome» (que não existe) nasce o que existe (e tem nome): O Caminho (Tao). Não vemos o Tao como Um por causa dos nomes com que designamos o que vemos com os nossos sentidos - as «dez mil coisas» (O carácter chinês que significa «dez mil» 萬 é usado, como aliás também no grego, para significar uma miríade, ou seja, um número grande e indefinido.) É com o aparecimento dos nomes que aparecem todas as coisas e o Um se transforma em muitos.

A Virtude (Te) é a manifestação do Tao através da sua misteriosa operação: o chamado «agir não agindo» - a acção involuntária que caracteriza a natureza das coisas - «O modo de Caminhar».



Lao Zi

A partir destas ideias cosmogónicas e metafísicas, Lao Tzi deduz um sistema de moral e regras de conduta que tem por objectivo conformar as acções humanas com a ordem natural do Universo. O Homem nasceu do Tao mas depois começou a desviar-se dos seus atributos, ou seja, perdeu a Virtude - o saber como Caminhar. É uma queda que lembra a queda que se seguiu à expulsão de [Adão e Eva](#) do Paraíso, segundo a [Bíblia](#). O Caminho do Tao é o caminho de volta ao estado de graça em harmonia com o Tao (o chamado «regresso precoce»).

Tao é normalmente traduzido como Caminho ou Via. Mas apenas por parecer ser «o melhor que se pôde arranjar». De facto, o caminho não se distingue do caminhar ou do caminhar. Não há criador. O universo (o Céu e a Terra) apareceu (e aparece continuamente) a partir do Tao primordial. O que existe aparece do que não existia antes e é eterno. O universo é como um organismo vivo resultante da expansão vitalizada do Tao (a ordem natural, a providência). O Tao manifesta-se continuamente no fluxo e refluxo constante de todas as coisas que existem e que foram criadas pela sua actividade.

O Tao não tem personalidade. O que vitaliza o universo são dois princípios ou substâncias que combinados são o Tao: o [yang](#) (luz, calor, criativo, masculino) - que existe especialmente concentrado no Céu - e o [yin](#) (sombra, frio, receptivo, feminino) - que existe especialmente concentrado na Terra.

Vários filósofos [taoístas](#) chineses entendem os versículos que expõem as ideias cosmogónicas sobre o início do universo como sendo, de facto ou também, a descrição do modo como a consciência da realidade externa emerge na nossa mente.

Quando vemos uma cor ou ouvimos um som, há um momento breve inicial em que o nosso cérebro ainda não fez um julgamento sobre a nossa percepção; não sabemos ainda que som ou cor é, nem sequer temos ainda uma consciência clara que estamos a ouvir ou ver alguma coisa. Estamos no domínio «do sem nome», do vazio indiferenciado que nunca pode ser exausto ou descrito. Depois, quando emerge a consciência e o pensamento, que tem por base a linguagem, passamos ao domínio «do que tem nome» e vemos então todas as coisas diferenciadas, cada uma com o seu nome. É com o aparecimento dos nomes que aparecem todas as coisas e o Um se transforma em muitos.

Em termos mentais, o Caminho do Tao é o caminho de volta a esse breve «estado de graça» inicial. Um estado em que qualquer trabalho mental interior é eliminado e em que regressamos à nossa espontaneidade natural. As práticas dos [Budismos Chan](#) e [Zen](#), que tiveram a sua origem nas ideias taoístas, têm como objectivo exactamente atingir esse estado mental primordial de fusão paradoxal com o Um.

Trechos

(Cap.1)

O Tao de que se pode falar não é o verdadeiro e eterno Tao.
O nome que pode ser dito não é o verdadeiro nome.
O que não tem nome é a origem do Céu e da Terra
E o nomear é a mãe de todas as coisas.

Sem a intenção de o considerar,

Podemos apreender o mistério e as suas subtilezas,
Através da sua ausência de forma.
Tentando considerá-lo, só podemos ver a sua manifestação
Nas formas que definem o limite das coisas.

Ambos provêm da mesma fonte e são o mesmo.
Diferem apenas devido ao aparecimento dos nomes.
São o mistério mais profundo,
a porta para todos os mistérios.

(Cap.40)

As dez mil coisas nascem a partir do que existe (e tem nome)
E o que existe nasce do que não existe (e não tem nome).

(Cap.4)

O Tao é como o espaço vazio dentro de um vaso;
Mas, por mais que o enchamos, nunca ficará cheio.
É imensurável, como se fosse o Antepassado de todas as coisas.

(Cap.41)

Quando um estudioso mais sábio ouve falar no Tao,
Abraça-o com zelo.
Quando um estudioso médio ouve falar no Tao,
Pensa nele de vez em quando.
Quando um estudioso inferior ouve falar no Tao,
Ri-se às gargalhadas.
Se ele não risse
O Tao não seria o Tao (o Caminho).

(Cap.11)

Trinta raios convergem para o meio de uma roda
Mas é o buraco em que vai entrar o eixo que a torna útil.
Molda-se o barro para fazer um vaso;
É o espaço dentro dele que o torna útil.
Fazem-se portas e janelas para um quarto;
São os buracos que o tornam útil.

Por isso, a vantagem do que está lá
Assenta exclusivamente
na utilidade do que lá não está.

(Cap.48)

Na busca do conhecimento, todos os dias algo é adquirido,
Na busca do Tao, todos os dias algo é deixado para trás.
E cada vez menos é feito

até se atingir a perfeita não-acção.
Quando nada é feito, nada fica por fazer.

Domina-se o mundo deixando as coisas seguirem o seu curso.
E não interferindo.

(Cap.3)

Não exaltar os homens com habilidade superior
Evita que as pessoas rivalizem entre si;
Não dar valor às coisas raras
Evita que surjam ladrões;
Não lhes mostrar o que pode excitar os seus desejos
É o modo de manter os seus corações em paz.

Por isso, o sábio governa simplificando-lhes as mentes,
Enchendo-lhes a barriga,
Enfraquecendo-lhes a ambição
Fortalecendo-lhes os ossos,
Mantendo-os sem conhecimentos e desejos que os desviem do Caminho,
De modo a que os que têm nunca ousem sequer interferir.
Se nada for feito, tudo estará bem.

(Cap.60)

Governa-se um estado
Como se frita um peixe pequeno.
(*Para fritar um peixe pequeno, é só deixá-lo fritar; não é preciso virá-lo ou interferir de outro modo qualquer. E usa-se lume brando.*)

A dificuldade de traduzir a língua chinesa

A língua chinesa (e sobretudo a mais antiga) é muito concisa. São frequentes frases sem verbos como «eu grande tu pequeno» ou «eu grande tu» (= sou maior do que tu). Para a traduzir, é necessário compor a frase com pronomes, advérbios, preposições, conjunções, que não estão na língua original.

Enquanto nas línguas ocidentais a gramática é uma estrutura sólida com a qual se podem construir períodos e parágrafos complexos, a gramática chinesa é fluida e flexível. Hoje usam-se sinais de pontuação, mas isso é muito recente. Por isso, como não existem maiúsculas, é por vezes complicado perceber onde começa cada frase. No estilo clássico, utilizavam-se as rimas de palavras para indicar o fim das frases.

Os caracteres são elementos que formam frases com grande versatilidade. Cada carácter (ou palavra) é um elemento móvel na estrutura e influencia o significado e a função dos outros e é influenciada por eles. Só quando se percorreu e analisou toda uma frase de um texto chinês antigo se *decifra* o seu significado. Dependendo do contexto, a palavra «mestre» pode significar também «para servir o mestre», «para seguir o mestre» etc. Uma palavra antes de um verbo pode constituir o tema de uma frase mas pode também ser um determinante do verbo, como, por exemplo, em «dez andar», que significa

«andar dez passos». A palavra «eu» pode significar eu, me, mim, o meu, a minha. O plural só é indicado em caso de necessidade, quando não se entende pelo sentido de uma frase.

«Bom chá» é um chá que é bom, mas a «chá bom» segue-se um termo de comparação (bom, nessa posição, significa maior do que). «Cão carne» pode significar duas coisas diferentes conforme o contexto: carne de cão ou carne para o cão. Mas «vaca carne» é carne de vaca, porque a vaca é um animal herbívoro.

Na língua escrita de estilo antigo cada palavra, em geral, era escrita usando um único carácter (monossilábico); era um estilo muito mais conciso e literário do que é a língua falada. (Por isso os europeus julgaram inicialmente que o chinês era uma língua monossilábica. Mas a língua falada é mais dissilábica e polissilábica.)

Como o Tao Te Ching foi escrito usando a escrita de estilo antigo, o texto é extremamente conciso e não é de interpretação fácil mesmo para um chinês. O significado de cada monossílabo, no meio de uma série contínua de caracteres sem pontuação, não surge espontaneamente; as frases têm uma estrutura mais difícil de detectar. As palavras que rimam sugerem as frases que estão presentes; mas nem sempre elas estão lá e nem sempre a estrutura fica perfeitamente clara. Sabe-se também que na época de Lao Tzi não havia uma escrita unificada, porque a China não estava ainda politicamente unificada, e que o significado e pronúncia de muitos caracteres se foi alterando com o tempo.

Por isso, não é nada certo que para um chinês seja mais fácil compreender o que diz o Tao Te Ching do que para um ocidental. E, provavelmente, nunca será possível ter a certeza absoluta do que é que Lao Tzi queria dizer em cada frase particular. Mas há uma unidade no texto que ajuda a perceber a ideia global.

Ou seja, a informação presente no texto não é uma estrutura sólida com base na qual se possa construir uma interpretação definitiva. Cada porção do texto interliga-se como que orgânica ou quimicamente com as outras e influencia o significado e o seu significado é influenciado por eles. Como a ordem original das várias secções do livro também se desconhece, cada porção é um elemento móvel na estrutura global.

Dois exemplos:

Na busca do conhecimento, todos os dias algo é adquirido,
Na busca do Tao, todos os dias algo é deixado para trás.

E cada vez menos é feito
até se atingir a perfeita não-acção.
Quando nada é feito, nada fica por fazer.

Domina-se o mundo deixando as coisas seguirem o seu curso.
E não interferindo.

Tao Te Ching 道德經 (Cap.48)

Em chinês:

為學日益
為道日損
損之又損
以至於無為
無為而無不為
取天下常以無事
及其有事
不足以取天下

agir aprender dia aumentar
agir Tao dia perder
perder gera novo perder
continua até à não acção
não acção contudo não sem acção
obtem-se céu debaixo normal uso sem trabalho
alcança-se isto surgindo trabalho
sem por-si-só usar escolha céu debaixo

Nota: Repare que, na ausência de pontuação, é o paralelismo entre os primeiros dois grupos de 4 caracteres que sugere que eles formam uma frase. O segundo carácter pode significar também «escola»; é pelo contexto que se percebe que é um verbo. O terceiro carácter pode significar também «Sol»; é pelo contexto que se percebe que é uma qualificação do verbo «aumentar» que se lhe segue, significando por isso «diariamente». O mundo é designado por «tudo que está por baixo do Céu».

O Espírito do Vale é imortal.
É a misteriosa vagina maternal.
A porta por onde sai a raiz do Céu e da Terra.
Uma raiz tão fina quanto um fio de seda.
Mas o que a partir dela se eleva nunca se esgota.

Tao Te Ching 道德經 (Cap.6)

Em chinês:

谷神不死
是謂玄牝
玄牝之門
是謂天地根
綿綿若存
用之不勤

(Vale, ravina com água) (espírito) (não) (morre)
(correcto) (nome) (obscuro) («garganta funda feminina»)
(obscuro) («garganta funda feminina») (sai dele) (porta)
(correcto) (nome, significado) (Céu) (Terra) (raiz, objecto fino e longo)
(fio de algodão macio) (fio de algodão macio) (parece) (existir)
(uso, utilidade) (sai dele) (eleva-se) (regularmente)

Nota: Espírito do Vale é outra designação para o Tao.

Tao



Tao 道 (pronuncia-se *tao*, mas na grafia chinesa Pinyin escreve-se *Dao*) significa, traduzindo literalmente, *o Caminho*, mas é um conceito que só pode ser apreendido por intuição. O Tao não é só um caminho físico e espiritual; é identificado com o *Absoluto* que, por divisão, gerou os opostos/complementares [Yin](#) e [Yang](#), a partir dos quais todas as «dez mil coisas» que existem no Universo foram criadas.

É um conceito muito antigo, adotado como princípio fundamental do [taoísmo](#), doutrina fundada por [Lao Zi](#).

O Tao é a espontaneidade natural

O conceito de Tao é algo que só pode ser apreendido por intuição. É algo muito simples, mas não pode ser explicado. É o que existe e o que inexistente. Só que nós temos demasiados conceitos dentro da cabeça para o entender como um todo uno.

O Tao é o Caminho da espontaneidade natural. É o que produz todas as coisas que existem. O *Te* 德 (a Virtude) é o modo de caminhar espontâneo que dá às coisas a sua perfeição.

O Tao não transcende o mundo; o Tao é a totalidade da espontaneidade ou «naturalidade» de todas as coisas. Cada coisa é simplesmente o que é e faz. Por isso, o Tao não faz nada; não precisa de o fazer para que tudo o que deve ser feito seja feito. Mas, ao mesmo tempo, tudo que cada coisa é e faz espontaneamente é o Tao. Por isso, o Tao «faz tudo ao fazer nada».

O Tao produz as coisas e é o Te que as sustenta. As coisas surgem espontaneamente e agem espontaneamente. Cada coisa tem o seu modo espontâneo e natural de ser. E todas as coisas são felizes desde que evoluam de acordo com a sua natureza. São as modificações nas suas naturezas que causam a dor e o sofrimento.

O modo de caminhar taoista

Se entendermos bem a natureza das coisas e conseguirmos esquecer tudo o que aprendemos que tenta ir contra ela, conseguimos fazer tudo o que é possível, com o mínimo esforço. Porque acabamos por deixar as coisas seguirem o seu curso natural. Não fazemos nada (claramente por nossa vontade própria) mas nada fica por fazer.

Na busca do conhecimento, todos os dias algo é adquirido,
Na busca do Tao, todos os dias algo é deixado para trás.

E cada vez menos é feito
até se atingir a perfeita não-ação.
Quando nada é feito, nada fica por fazer.

Domina-se o mundo deixando as coisas seguirem o seu curso.
E não interferindo.

[Tao Te Ching](#) 道德經 (Cap.48) - O Livro do Caminho e da sua Virtude

Devemos agir de acordo com a nossa vontade apenas dentro dos limites da nossa natureza e sem tentar fazer o que vai para além dela. Devemos usar o que é naturalmente útil e fazer o que espontaneamente podemos fazer sem interferir na nossa natureza. E não tentar fazer aquilo que não podemos fazer ou tentar saber aquilo que não podemos saber. A felicidade é essa "não-ação" perfeita ([wu wei](#) 無為).

Para conseguirmos entender o curso natural das coisas e seguirmos o Caminho temos que conseguir desaprender muitos conceitos. Para os podermos desaprender é preciso que antes os tenhamos aprendido. Mas temos que passar a um estado muito parecido com o estado inicial em que estávamos antes de o termos aprendido.

Se abrirmos os olhos de repente, há um brevíssimo momento durante o qual o nosso cérebro ainda não analisou o que está a ver. Ainda não distinguiu as cores e as formas nem descodificou o que se está a passar à nossa frente. Os taoistas procuram viver o mais perto possível desse estado. É uma renúncia à análise, sempre imperfeita, da realidade.

Trinta raios convergem para o meio de uma roda
Mas é o buraco em que vai entrar o eixo que a torna útil.

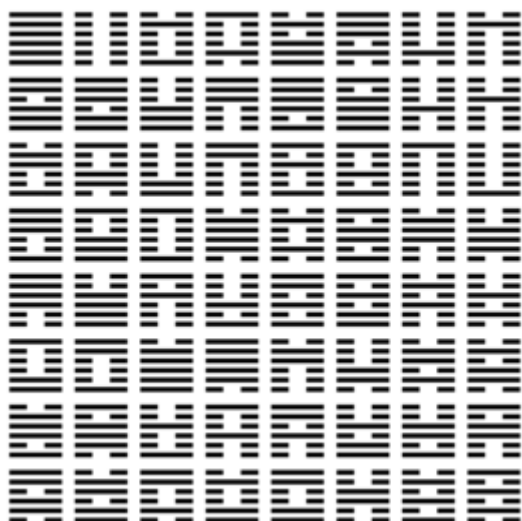
Molda-se o barro para fazer um vaso;
É o espaço dentro dele que o torna útil.

Fazem-se portas e janelas para um quarto;
São os buracos que o tornam útil.

Por isso, a vantagem do que está lá
Assenta exclusivamente
na utilidade do que lá não está.

[Tao Te Ching](#) 道德經 (Cap. 11)

I Ching



Sequência do Rei Wen

O **I Ching** ou **Livro das Mutações**, é um texto clássico [chinês](#) composto de várias camadas, sobrepostas ao longo do tempo. É um dos mais antigos e um dos únicos textos chineses que chegaram até nossos dias. *Ching*, significando clássico, foi o nome dado por [Confúcio](#) à sua edição dos antigos livros. Antes era chamado apenas *I*: o [ideograma](#) I é traduzido de muitas formas, e no século XX ficou conhecido no ocidente como "mudança" ou "mutação".

O "I Ching" pode ser compreendido e estudado tanto como um oráculo quanto como um livro de sabedoria. Na própria China, é alvo do estudo diferenciado realizado por religiosos, eruditos e praticantes da filosofia de vida taoísta.

Filosofia e cosmologia no I Ching

As [oito figuras](#) que formam o I Ching estão na base da cultura que se desenvolveu na China durante milênios. Para os chineses a ordem do mundo depende de se dar o nome correto às coisas, portanto o significado de "I" sempre foi objeto de discussão.

Alguns vêem o [ideograma](#) I como semelhante ao desenho de um camaleão, representando o movimento (como o lagarto) e a mutação (como o mimetismo do camaleão). Outros afirmam que o ideograma é formado pelo do Sol em cima e o da Lua embaixo, a mutação sendo simbolizada pelo movimento incessante destes astros no céu.

Para o pensamento chinês, não há o que mude, há apenas o mudar. A mutação seria o caráter mesmo do mundo. Mas a mutação é, em si mesma, invariável, ela sempre existe. Portanto, "I" significa mutação e não-mutação. Subjaz, à complexidade do universo, uma 'simplicidade' que consiste nos princípios que estão por trás de todos os ciclos. Ao fluir com as circunstâncias se evita o atrito e portanto a resistência: esse é o caminho do homem sábio.

Tanto o [taoísmo](#) como o [confucionismo](#), as duas linhas da filosofia chinesa, beberam da fonte do I.

Tudo que ocorre no céu e na terra tem sua imagem nos [oito trigramas](#), que estão continuamente se transformando um no outro. Têm várias camadas de significados, e representam processos da natureza. São, portanto, o mundo [arquetípico](#), ou o mundo das idéias de [Platão](#). É usada para ilustrá-los a [analogia](#) com a família:

- o pai é forte
- a mãe é maleável
- os três filhos são as três fases do movimento: início, perigo e repouso
- as três filhas são as três etapas da devoção: suave penetração, clareza e tranquilidade

Em [Heráclito](#), e mais tarde na [dialética européia](#), encontramos os ecos da fluidez que é a base do I Ching.

História

Há cerca de seis ou sete mil anos havia um mito universal de que todos os seres eram provenientes do [útero](#) de uma *Mãe Cósmica* ^{III}; tal mito da criação universal teve lugar durante uma fase informe do mundo, aonde nada podia ainda ser identificado. Inicialmente cultuada na [Índia](#), como [Kali](#), a *Mãe Informe*, recebeu depois o nome de [Tiamat](#) (Babilônia), [Nu Kua](#) (China), [Temut](#) (Egito), [Têmis](#) (Grécia pré-helênica) e [Tehom](#) ([Síria](#) e [Canaã](#)) --este último foi o termo usado mais tarde pelos escritores bíblicos para [Abismo](#). As mais antigas noções de criação se originavam da idéia básica do nascimento, que consistia na única origem possível das coisas e esta condição prévia do caos primordial foi extraída diretamente da teoria arcaica de que o útero cheio de sangue era capaz de criar magicamente a prole. Acreditava-se que a partir do sangue divino do útero e através de um movimento, dança ou ritmo cardíaco, que agitasse este sangue, surgissem os "frutos", a própria maternidade. Essa é uma das razões pelas quais as danças das mulheres primitivas eram repletas em movimentos pélvicos e abdominais.

Muitas tradições referiram o princípio do *coração materno* que detém todo o poder da criação. Este coração materno, "uma energia capaz de coagular o caos espumoso" ^[2] organizou, separou e definiu os elementos que compõem e produzem o cosmos; a esta energia organizadora os gregos deram o nome de *Diakosmos*, a *Determinação da Deusa*. Os [egípcios](#), nos hieróglifos, chamaram este coração de *ab* e os [hebreus](#) foram os primeiros a chamar de *pai* (ainda que masculinizassem, a idéia fundamental de família e continuidade da vida não era patriarcal).

O coração e o sangue definem um elo imanente a todos os seres que dele nasceram e uma idéia de coração oculto do universo que pulsa e mantém o ritmo de ciclos das estações, dos nascimentos, mortes, destinos. Este é o significado que está no [Livro dos Mortos](#) ou das *mutações*. No mesmo sentido o livro chinês é denominado *Livro das Mutações*.

O nome chinês dado à *Mãe Primordial* e informe é *Nu Kua*, nome referido também entre os egípcios, gregos, mesopotâmicos e hindu. As referências a ela remontam há 2.500 a.C. e a imagem permanece venerada nas regiões setentrionais. [Kuan Yin](#) ou *A Mulher* é uma deusa dos casamentos e das mulheres em geral. O corpo original do *I Ching* chama-se (oito Trigramas) e os sessenta e quatro hexagramas são denominados por *kua*, derivado linguístico de *Mãe Primordial* ou *Nu Kua*.

Dinastia Chou

O *I Ching* surgiu antes da [dinastia Chou \(1150-249 a.C.\)](#) e era um conjunto de oito *Kua*, figuras formadas por três e seis linhas sobrepostas. James Legge, na tradução para o inglês (1882), chamou de *trigrama* o conjunto de três linhas e *hexagrama* o de seis, para distingui-los entre si.

A origem dos 64 hexagramas é atribuída a [Fu Hsi](#), o criador mítico chinês, e até a dinastia Chou eles formavam o *I*. Os oito trigramas têm nomes não encontrados em chinês, a origem é pré-literária.

O tempo obscureceu a compreensão das linhas, e no começo da dinastia Chou surgiram dois anexos: o Julgamento, atribuído pela tradição ao rei Wên, e as Linhas, atribuídas a seu filho, o duque de Chou, ambos fundadores desta dinastia.

Mais tarde, mesmo o significado destes textos começou a ficar obscuro, e no [século VI a.C.](#) foram acrescentadas as Dez Asas, que a tradição atribui a Confúcio, embora seja claro que a maioria delas não pode ser de sua autoria. O nome "*I Ching*" é dado ao conjunto dos *Kua* e todos os textos posteriores.

O *I Ching* escapou da grande queima de livros feita pelo tirano Ch'in Shih Huang Ti, no tempo em era considerado um livro de magia e [adivinhação](#), o que levou a escola de magos das dinastias Ch'in e Han a interpretá-lo segundo outras visões. A doutrina do yin-yang foi sobreposta ao texto. O sábio Wang Pi veio a resgatá-lo como livro de sabedoria.

Houve várias traduções do "*I Ching*" para línguas ocidentais, algumas claramente desrespeitosas, tratando a cultura chinesa como primitiva. A tradução de Legge fez parte

da série *Sacred books of the East* (Livros sagrados do Oriente), e foi traduzida também para o português.

[Richard Wilhelm](#) traduziu o I Ching para o alemão ao longo dos anos em que viveu na China, inclusive durante a invasão japonesa, quando a cidade em que estava foi cercada. Teve o apoio de um velho e sábio mestre, Lao Nai Suan, que morreu ao ser concluída a tradução. A edição alemã é do ano de [1923](#). Wilhelm traduziu também outro clássico chinês, o [Tao Te Ching](#).

O uso oracular do I Ching

A ênfase no aspecto oracular do "I" variou com o tempo. No século VI a.C. era visto mais como livro de filosofia, ao passo que na dinastia Han, quando a magia teve grande papel, era visto como [oráculo](#).

Como todo oráculo, exige a aproximação correta: a meditação prévia, o ritual, e a formulação precisa da pergunta. O oráculo nunca falha, quem falha é o consulente: se a pergunta não foi clara e precisa, isto indica que a pessoa não tem clareza sobre o que deseja saber. O ritual tem a função psicológica de focar a atenção da pessoa na consulta.

A consulta oracular é feita com 50 varetas (originalmente de mil-folhas, uma planta sagrada), das quais uma é separada e as outras 49 manuseadas, seguindo seis vezes a mesma operação matemática, para a obtenção da resposta. Dessa manipulação resulta uma linha *firme* ou uma linha *maleável*, que podem ser móveis. As linhas firmes são resultado da obtenção dos números 7 ou 9, e as maleáveis vêm dos números 6 ou 8. Destes, 6 e 9 correspondem a linhas móveis que, por estarem prestes a mudar, têm importância na interpretação.

O I Ching, por ser um livro sagrado, e as varetas usadas na consulta, eram guardados em uma caixa de madeira virgem, embrulhados em seda também virgem.

No Japão, a consulta é feita com o uso de três moedas.

Referências


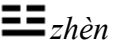

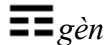
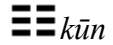
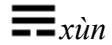











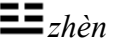

















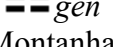








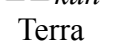

















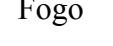








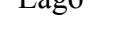








1. [↑ *O I Ching da Deusa*.](#)
 2. [↑ B. Walker, *O I Ching da Deusa*, p. 11](#)
- *I Ching*, tradução do chinês para o alemão por [Richard Wilhelm](#), 1923. Edição brasileira, 1982, traduzida do alemão por Alayde Mutzenbecher e Gustavo Corrêa Pinto; traz o prefácio de [C.G.Jung](#) à tradução inglesa. .
 - *O I Ching da Deusa*. Barbara Walker. Editora Cultrix.

Hexagramas (I Ching)

Os **hexagramas** (卦) ([pinyin](#): guà) são símbolos constituídos por seis linhas [Yin](#) ou [Yang](#) que estruturam o livro [chinês I Ching](#) (易經) ([pinyin](#): yì jīng).

Os 64 hexagramas podem também ser considerados combinações entre os oito [trigramas](#) básicos.

Tabela dos 64 hexagramas

Trigrama superior → inferior ↓	 <i>qián</i> Céu	 <i>zhèn</i> Trovão	 <i>kǎn</i> Água	 <i>gèn</i> Montanha	 <i>kūn</i> Terra	 <i>xùn</i> Vento	 <i>lí</i> Fogo	 <i>duì</i> Lago
 <i>qián</i> Céu	 1	 34	 5	 26	 11	 09	 14	 43
 <i>zhèn</i> Trovão	 25	 51	 3	 27	 24	 42	 21	 17
 <i>kǎn</i> Água	 6	 40	 29	 4	 7	 59	 64	 47
 <i>gèn</i> Montanha	 33	 62	 39	 52	 15	 53	 56	 31
 <i>kūn</i> Terra	 12	 16	 8	 23	 2	 20	 35	 45
 <i>xùn</i> Vento	 44	 32	 48	 18	 46	 57	 50	 28
 <i>lí</i> Fogo	 13	 55	 63	 22	 36	 37	 30	 49
 <i>duì</i> Lago	 10	 54	 60	 41	 19	 61	 38	 58

Lista dos nomes dos 64 hexagramas

Esta é a tradução para o português dos nomes atribuídos aos 64 hexagramas do I Ching:

- 01. *qián* _____ O Criativo
- 02. *kūn* _____ O Receptivo
- 03. *zhūn* _____ A Dificuldade Inicial

04. *mēng* _____ A Insensatez Juvenil
05. *xū* _____ A Espera
06. *sòng* _____ O Conflito
07. *shī* _____ O Exército
08. *bì* _____ A Solidariedade (A União)
09. *xiǎo chù* _____ O Poder de Domar do Pequeno
10. *lǚ* _____ A Trilha (A Conduta)
11. *tài* _____ A Paz
12. *pǐ* _____ A Estagnação
13. *tóng rén* _____ A Comunidade com os Homens
14. *dà yǒu* _____ Grandes Posses
15. *qiān* _____ A Humildade (Modéstia)
16. *yù* _____ O Entusiasmo
17. *suí* _____ O Seguir
18. *gǔ* _____ O Trabalho sobre o Deteriorado (O Trabalho sobre o Corrompido)
19. *lín* _____ A Aproximação
20. *guān* _____ A Contemplação
21. *shì kè* _____ O Morder
22. *bì* _____ A Graciosidade (Beleza)
23. *bō* _____ A Desintegração
24. *fù* _____ O Retorno (O Ponto de Mutação)
25. *wú wàng* _____ A Inocência
26. *dà chù* _____ O Poder de Domar do Grande
27. *yí* _____ O Prover Alimento (As Bordas da Boca)
28. *dàguò* _____ A Preponderância do Grande
29. *kǎn* _____ O Abismal (A Água; O Insondável)
30. *lí* _____ O Aderir (O Fogo)
31. *xián* _____ A Influência (O Cortejar)
32. *héng* _____ A Duração
33. *dùn* _____ A Retirada
34. *dà zhuàng* _____ O Poder do Grande
35. *jìn* _____ O Progresso
36. *míng yí* _____ O Obscurecimento da Luz
37. *jiā rén* _____ A Família
38. *kuí* _____ A Oposição
39. *jiǎn* _____ O Obstáculo (A Obstrução)
40. *jiě* _____ A Liberação
41. *sǔn* _____ A Diminuição
42. *yì* _____ O Aumento
43. *guài* _____ A Determinação (O Irromper)
44. *gòu* _____ Vir ao Encontro
45. *cù* _____ A Reunião
46. *shēng* _____ A Ascensão
47. *kùn* _____ A Opressão (A Exaustão)
48. *jǐng* _____ O Poço
49. *gé* _____ A Revolução
50. *dǐng* _____ O Caldeirão
51. *zhèn* _____ O Incitar (A Comoção; O Trovão)
52. *gèn* _____ A Quietude (A Montanha)
53. *jiàn* _____ O Desenvolvimento (O Progresso Gradual)

54. *guī mèi* _____ A Jovem que se Casa
 55. *fēng* _____ A Abundância (A Plenitude)
 56. *lǚ* _____ O Viajante
 57. *xùn* _____ A Suavidade (O Penetrante; O Vento)
 58. *duì* _____ A Alegria (O Lago)
 59. *huàn* _____ A Dispersão (A Dissolução)
 60. *jié* _____ A Limitação
 61. *zhōng fú* _____ A Verdade Interior
 62. *xiǎo guò* _____ A Preponderância do Pequeno
 63. *jì jì* _____ Após a Conclusão
 64. *wèi jì* _____ Antes da Conclusão

Trigrama



Arranjo do Céu Posterior com os nomes dos trigramas em chinês

Os **Trigramas** (卦) ([pinyin](#): guà) são desenhos que correspondem às 8 possibilidades de combinação de [Yin Yang](#) em três linhas. São elementos que estruturam o livro [chinês I Ching](#) (易經) ([pinyin](#): yì jīng).

A representação dos oito trigramas desenhados em torno de um mesmo centro é chamado em [chinês](#) de [Bagua](#).

Trigramas

Os trigramas são sequências formadas por três linhas, compostas pela combinação de linhas contínuas (___) e linhas quebradas (_ _).

As linhas contínuas representam o [Yang](#) (o convexo, a força, o movimento) enquanto as linhas quebradas representam o [Yin](#) (o concavo, a fraqueza, a quietude).

Estas linhas agrupadas em pares originam os quatro bigramas.

Através da adição de uma linha aos bigramas são constituídos os trigramas, representações básicas dos fenômenos da natureza.

Os oito Trigramas

Esta tabela foi construída com os trigramas desenhados na [vertical](#), o mais usual é representá-los na [horizontal](#), considerar a linha mais à [esquerda](#) como linha inferior.



Derivação dos 8 trigramas segundo [Fuxi](#).

Os 8 Trigramas

	乾 <i>qián</i>	Céu
:::	坤 <i>kūn</i>	Terra
::	震 <i>zhèn</i>	Trovão
: :	坎 <i>kǎn</i>	Água
::	艮 <i>gèn</i>	Montanha
:	巽 <i>xùn</i>	Vento
:	離 <i>lí</i>	Fogo
:	兌 <i>duì</i>	Lago

A representação vertical dos trigramas torna mais aparente o motivo pelo qual podem ser lidos também como representações numéricas pertencentes a um [Sistema binário](#). Assim, se tomarmos o "1" como representação do [Yang](#) e o "0" como representação do [Yin](#), o trigramas da Terra poderia ser escrito como "000" e o do Céu como "111".

Dos Trigramas aos Hexagramas

Os 64 hexagramas do I Ching são obtidos através da combinação de dois trigramas.

Esta tabela foi construída com os hexagramas desenhados na vertical, o mais usual é representá-los na horizontal, considerar a linha mais à esquerda como linha inferior.

Para um quadro com todos os hexagramas do I Ching representados na horizontal, ver o artigo da Wikipédia [Hexagramas \(I Ching\)](#).

Os 64 Hexagramas

			Céu	Terra	Trovão	Água	Montanha	Vento	Fogo	'Lago
			<i>qián</i>	<i>kūn</i>	<i>zhèn</i>	<i>kǎn</i>	<i>gèn</i>	<i>xùn</i>	<i>lí</i>	<i>duì</i>
				:::	::	: :	::	:	:	:
Céu	<i>qián</i>					:	::	:	:	:
Terra	<i>kūn</i>	:::	:::	:::	:::	::::	:::	:::	:::	:::
Trovão	<i>zhèn</i>	::	::	::	::	:::	::	::	::	::
Água	<i>kǎn</i>	: :	: :	: :	: :	: :	: :	: :	: :	: :
Montanha	<i>gèn</i>	::	::	::	::	:: :	:: :	:: :	:: :	:: :
Vento	<i>xùn</i>	:	:	:	:	: :	: :	: :	: :	: :
Fogo	<i>lí</i>	:	:	:	:	: :	: :	: :	: :	: :
Lago	<i>duì</i>	:	:	:	:	:	:	:	:	:

Ao substituir as linhas contínuas por 1 e as quebradas por 0 o I Ching se configura como uma tabela de números binários. Quando o famoso matemático [Leibniz](#) conheceu o I Ching ficou maravilhado com a semelhança deste com o [sistema binário](#) que concebera.

Descrição de cada trígama

Trígama	Ideograma	Pinyin	Imagem natural	Qualidades	Outras imagens
☰	乾	qián	o Céu 天	Criatividade, força, iniciativa	O Criativo , o cavalo (bom, velho, magro, selvagem), o pai, a cabeça, o redondo, o príncipe, o jade, o metal, o frio glacial, o vermelho escuro, um fruto...

☷	坤	kūn	A Terra 地	Disponibilidade, adaptabilidade, referência, senhor de si	O receptivo , o búfalo, a mãe, o ventre, um étoffe, um caldeirão, a economia, a igualdade, o velho com o búfalo, um grande char, a multidão, o tronco, o sol noir parmi les autres...
☳	震	zhèn	O Trovão 雷	Impulsão, mudança de rota,	O Incitar , o dragão, o 1º filho, o pé, o amarelo escuro, uma grande rue, un roseau ou un jonc...
☵	坎	kǎn	A Água 水	Profundidade, resiliência,	O Insondável , o porco, o 2º filho, a orelha, les fosses, les pièges, o arco e a flecha, o sangue, o vermelho, a lua, a madeira firme com muitas marcas...
☶	艮	gèn	A Montanha 山	Rigor, coesão, calma, solidez	A Imobilidade , o cão, o filho mais jovem (3º), o caminho tortuoso, as pedras, as portas, os frutos, as sementes, a madeira firme e nova...
☴	巽	xùn	O Vento, A Madeira 風	Penetração, submissão, interiorização	A Suavidade , o galo, a 1ª filha, les cuisses, le corbeau, o trabalho, o branco, o longo, o alto, o indeciso...
☲	離	lí	O Fogo 火	Clareza, lucidez, vivacidade	O Aderir , a fênix, a 2ª filha, o olho, o brilhante, o escudo e a armadura, a lança e os braços, la sècheresse, a tartaruga (la tortue), o caranguejo (le crabe), o escargot (caracol), a árvore ressecada no alto...
☱	兌	duì	O Lago 澤	Expressividade e comunicativo, alegria, vivacidade	A Alegria , o carneiro (le mouton), a filha mais jovem (3ª), a boca (e a língua), a feiticeira, ecraser briser en morceau, a vizinha (la voisine), o sol duro e sallé...

Ba Gua



Ba Gua: arranjo do Céu Primordial



Ba Gua: arranjo do Céu Posterior

Ba Gua ([pinyin](#)) ou **Pa Kua** (八卦) é a representação de um conceito filosófico fundamental da antiga [China](#), sua tradução literal significa oito trigramas ou oito mutações.

Pode ser representado como um diagrama [octogonal](#) com um [trígama](#) situado em cada lado.

Os trigramas podem ser dispostos segundo diferentes arranjos, assumindo diferentes significados, os mais importantes são a disposição do Céu Primordial e a disposição do Céu Posterior.

O conceito *ba gua* não se aplica apenas à filosofia [Taoísta Chinesa](#) e ao *I Ching*, mas é também fundamental em outros domínios da cultura Chinesa, como o [Feng Shui](#) 風水, as [artes marciais chinesas](#), e a [navegação](#).

O princípio das "Oito Mutações"



Os oito trigramas

O diagrama do Pa Kua representa formalmente os princípios das "Oito Mutações". Este conhecimento pode ser utilizado e adaptado à compreensão de qualquer tipo de situação, considerando que estas estão sempre em mutação assim como a própria natureza.

Observando os trigramas como indicações de oito caminhos que se abrem a partir de cada situação, é possível avaliar o desenvolvimento de uma determinada questão sob oito perspectivas diferentes. A partir destas referências cada pessoa pode escolher melhor os seus próprios caminhos.

É importante ressaltar um significado implícito à simbologia que o bem está contido no mal, o mal está contido no bem e essas forças antagonicas são opostas e complementares, existindo dentro de todos nós e sendo guiadas pelo discernimento.

Ba Gua 八卦 (Oito Trigramas)

卦名 Nome	卦像 Trigrama	自然 Natureza	性情 Personalidade	家族 Família	方位 Direção
乾 Qian	☰	天 Céu	健 Criativo	父 Pai	Noroeste
兌 Dui	☱	泽 Lago	悦 Alegria	少女 Filha mais nova	Oeste
離 Li	☲	火 Fogo	麗 Aderir	中女 Filha do meio	Sul
巽 Xun	☴	風 Vento	入 Suavidade	長女 Filha mais velha	Sudeste
震 Zhen	☳	雷 Trovão	動 Incitar	長男 Filho mais velho	Leste
坎 Kan	☵	水 Água	陷 Abismal	中男 Filho do meio	Norte
艮 Gen	☶	山 Montanha	止 Quietude	少男 Filho mais novo	Nordeste
坤 Kun	☷	地 Terra	順 Receptivo	母 Mãe	Sudoeste

O conceito original

[Fu xi](#) situa o Ba Gua entre as interações nascidas na tradicional filosofia do [Yin/Yang](#) da seguinte maneira:

- - 无极生有极, 有极是太极,
 - 太极生两仪, 即阴阳,
 - 两仪生四象: 即少阳、太阳、少阴、太阴,
 - 四象演八卦, 八八六十四卦.

Caracteres chineses	Hànyǔ pīnyīn	Tradução em português
无极生有极, 有极是太极,	wújí shēng yǒují, yǒují shì tàijí	O Ilimitado (Wuji) gera o Delimitado, este é o Absoluto (Taiji)
太极生两仪, 即阴阳;	tàijí shēng liǎng yí, jí yīn yáng	O Taiji gera duas formas, nomeadas yin e yang

<p>两仪生四象: 即少阳、太阳、少阴、太阴,</p>	<p>liǎng yí shēng sì xiàng : jí shǎoyīn, tàiyīn, shǎoyáng, tàiyáng,</p>	<p>As duas formas geram quatro fenômenos, chamados pequeno yang, grande yang (Taiyang também representa o Sol), pequeno yin, grande yin (Taiyin também representa a Lua).</p>
<p>四象演八卦, 八八六十四卦</p>	<p>sì xiàng yǎn bāguà, bābā liùshísì guà</p>	<p>Os quatro fenômenos geram oito trigramas (ba gua), oito vezes oito são sessenta e quatro hexagramas.</p>

O [Rei Wen](#) da [Dinastia Zhou](#) escreveu que:

"No início havia o Céu e a Terra. Céu e Terra se uniram e deram origem a tudo que existe no mundo.

O trigrama *Qian* representa o Céu, e o trigrama *Kun* representa a Terra.

Os seis trigramas restantes são seus filhos e filhas.

Lendas sobre a revelação do conhecimento do Ba Gua

Existem várias lendas sobre como o conhecimento do Ba Gua foi revelado aos seres humanos. A mais conhecida é a do imperador [Fu Hsi](#), a quem também são atribuídas a invenção da [escrita](#), do [matrimônio](#), da arte da [costura](#) e os primeiros relatos sobre a [Medicina Tradicional Chinesa](#).

Ao passear pelas margens do [Rio Amarelo](#), aproximadamente em 3.000 a.c, Fu Hsi teria visualizado os oito trigramas no casco de uma [tartaruga](#). Outra lenda se refere a um animal com corpo de [dragão](#) e cabeça de [cavalo](#) com os trigramas representados nas costas.

Fu Hsi teria percebido neles uma chave para explicar todas as coisas e os deixou como legado para os seus sucessores, que trataram de dar continuidade aos estudos sobre os trigramas elaborando o [I Ching](#) (O livro como o conhecemos atualmente possuiu três autores: o [conde Wen](#), o [duque Chou](#) e o famoso filósofo [Confúcio](#) (Kung Fu Tsé).)

Além do I Ching outros aspectos da cultura tradicional chinesa foram estruturados a partir dos princípios revelados pelo Pa Kua, como a [arte marcial chinesa Ba Gua Zhang](#), desenvolvida por [Dong Hai Chuan](#) no início do [século XIX](#), e o [Feng Shui](#).

O uso do Ba Gua como amuleto



Ba Gua

O Ba Gua assume também um significado religioso dentro da doutrina [Taoísta](#), justificando o seu uso como [amuleto](#) pelos que seguem o [Tao](#) como [religião](#).

No Ocidente, com a crescente divulgação do [Feng Shui](#) como um modo de harmonizar os ambientes e a vida de seus habitantes, o Ba Gua também passou a ser utilizado como um símbolo de proteção que acreditam poder ser usado para consertar aspectos não harmônicos de um determinado ambiente.



O Ba Gua e o [Tai Chi](#)

É comum encontrar nestes símbolos a imagem dos oito trigramas associada ao símbolo do [Tai Chi](#), uma vez que estes trigramas têm sua origem nestas duas forças primordiais.

Bibliografia

- R.C.L "The Eighth Trigrams"
- Richard Wilhem "I Ching – O livro das mutações"
- Fundamentos da medicina tradicional Chinesa
- David J. Sussman "Que é a acupuntura"
- Revista Super Interessante – Edição 235

Feng Shui

風水



Fēngshuǐ [\(Audio\)](#)

Feng Shui 風水 ou 風水 (**Pinyin**: fēngshuǐ) é um termo de origem [chinesa](#), cuja tradução literal é *vento e água*. Sua pronúncia correta em [mandarim](#) é "fon xuei". Os mesmos [ideogramas](#) 風水 são utilizados em outros países da [Ásia](#) com um sentido semelhante: no [Japão](#) (fūsui), [Coreia](#) (pung-su) e [Vietnam](#) (phong-thủy).

Feng Shui, vem da pronúncia americanizada, expressa o barulho do vento e da água, é onomatopeico, *fon suei*, na língua original, em português seria como: *fú, chuá*.^{[[carece de fontes?](#)]}

Segundo esta corrente de pensamento, estabelecendo uma relação [yin/yang](#), os ideogramas *Feng* e *Shui* (respectivamente *Vento* - yang - e *Água* - yin -) representariam o conhecimento das forças necessárias para conservar as influências positivas que supostamente estariam presentes em um espaço e redirecionar as negativas de modo a beneficiar seus usuários.

Origens



Paisagem

A origem da expressão "Feng Shui" está no Zang Shu (O Livro dos Enterros) escrito pelo Mestre *Guo Pu* (276-324 d.C). O termo é citado na seguinte sentença:

O Qi é disperso pelo vento (feng) e acolhido pela água (shui).

O Feng Shui é uma corrente de pensamento analítico com [tradição](#) de mais de 4000 anos. Os mestres chineses que o estruturaram teriam percebido que cada área natural, terreno ou edificação seria dotada de sua própria [vibração](#) influenciada pela presença do Ch'i(chamada em chinês de [qi](#)), e estaria sujeita às várias influências do [ambiente](#) que a circunda.

Constatando que certos tipos de vibrações presentes no ambiente e em seu entorno poderiam agir de modo benéfico para o corpo e a mente, enquanto que outros tipos tenderiam a ser prejudiciais, supostamente compreenderam a importância de estudar como situar as edificações, móveis e objetos da maneira mais adequada para favorecer seus usuários, segundo esta interpretação da natureza.

Segundo as ideias pregadas pelo Feng Shui, quando as pessoas buscam este equilíbrio com as forças benéficas da [Natureza](#), podem gozar de saúde, boa sorte e prosperidade. Quando as ignoram e se alinham com influências nocivas, podem experimentar dificuldades e obstáculos que podem se expressar como doenças, má sorte ou indisposição. Claro está que tais sentenças fazem parte desta crença e não são de forma alguma endossadas pela ciência.

Os mestres [taoístas](#) que desenvolveram esta arte, não utilizavam-na isoladamente: consideravam-na mais um instrumento de equilíbrio a ser utilizado em conjunto com outras práticas articuladas à [Medicina tradicional chinesa](#), como a [acupuntura](#), a [meditação](#), e o [Tai Chi Chuan](#).

Objectivos



[Acupuntura](#)

Os chineses comparam os benefícios que o tratamento que o Feng Shui pode proporcionar a um espaço com os resultados que a terapia da acupuntura pode oferecer a um paciente. [carece de fontes?]

Segundo eles, da mesma forma que o Acupunturista, diagnostica os bloqueios na circulação de energia de um paciente e aplica agulhas em uma parte do corpo para curar uma outra parte ou órgão, o consultor de Feng Shui detecta as supostas influências visíveis e invisíveis em um ambiente e recomenda curas em uma área particular do imóvel que são capazes de alterar as características da circulação de energia no todo. Não há, entretanto, provas científicas da existência de tais influências "visíveis e invisíveis" nos ambientes.

Supostamente cada avaliação de Feng Shui é única, relativa às influências magnéticas do local, da edificação e de seus habitantes.

O conhecimento destas "influências" pode explicar muitos fenômenos que percebemos apenas de forma [intuitiva](#), por exemplo: o que nos faz sentir confortáveis em determinado ambiente; porque certas áreas de uma edificação são pouco ou nunca ocupadas; porque alguns dos seus moradores sempre estão adoentados; porque certas edificações ou áreas em uma cidade são bem ocupadas enquanto outras são evitadas pelos habitantes. [carece de fontes?]

- O primeiro objetivo do Feng Shui é guardar e preservar as boas influências disponíveis no lugar de modo a permitir que permaneçam e se distribuam suavemente pela edificação.

- O segundo objetivo é reduzir os efeitos negativos das diversas influências nocivas ao local, presentes na sua construção ou frutos das alterações em seu entorno.
- O terceiro objetivo é implementar "curas" que possam produzir resultados em termos de saúde, bem-estar e harmonia para os moradores ou usuários do espaço tratado. Isto pode ser conseguido estimulando as características do espaço benéficas para as pessoas que habitam este local – através das alterações arquitetônicas ou da forma, da cor, e do posicionamento dos objetos presentes no local.

O trato do visível e do invisível



Templo do Céu, em [Pequim](#)

Ao longo dos séculos, os sábios chineses desenvolveram elaborados métodos e sistemas matemáticos estruturados em torno da filosofia taoísta para mapear as características magnéticas de uma edificação, mesmo que ela ainda não tenha sido construída. O Feng Shui trabalha cada ambiente em dois diferentes níveis: o visível e o invisível.

O aspecto visível se refere a tudo que podemos ver, as diversas formas que estruturam cada espaço e as relações aparentes entre elas. Sua observação poderia indicar o que está errado num determinado ambiente, por exemplo, os ensinamentos do feng shui relatam que seria nocivo: a porta principal alinhada com a porta dos fundos; a escada alinhada à porta de entrada; ou objetos pontiagudos ou de aparência desagradável na direção de portas ou janelas. Estas características são relativamente fáceis de remediar, segundo os consultores, com frequência o tratamento conduz a resultados efetivos.

Os aspectos invisíveis são considerados pelos praticantes desta arte até mesmo mais importantes que os aspectos visíveis. Somente os métodos mais elaborados do Feng Shui são capazes de detectar as "influências invisíveis" de uma edificação. Estas características supostamente explicam porque intuitivamente sentimos alguns ambientes ou locais como "ruins" e outros como "bons".

Como o invisível supostamente não poderia ser percebido diretamente pelos [sentidos](#), seu estudo é realizado através de cálculos matemáticos que descrevem o [campo](#)

[eletromagnético](#) existente num determinado espaço, situando-o em relação à planta do local ou edificação que está sendo trabalhado.



Bússola da [Dinastia Han](#)

A base para o entendimento destes aspectos invisíveis seria a compreensão de que o alinhamento (orientação do imóvel em relação aos campos eletromagnéticos) e as características do momento em que foi construído (relacionadas também aos aspectos da vida estudados pela [Astrologia](#) Chinesa) contribuem para que o mesmo manifeste ou atraia certos tipos de vibrações.

De forma prática e objetiva, o consultor usa uma bússola para descobrir a orientação desses campos e fazer o estudo das características eletromagnéticas do local ou ambiente, registrando os aspectos percebidos, benéficos ou não. [carece de fontes?]

Segundo os praticantes de Feng Shui, não é possível corrigir problemas visíveis sem que também sejam determinados, ou "mapeados", estes aspectos invisíveis. Sem isso os resultados não serão duradouros, não importa o que tenha sido feito no nível do visível. As influências nocivas invisíveis precisam também ser corrigidas no nível visível – trabalhando a cor, a forma e os materiais associados aos diversos aspectos do espaço em estudo.

O Feng Shui na atualidade



O diagrama do [Ba Gua](#) pós-natal

Os imigrantes chineses que se instalaram nos [Estados Unidos](#) a partir do início do [século XIX](#) construíram estruturas que incorporam os princípios do Feng Shui nos bairros em que se habitaram nas cidades de [New York](#), [San Francisco](#) e [Los Angeles](#).

O movimento da [Nova Era](#) interessou-se pelo estudo de seus princípios. Devido à amplitude deste movimento e à diversidade de seus integrantes, simultaneamente divulgou no [Ocidente](#) o seu uso como forma de organizar espaços de um modo sério e banalizou os seus preceitos até o limite da superstição. O Feng Shui é ainda utilizado na China rural, em [Taiwan](#), na [Malásia](#), em [Cingapura](#), e [Hong Kong](#).

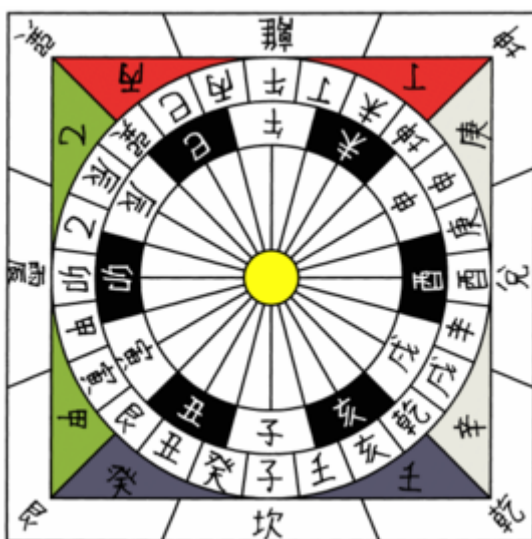
Entre as escolas de Feng Shui mais conhecidas na atualidade se destacam:

- **A Escola da Forma**, pertencente ao Feng Shui Tradicional Chinês;
- **A Escola da Bússola**, também pertencente ao Feng Shui Tradicional Chinês;
- **A Escola do Chapéu Preto**, de origem Tibetana, que usa como instrumento o [Ba Gua](#), alinhando o norte - gua do trabalho - à porta principal.

Desde meados do [século XX](#), a sua prática foi considerado ilegal na [República Popular da China](#), inicialmente porque [Mao Zedong](#) denunciou a tendência de muitos praticantes para o charlatanismo, criando um departamento do governo para supervisionar seu uso.

A pesquisa de campo de *Ole Bruun* registra que durante a [Revolução Cultural](#), a maioria dos praticantes desta arte tiveram seus livros queimados, foram presos e perseguidos, e submetidos a privações extremas devido a seus conhecimentos da cultura chinesa tradicional. Poucos desejavam ou tinham meios para deixar o país. Assim tornou-se uma prática pouco conhecida pelos jovens na China continental. Este quadro modificou-se recentemente com a rápida modernização do país, que permitiu que o Feng Shui se tornasse um tema de pesquisas importante para as universidades chinesas.

As Escolas Tradicionais de Feng Shui



☐
As 24 direções.

Xuan Kong Fei Xing ou Estrelas Voadoras do Tempo-Espaço

Esta aplicação é considerada como sendo a teoria mais sofisticada do Feng Shui e é amplamente utilizada na [Ásia](#). Em razão de sua complexidade e dificuldade de tradução dos termos utilizados, somente nos últimos anos do [século XX](#) tornou-se conhecida no [Ocidente](#).

Em Chinês, "Xuan" significa [Tempo](#) e "Kong" significa [Espaço](#). A técnica das Estrelas Voadoras é chamada de "Xuan Kong Fei Xing", que pode ser traduzida como Estrelas Voadoras do Tempo-Espaço. A palavra "[Estrelas](#)" neste contexto é sinônimo de "[qi](#)" e se referiria às características vibracionais do ambiente; "Voadoras" porque estas características são dinâmicas, ou seja, se movimentam – pode-se também dizer que se modificam – no espaço e ao longo do tempo.

No início da década de [1920](#), Mestre Shen Zhu-Nai começou a escrever um livro chamado "Shen Shi Xuan Kong", Estudo de Shen sobre o Tempo-Espaço que explica como estabelecer os padrões das Estrelas Voadoras além de anotações práticas e estudos de caso. Infelizmente ele faleceu antes de terminar o livro.

O trabalho foi concluído por seus filhos e discípulos, e publicado em 1927. Posteriormente, em [1933](#), publicou-se uma edição ampliada com anotações de amigos, discípulos e peritos do passado. O livro do Mestre Shen atualmente exerce grande influência na prática do Feng Shui, na China e em outros países asiáticos. Uma nova geração de mestres tem publicado edições comentadas do "Shen Shi Xuan Kong", tornando esta escola mais acessível aos praticantes modernos de Feng Shui.

A aplicação de Xuan Kong Fei Xing utiliza raciocínio lógico em conjunto com fórmulas matemáticas e se refere a quatro aspectos: Tempo, Espaço construído (edificações), Ambiente (entorno) e Pessoas (usuários), pois examina como a influência vibracional do ambiente e do espaço produzido pelo Homem age sobre a [saúde](#) e a [prosperidade](#) das pessoas ao longo do tempo. Esta é uma visão dinâmica do Feng Shui através da qual é possível verificar que a qualidade vibracional de um [ambiente](#) muda ao longo do tempo se não for renovada. Esta influência é demonstrada pelo que denominamos de "Mapa das Estrelas Voadoras".

A técnica das Estrelas Voadoras pode ser identificada pelo uso de uma [bússola](#) específica - "[Luopan](#)" - para encontrar a orientação [magnética](#) da edificação. Esta informação e o período de tempo no qual o imóvel foi construído formam a base para os cálculos que determinarão o mapa que mostra as influências intangíveis e proporciona os meios de atuar sobre estas influências ao longo do tempo. Esta atuação também deve levar em conta as influências tangíveis, ou seja, a influência das formas internas e externas à edificação.

O Feng Shui no Hemisfério Sul



Os dois [hemisférios](#).

Há uma divergência entre algumas escolas de Feng Shui sobre a necessidade ou não de adaptar as antigas teorias chinesas quando o feng shui for utilizado no [Hemisfério Sul](#). As diferenças entre os dois hemisférios são uma realidade de fato, mas sua influência sobre o feng shui não encontra unanimidade entre os estudiosos e praticantes desta técnica chinesa.

As escolas de Feng Shui para o Hemisfério Sul defendem a necessidade de alterações, que abrangem todo o Feng Shui e [Astrologia Chinesa](#) dos 4 Pilares. Entre os principais argumentos para que sejam feitas alterações pode-se citar:

- O "[Ba Gua](#)" - octógono com um trígama em cada face – representa o ciclo das Estações. No Hemisfério Sul as [Estações](#) são invertidas em relação ao Hemisfério Norte. Portanto o Ba Guá deveria refletir estas diferenças.
- O "Luo Pan" – bússola chinesa com todas as fórmulas do Feng Shui resumidas em um disco reticulado – foi criado para ser usado em regiões onde faltam elementos naturais e acidentes geográficos. Método das estrelas voadoras.
- O Efeito [Coriolis](#) faz com que as correntes de ar e água girem em direções opostas nos dois hemisférios: anti-horário no Hemisfério Norte e horário no Hemisfério Sul. Este efeito provoca um espelhamento na distribuição das energias sobre a superfície do Globo.
- Uma nova perspectiva, o Feng Shui Lógico, defende a adaptação do Ba-guá da Seqüência do Céu Posterior para o Hemisfério Sul baseada nos trigramas (e sua correlação com as estações do ano) e as Estrelas-guia do Hemisfério Norte e do Hemisfério Sul: Polaris e Alpha-Crux. O Feng Shui Lógico criou o Método Solar das Quatro Estações, método inédito e válido nos dois hemisférios. Essa perspectiva compreende a profunda base filosófica chinesa e atualiza no Tempo e no Espaço essa importante ferramenta para criar harmonia e prosperidade.

A validade destas afirmações pode envolver debates e estudos. O artigo a seguir expõe algumas justificativas e métodos utilizados pelos que adotam as adaptações para o [Hemisfério Sul](#).

O Feng Shui no Brasil

A aplicação do feng shui depende do lugar onde nos encontramos na Terra, da geografia do lugar, perto de um rio, onde supostamente "a energia corre", está em movimento, ou perto de uma montanha, onde a energia se acumula. No caso de pessoas: onde nascem, onde vivem.

O [Brasil](#) se encontra em sua maior parte no Hemisfério Sul da Terra, 93% do território brasileiro, sendo a cidade de [Cuiabá](#) o centro geodésico da América do Sul. E apenas 7% está no Hemisfério Norte. Segundo as modificações citadas no item anterior, entre outras, a aplicação da técnica varia dependendo do hemisfério da Terra. Aceitando que se deve trabalhar sobre o fundamento do Feng Shui, ou seja, as estações do ano, vem a seguir:

Falando em coordenadas geográficas, leste e oeste se mantém, mas a [Linha do Equador](#) funciona como um espelho dividindo a Terra em dois hemisférios, norte e sul.

No Hemisfério Norte o frio está no norte _ o Ártico, e o calor no sul _ a linha do Equador. Ao contrário do Hemisfério Sul onde o calor está no norte, o frio está no sul _ a Antártida. As estações do ano também se invertem. Quando é [verão](#) no Hemisfério Sul, é [inverno](#) no Hemisfério Norte. Quando é [outono](#) no Hemisfério Sul, é [primavera](#) no Hemisfério Norte, e vice-versa. O I Ching cita que devemos nos voltar para o lado da luz, para meditar, ou seja, o sul _ no Hemisfério Norte; o que corresponde a se voltar para o norte no hemisfério Sul. Isto se baseia na posição do Sol, que no Hemisfério Sul nasce no leste, se dirige para o norte e se põe no oeste. Na tradução do I Ching para o português também é ressaltado que se deve observar a **estação do ano** a que se refere o texto, e nunca o mês em questão, já que a obra foi escrita na China, que se encontra totalmente no hemisfério Norte, e os meses a que correspondem as estações do ano são sempre diferentes nos dois hemisférios da Terra. Por exemplo, o signo que representa o auge do verão é o cavalo. Corresponde ao calor, elemento fogo, mês de dezembro, direção norte magnético, no Hemisfério Sul; enquanto que o cavalo no Hemisfério Norte corresponde ao mês de junho e a direção sul.

Os [5 elementos](#) (fogo/verão, terra, metal/outono, água/inverno, madeira/primavera) estão relacionados com as estações do ano, com as direções, com os 12 signos (animais), com os meses, os dias e as horas, originando um calendário.

Quando se trabalha sobre a planta baixa de um imóvel, utiliza-se a técnica do "Bahzai", e no caso de pessoas a técnica do "Min-gua". Os 8 trigramas do [I Ching](#) serão relacionados com as coordenadas magnéticas, respectivamente, no Hemisfério Sul, vale para a maior parte do Brasil, incluindo São Paulo: norte 9, nordeste 4, leste 3, sudeste 8, sul 1, sudoeste 6, oeste 7, noroeste 2 _ se trata de uma [matriz \(matemática\) 3x3](#), que representa o plano, 360 graus, + (sentido horário, Hemisfério Norte) ou - (sentido anti-horário, Hemisfério Sul) ; o **5** está no centro, que é o número considerado sagrado.

2	9	4
---	---	---

7	5	3
6	1	8

"Quadrado Mágico"

Da relação entre os 12 signos e os cinco elementos originariam-se 60 binômios. Em 7 de agosto de [2006](#) se iniciou o ano da Cobra de Metal no **Hemisfério Sul**. A mudança de ano ocorre no início do segundo semestre, em agosto de 2007 entra o **ano do Cavalo** de Água (binômio 19). Em 2008, é o ano do Carneiro de Água. Esta data é calculada como no Hemisfério Norte, e representa um ponto médio entre o [solstício de inverno](#) e o [equinócio](#) de primavera.

O Feng Shui é científico?

Nenhuma evidência empírica ou mesmo qualquer publicação em revistas científicas indexadas foi realizada. Ela se baseia puramente em validações subjetivas, que podem ser substituídas por explicações prosaicas muito mais robustas. Existem ainda muitos charlatões, que deturpam conceitos científicos bem estabelecidos como [energia](#) e [trabalho](#) para enganar e iludir crédulos.

Os antigos mestres chineses de Feng Shui procuravam entender e tratar as influências vibracionais sutis que atuam sobre um determinado espaço fundamentados na [observação](#) da Natureza e numa [experimentação](#) que combina elementos de diversas áreas do conhecimento da cultura chinesa tradicional. Entre estes elementos encontramos muitas referências da [Matemática](#) e da [Astronomia](#), além da Arquitetura.

Em Arquitetura, o livro Percepção Ambiental e Comportamento, do Mestre em Arquitetura Jun Okamoto (Editora Mackenzie, São Paulo, 2002) é um importante passo para as bases científicas do Feng Shui. Outro marco nesse sentido é o livro Feng Shui Lógico, de Stela Vecchi (Ícone Editora, São Paulo, 2004) que relaciona a Teoria da Relatividade de Einstein e o estudo da Simbologia Junguiana entre outras associações científicas para comprovar a eficácia do Feng Shui.

Séculos de pesquisa e estudo legaram um amplo conjunto de princípios e informações que pode contribuir para a construção de ambientes mais saudáveis, supostamente tratando e corrigindo as condições energéticas inadequadas de um lugar específico. [carece de fontes?]

Os praticantes desta arte dizem que o resultado de um trabalho bem feito se manifesta no espaço tratado através dos benefícios proporcionados aos seus usuários, que podem manifestar mais vitalidade para as realizações do dia a dia, um sentimento de paz e tranquilidade. [carece de fontes?]

Estas afirmações podem parecer esotéricas, mas este conhecimento coloca estas questões de maneira relativamente concreta, por exemplo, entrando no campo da [Arquitetura](#) ao discutir como situar uma cama de tal modo que seu usuário não receba vento em excesso e se resfrie. [carece de fontes?]

Por outro lado, ao se referir à [Astrologia Chinesa](#), como uma de suas referências de trabalho e destacar aspectos intuitivos do trabalho do consultor de Feng Shui, esta arte

se situaria "além dos limites atuais da ciência contemporânea", sendo por muitos, classificada como uma ciência [metafísica](#).

Bibliografia

- SOLANO, Carlos. Feng Shui - Kan Yu: Arquitetura ambiental chinesa. São Paulo, Pensamento, 2000.
- MURAKAMI, Marcos. O Grande Livro do Feng Shui Clássico. São Paulo, Fábrica das Letras, 2006.
- EITEL, Ernest J. Feng-shui: a ciência do paisagismo sagrado na antiga China. São Paulo, Ground, 1985.
- COSTA, Riceles Araújo. Xuankong Feixin Fengshui – Volume I. Palmas-TO, edição própria, 2006.
- COSTA, Riceles Araújo. Fundamentos Teóricos do Fengshui. Palmas-TO, edição própria, 2006.
- PIN, Tien. Feng Shui. São Paulo, Nobel, 1999.
- GREEN, Roger. Feng Shui para o Hemisfério Sul, técnicas avançadas. Texto e Ilustrações de Cristina Maria de Souza e Silva. São Paulo, Callis, 2001.
- VECCHI, Stela. Feng Shui Lógico. São Paulo, Ícone Editora, 2004.
- OKAMOTO, Jun. Percepção Ambiental e Comportamento. São Paulo, Editora Mackenzie, 2002.

Teoria dos Cinco Elementos

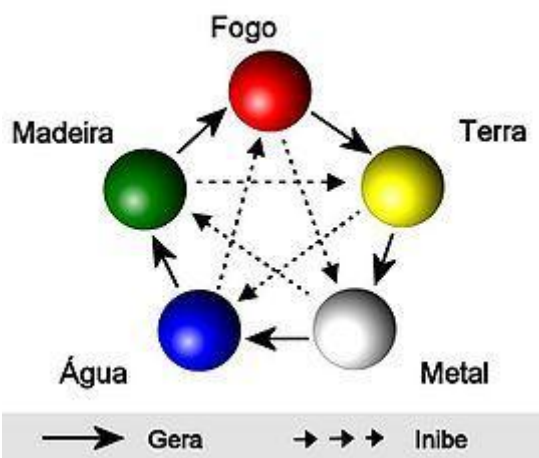


Diagrama dos 5 elementos

No pensamento [taoísta chinês](#), os elementos da Natureza podem ser classificados em [cinco](#) tipos: [metal](#), [madeira](#), [terra](#), [água](#), [fogo](#) (em chinês: 金木土水火). Esses **Cinco Elementos** (五行 wǔxíng) não são somente os materiais aos quais os nomes se referem, mas mais bem [metáforas](#) e [símbolos](#) para descrever como as coisas interagem e se relacionam umas com as outras. Por exemplo, na [meditação taoísta](#) esse ciclo representa o equilíbrio da [natureza](#).

A interação dos cinco elementos

O [taoísmo](#) descreve um ciclo de produção (生 *Sheng*) e um ciclo de controle (克 *Ke*) agindo sobre os elementos. No [taoísmo](#), tudo que conhecemos ou pensamos como realidade é um símbolo e um reflexo dos céus, de tal forma que, entendendo o relacionamento macrocósmico das coisas, poderemos entender o mesmo relacionamento numa escala menor: no corpo, na astrologia pessoal, ou na política. A referência taoísta original era sobre as estações do ano (ou "os céus"), e elas seriam então mais acuradamente descritas como as cinco fases.

- No ciclo da produção, a madeira produz o fogo, o fogo produz a terra, a terra produz o metal, o metal produz a água, a água produz a madeira.
- No ciclo de controle, a madeira controla a terra, a terra controla a água, a água controla o fogo, o fogo controla o metal, o metal controla a madeira.

O ciclo de produção delinea um pentágono e a cadeia de controle delinea uma estrela de cinco pontas. Essas interações e relacionamentos formam o esboço para diferentes escolas de filosofia.

A interação dos cinco elementos torna-se uma ferramenta que ajuda os acadêmicos taoístas a classificar as observações e os dados empíricos. Com base em observações de como as coisas interagem, elas são classificadas em um dos cinco elementos, tal como elas se encaixam no padrão observado. Então pode-se tirar conclusões de alto nível ou predições baseadas nos tipos dos elementos.

Medicina chinesa

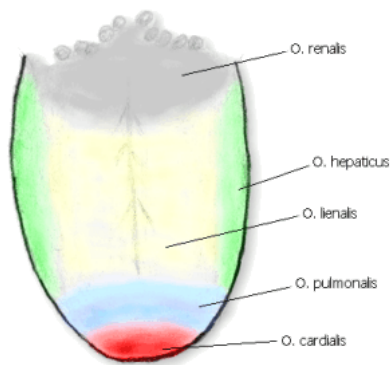


Diagrama da [medicina tradicional chinesa](#) para diagnóstico pela [língua](#). Legenda: Rim (cinza), Fígado (verde), Baço (amarelo), Pulmão (azul) e Coração (vermelho).

Na [medicina tradicional chinesa](#), cada órgão do corpo humano é associado a um elemento. O [fígado](#) e os órgãos associados, os [tendões](#), os [olhos](#) são do elemento madeira; o [coração](#) e os órgãos associados (os [vasos sanguíneos](#), a [língua](#)) são do elemento fogo; o [baço](#) e os órgãos associados (os [músculos](#), a [boca](#)) são do elemento terra; os [pulmões](#) e os órgãos associados, a [pele](#), o [nariz](#) são do elemento metal; o [rim](#) e os órgãos associados, (os [ossos](#), o [ouvido](#)) são do elemento água. (A lista dos órgãos associados é apenas ilustrativa e está incompleta).

Essa classificação é seguida ao diagnosticar e ajustar o equilíbrio do corpo. Para entender isso melhor, há que tomar em conta que, na medicina chinesa, os órgãos não são simplesmente órgãos anatômicos como entendemos na medicina ocidental, mas se referem de fato a fases, sistemas e energias no corpo, (veja a [Teoria dos órgãos Zang Fu](#)), o que inclui não só as partes acima mencionadas mas também emoções ligadas a cada fase, um som de voz, um cheiro, uma direção, um alimento, um sabor, etc.

Medicina herbária

Na [fitoterapia chinesa](#) as propriedades e efeitos de cada erva são classificadas de acordo com observações empíricas sobre como a respectiva erva afeta o corpo. Por exemplo, se uma erva causa ressecamento da boca e pele escamosa, ela será classificada como do elemento "fogo".

O conhecimento do tipo de elemento associado a cada a ervas pode servir a um propósito útil ao elaborar uma fórmula composta por várias ervas, por exemplo: o ingrediente "fogo" pode ser controlado adicionando-se alguns ingredientes "água"; ou a adição de ingredientes "metal" pode ajudar os ingredientes "água" a fazer o trabalho deles de controlar o "fogo". Acredita-se que uma erva ou alimento do tipo "água" é benéfica para um órgão do tipo "madeira", etc. O princípio dos Cinco Elementos é usado amplamente na medicina chinesa.

Embora esses cinco elementos ou fases sejam usados por todos os ramos da medicina chinesa, há também um ramo da medicina chinesa que se chama especificamente [Acupuntura dos Cinco Elementos](#). Esse ramo tende a focalizar o componente psico-emocional da saúde e faz tratamento unicamente com base em sua constituição, e emprega somente acupuntura e moxa. A Escola dos Cinco Elementos foi estabelecida por [J.R. Worsley](#), que fundou o *Worsley Institute of Classical Acupuncture* (Instituto Worsley de Acupuntura Clássica) na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. A prática é ainda grandemente baseada na tradição oral nos Estados Unidos, transferida de mestre para aluno que já disponha de formação em acupuntura. Contudo, seus protocolos estão se tornando de tal forma o padrão entre os praticantes que eles estão sendo incluídos nos exames da junta nacional.

Correlações entre os Cinco Elementos e outras categorias

Os *Yue Ling* (comandos mensais) e os *Huai Nan Zi* estabelecem as seguintes correlações:

Correspondências				
	Elemento	Direção	Cor	Nota Musical
1	Madeira	leste	verde	jue2 角 (mi)

2	Fogo	sul	vermelho	zhi3 徵 (sol)
3	Metal	oeste	branco	shang1 商 (ré)
4	Água	norte	preto	yu3 羽 (lá)
5	Terra	centro	amarelo	gong1 宮 (dó)

(Ver *A History of Chinese Philosophy*, Feng Yu-lan, Vol. II, p. 13)

[Joseph Needham](#), em *Science and Civilization in China*, volume 2, páginas 262-23, acrescenta muitos outros conjuntos de cinco que foram arrumados paralelamente aos cinco elementos. Alguns deles estão registrados abaixo:

Correspondências				
	Elemento	Sabores	Cheiros	Vísceras
1	Madeira	azedo	cheiro de bode	fígado
2	Fogo	amargo	queimado	coração
3	Metal	ácido	rançoso	pulmões
4	Água	salgado	podre	rim
5	Terra	doce	perfumado	baço

Nota

Paralelos e contrastes ocidentais, girando entretanto ao redor de somente quatro elementos, chamados de "temperamentos" ou os [quatro humores](#), na fisiologia, psicologia e [medicina](#) pré-científica ocidental, desde o tempo dos gregos pré-clássicos até o século XVIII, o [Iluminismo](#), também serviram de base para o estudo histórico chamado de [alquimia](#), que levou à [química](#).

Os cinco elementos e o Feng Shui

O estudo do [Feng Shui](#) concentra-se em como os cinco elementos dentro das pessoas, objetos e paisagem afetam a harmonia do ambiente. Mesmo a [astrologia chinesa](#) é baseada nos cinco elementos.

Os cinco [planetas](#) visíveis podem ser associados aos cinco elementos: [Vênus](#) é metal; [Júpiter](#) é madeira; [Mercúrio](#) é água; [Marte](#) é fogo; [Saturno](#) é terra.

Parece ter ocorrido transferência cultural entre o [Egito](#) e a China em tempos muito antigos, porque a seqüência fornecida acima, que primeiro ocorreu no *Bo Hu Tong*, é o inverso da seqüência dos cinco [planetas](#) visíveis usados para designar os cinco dias da semana, com exceção de domingo e segunda-feira. A seqüência ocidental é Saturno, Marte, Mercúrio, Júpiter e Vênus, enquanto que a seqüência chinesa é Vênus, Júpiter, Mercúrio, Marte e Saturno. A ordem na [Natureza](#) (seja pelo critério da distância do [sol](#) ou pelo da velocidade com que os planetas se movem pelo céu noturno de um dia para o outro) é Mercúrio, Vênus, ([Terra](#)), Marte, Júpiter e Saturno. É bem sabido como a seqüência egípcia foi obtida, essa que passou para os calendários ocidentais. A informação relativa ao processo formativo na China parece que foi perdida, mas, aplicando-se uma simples variante da regra egípcia, obtém-se a seqüência chinesa.

Cinco elementos (filosofia chinesa)

Os elementos chineses surgiram muito cedo, e seu desenvolvimento na filosofia chinesa não pode ser seguido como o dos elementos gregos e indianos. O sistema de cinco elementos e a classificação das coisas em grupos de cinco já é evidente em clássicos como o *Tao Te Ching* e o *Shu Ching* (o "Livro da História"), ambos de autoria e data de criação incertos. Mais tarde, tais classificações são ampliadas quase sem limites (quando o [budismo](#) chega da [Índia](#) com seus próprios cinco elementos, acrescenta um sistema particular). A primeira pessoa conhecida a ter escrito sobre os cinco elementos foi Tsou Yen, da escola "Cosmologista" ou *Yin-Yang*, o qual viveu no terceiro século A.C.. Mas, mesmo em relação a ele, os textos originais foram perdidos, e tudo o que sabemos é o que o historiador [han](#) Ssu-ma Ch'ien (Sima Qian) diz sobre ele no *Shih Chi* (Shiji, "Registros Históricos"), a primeira grande história dinástica chinesa. 🗺

Correlações entre os cinco elementos e outras categorias

O capítulo *Yuèlìng* (月令篇) do *Lǐjì* (禮記) e o *Huáinánzǐ* (淮南子) fazem as seguintes correlações:

Elemento	Direção	Cor	Nota Musical
Madeira	leste	verde or azul	<i>jué</i> 角 (mi)

<u>Fogo</u>	<u>sul</u>	<u>vermelho</u>	zhǐ 徵 (sol)
<u>Terra</u>	<u>centro</u>	<u>amarelo</u>	gōng 宮 (dó)
<u>Metal</u>	<u>oeste</u>	<u>branco</u>	shāng 商 (ré)
<u>Água</u>	<u>norte</u>	<u>preto</u>	yǔ 羽 (lá)

(veja também [escala pentatônica](#))

(nota: a palavra chinesa 青 inclui a faixa do espectro do verde ao azul, a qual descamba para o preto.)

Algumas outras correspondências são vistas abaixo:

<u>Elemento</u>	<u>Criatura celestial</u>	<u>Estação</u>	<u>Direção</u>	<u>Planeta</u>	<u>Gostos</u>	<u>Sentido</u>	<u>Vísceras (yin)</u>	<u>Vísceras (yan)</u>
<u>Madeira</u>	Qīng-lóng (青龍) o Dragão Verde	<u>Primavera</u>	<u>leste</u>	<u>Júpiter</u>	<u>azedo</u>	<u>visão</u>	<u>fígado</u>	<u>vesícula</u>
<u>Fogo</u>	Zhū-què (朱雀) a Fênix Vermelha	<u>Verão</u>	<u>sul</u>	<u>Marte</u>	<u>amargo</u>	<u>Fala</u>	<u>coração</u>	<u>intestino delgado</u>
<u>Terra</u>	Huáng-lóng (黃龍) * o Dragão Amarelo	Mudança de estação (quatro vezes por ano)	<u>centro</u>	<u>Saturno</u>	<u>doce</u>	<u>olfato</u>	<u>baço/pâncreas</u>	<u>estômago</u>
<u>Metal</u>	Bái-hǔ (白虎) o Tigre Branco	<u>Outono</u>	<u>oeste</u>	<u>Vênus</u>	<u>picante</u>	<u>paladar</u>	<u>pulmão</u>	<u>intestino grosso</u>
<u>Água</u>	Xuán-wǔ (玄武) a	<u>Inverno</u>	<u>norte</u>	<u>Mercúrio</u>	<u>salgado</u>	<u>audição</u>	<u>rim</u>	<u>bexiga</u>

	Tartaruga/Serpente Negra							
--	--------------------------	--	--	--	--	--	--	--

* **Qí-lín** (麒麟) foi também associado posteriormente.

Os elementos também têm sido associados aos oito trigramas do [I Ching](#):

Elemento	I Ching	Trigramas
Madeira	Vento, trovão	: (☳ 巽 <i>xùn</i>) :: (☳ 震 <i>zhèn</i>)
Fogo	Fogo	: (☲ 離 <i>lí</i>)
Terra	Terra, montanha	::: (☷ 坤 <i>kūn</i>) :: (☶ 艮 <i>gèn</i>)
Metal	Céu, lago	(☰ 乾 <i>qián</i>) : (☱ 兌 <i>duì</i>)
Água	Água	: : (☵ 坎 <i>kǎn</i>)

Baguazhang

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Bāguàzhǎng (八卦掌) é uma das três maiores escolas internas ([Neijia](#)) de [artes marciais chinesas](#) ([Wushu](#)), sendo as outras duas o [Xingyiquan](#) (形意拳) e o [Taijiquan](#) (太極拳). *Bāguàzhǎng*, literalmente, significa "palma dos **oito trigramas**", referência aos 8 [trigramas](#) do [I Ching](#) (Yijing), um dos livros fundamentais do [Taoísmo](#).

八卦掌
Pinyin : Bāguàzhǎng
Wade-Giles : Pa Kua Chang

Andar em círculos



Baguazhang estilo Sun

A prática de [andar](#) em [círculos](#) é uma das características fundamentais do treinamento de [base](#) e de movimentação do *baguazhang*.

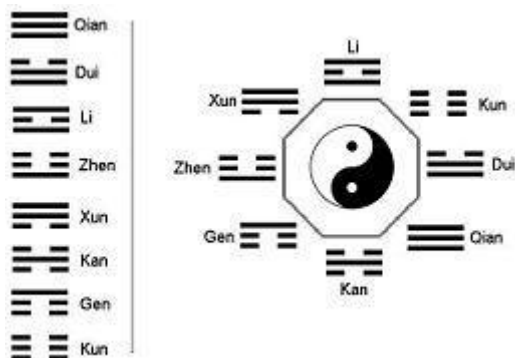
Os praticantes desta arte andam como que ao redor de um círculo, mantêm sua base baixa, o olhar dirigido para o [centro](#) do círculo. Periodicamente mudam a [direção](#) do movimento enquanto executam as formas características de cada "palma".

Os deslocamentos em torno do círculo se configuram em uma [estratégia](#) de [combate](#) que procura evitar um confronto direto de força bruta com o adversário ao escapar pelos lados ou pelas suas costas.

Os aspectos [internos](#) do treinamento de baguazhang são parecidos com os do [hsing-i chuan](#) e do [tai chi chuan](#), [artes marciais chinesas](#) com a mesma fundamentação nos princípios do [taoísmo](#).

Os diversos estilos de baguazhang têm em comum uma série de princípios básicos resumidos em um texto anônimo conhecido como *Shi yao ba fa* (十要八法), "As 10 Orientações" e "Os oito princípios", expostos a seguir.

Shi yao (十要): As 10 Orientações



Os oito trigramas do [Pa Kua](#), fundamentação teórica do Bagua Zhang.

- 1. **Cabeça**

Cabeça e nuca alinhadas, o olhar na linha do horizonte, o pescoço relaxado e as vértebras alongadas. Espírito e intenção presentes.

- 2. **Costas**

Esvaziar o peito e arredondar a costas. O impulso leva o corpo adiante, desloca-se com naturalidade sem tensão nem rigidez.

- 3. **Ombros**

Os ombros interligados, distendidos, afrouxados, de modo que a força chegue às mãos com naturalidade.

- 4. **Braço**

O braço que avança se afasta do corpo, o que permanece recuado o protege. Ao girar e transpassar os braços, as transformações das palmas ocorrem com espontaneidade.

- 5. **Cotovelos**

Abaixar e aproximar os cotovelos de modo que a força seja transmitida às mãos sem qualquer tensão. O cuidado com os cotovelos é fundamental para proteger-se durante os ataques.

- 6. **Mãos**

Polegares verticais afastados dos outros quatro dedos, que permanecem colados. A "Boca do Tigre" (*Ho Ku* em chinês), área da mão entre o dedo polegar e o indicador, arredondada.

- 7. **Tronco**

A coluna delinea um eixo, ela gira e com vigor e agilidade, de modo que flexibilidade e firmeza se alternem.

- 8. **Quadris**

Contrair e suspender o baixo ventre com suavidade, contraindo e suspendendo a região do períneo, para permitir a ligação dos meridianos de energia Renmai (任脉) e Dumai (督脉), assim a energia desce ao "Campo de cinábrio" (丹田). Recolher os quadris levando levemente o cóccix para a frente.

- 9. **Pernas**

A perna da frente conduz o movimento, a de trás serve de apoio e proporciona controle. Os joelhos giram levemente para dentro, as coxas se movem como tesouras.

- 10. **Pés**

O pé mais próximo à região interior do círculo avança reto, o pé exterior se inclina levemente para o centro. Os dedos do pé se curvam ligeiramente, como se tentassem apreender o solo. Cada passo é dado como se os pés estivessem deslizando sobre a lama.

Ba Fa (八法): os oito princípios

- 1. Os 3 **DING** (suspender)

- Suspender a cabeça para assegurar verticalidade
- Suspender a língua contra o "palácio" (o palato) para produzir saliva, considerada um fluido vital precioso pelos taoístas
- Suspender as palmas, flexionando levemente os pulsos para reforçar as mãos e dar força aos dedos

- 2. Os 3 **KOU** (firmar)

- Firmar os ombros de modo que a energia seja transmitida aos cotovelos com naturalidade
- Firmar o dorso das mãos de modo que a energia flua para as mãos
- Firmar o lado de cima dos pés, apreendendo o solo com os dedos do pé, de modo que toda a energia enraizada nos pés possa ser transmitida para o corpo e que as posturas sejam estáveis

- 3. Os 3 **YUAN** (arredondar)

- Arredondar as costas alongando as omoplatas para transmitir a energia aos braços
- Arredondar o peito para relaxar os peitorais e os ombros
- Arredondar a "Boca do Tigre" para transmitir a energia aos dedos e para poder emití-la

- 4. Os 3 **MIN** (agilidade, rapidez)

- O coração deve ser ágil e rápido para poder se adaptar a todas às transformações das palmas
- O olhar deve ser ágil e rápido para distinguir os movimentos nas seis direcções
- As mãos devem ser ágeis e rápidas ao sair e tocar o adversário

- 5. Os 3 **BAO** (preservar)

- Preservar o coração e a intenção de modo que a energia não se perca ao ser exteriorizada
- Preservar os flancos para reter toda a sua energia
- Preservar a audácia e a coragem para continuar a ser íntegro frente ao adversário

- 6. Os 3 **CHUI** (descer)
 - Descer a [energia](#) ao [Dantian](#), respirando com naturalidade
 - Descer os ombros para permitir à energia descer aos cotovelos
 - Descer os cotovelos para permitir que as costas se arredondem

- 7. Os 3 **QU** (flexionar)
 - Flexionar os [braços](#) de modo que a energia possa circular livremente
 - Flexionar as [pernas](#) para enraizar o corpo
 - Flexionar os pulsos para ampliar a energia das mãos

- 8. Os 3 **TING** (estruturar)
 - Estruturar o [pescoço](#) para manifestar a vitalidade
 - Estruturar o [tronco](#) para permitir que a energia vital circule por todo o corpo
 - Estruturar os [joelhos](#) para que permitam liberar toda sua força, que sua energia e [espírito](#) possam fluir

(Referência: LIU, Jingru. (trad. de J. Ravenet) "Transmission Vivante du Ba Gua Zhang." Guy Trédaniel Editeur, 2007, p.62-63)

Os oito animais

No Baguazhang os oito trigramas do [Pakua](#) costumam ser relacionados a oito animais com características relacionadas aos movimentos de cada palma.

Estas relações e a ordem em que as diferentes sequências de cada palma são realizadas variam nos diferentes estilos desta arte marcial. Por exemplo, a correspondência entre os trigramas e os animais no [Bagua Zhang estilo Yin](#) é:

Trigrama			Animal	Chinês	
	Chinês	Pinyin			
☲	離	Li	Galo	鷄	
☷	坤	Kun	Qílin	麟	Algumas vezes traduzidos por "unicórnio" ou " Unicórnio chinês "
☱	兌	Dui	Macaco	猴	
☰	乾	Qian	Leão	獅	
☵	坎	Kan	Serpente	蛇	
☳	震	Zhen	Lóng	龍	Freqüentemente traduzido por " Dragão chinês "
☶	艮	Gen	Urso	熊	
☴	巽	Xun	Fènghuáng	鳳	Freqüentemente traduzido por "Fênix" ou " Fênix chinês "

Associações similares entre movimentos marciais e animais também existem nas formas praticadas em outros estilos de artes marciais chinesas, como o [Shaolin](#).

A história do Baguazhang



Cheng Tinghua

O Baguazhang foi desenvolvido por [Dong Haichuan](#) (董海川) no começo do [século XIX](#). Segundo seus próprios relatos, ele teria aprendido esta arte marcial de mestres taoístas e [budistas](#) nas montanhas da [China](#) rural. Há evidências que sugerem uma síntese de várias artes marciais pré-existentes ensinadas e praticadas na região em que ele vivia, combinadas à prática taoísta de andar em círculos. Dong Haichuan ensinou por muitos anos em [Beijing](#), recebendo posteriormente apoio da corte Imperial.

Diversos discípulos de Dong se tornaram professores famosos, como [Yin Fu](#) (尹福), [Cheng Tinghua](#) (程廷華), [Song Changrong](#) (宋長榮), [Liu Fengchun](#) (劉鳳春), [Ma Weiqi](#) (馬維祺) e [Liang Zhenpu](#) (梁振蒲). Apesar de serem todos alunos do mesmo professor, seus métodos de treino e expressão técnica das palmas diferem: os estilos de Cheng e Liu são especializados no "[empurrar das palmas](#)"; o estilo Yin é conhecido pelas suas palmas sinuosas; os alunos de Song praticam a técnica de palma "Flor de Ameixeira" (梅花) (*Mei Hua*); e o estilo de palmas de Ma é conhecido como "Martelo". Alguns dos alunos de Dong Haichuan participaram da "[Revolta dos Boxers](#)", incluindo Cheng Tinghua.

Um dos mais famosos praticantes de Bagua do século XX foi [Sun Lutang](#) (孫祿堂), que estudou Baguazhang com Cheng Tinghua. Sun foi também discípulo de [Guo Yunshen](#) no [Xingyiquan](#) e aprendeu o [estilo Wu/Hao de taijiquan](#) com [Hao Weizhen](#). Sun Lutang teve grande reputação entre os profissionais de [taijiquan](#) do seu tempo por ter se destacado em seus estudos e escritos sobre esta arte, tornou-se famoso como criador do [estilo Sun de taijiquan](#).

Escolas

A maioria dos praticantes de *baguazhang* treinam ou o [Bagua Zhang estilo Yin](#) (尹), ou [Bagua Zhang estilo Cheng](#) (程), ou o [Bagua Zhang estilo Liang](#) (梁).

Além destes estilos também existem vários outros de *baguazhang*, como o [Bagua Zhang estilo Gao](#), *Fan* (樊), *Shi* (史), e *Liu* (劉), *Fu* (傅) e *Jia*.

Na China

[Li Ziming](#) foi uma figura de destaque no movimento pela preservação desta arte.

[Beijing](#) é onde mais se encontram praticantes de Baguazhang, incluindo estudantes das linhagens de Cheng, Fan Liang, Liu, Song e Yin.

Em [Taiwan](#) a maioria dos praticantes são da linhagem ou de [Gao Yisheng](#) (Cheng), Gong Baotian (Yin), Sun Xikun (Cheng) ou Sun Lutang (Cheng).

Em [Hong Kong](#) quase todos os praticantes são da linhagem de Fu Zhensong (mista).

No Brasil

No Brasil o Mestre Liu Chih Ming, discípulo do famoso Mestre [Wang Shu Jin](#) (王樹金), representa a 4ª geração da linhagem do Baguazhang.

Em São Paulo:

O Mestre Chan Kowk Wai (陳國偉) foi aluno do Mestre Fu Yonghui (傅永輝), filho do Mestre Fu Zhensong (傅振嵩), do estilo *Fu*. Ele também aprendeu o estilo *Sun* (孫) com Yan Shang Wu (嚴尚武), que aprendeu com o famoso Mestre Gu Ru Zhang (顧汝章), aluno do Mestre Sun Lutang.

Mestre Leonardo Liu (劉龍平), discípulo do Mestre Liu Zhong Ping (劉中平), pertence à 2ª geração de Baguazhang da linhagem das três portas de jade (San Men Yu Pai: 三門玉).

Bibliografia

- Bok Nam, Park & Miller, Dan. *The Fundamentals of Pa Kua Chang: The Methods of Lu Shui-T'ien As Taught by Park Bok Nam.*, [ISBN 0-86568-173-2](#)
- Frantzis, Bruce Kumar, *The Power of Internal Martial Arts: Combat Secrets of Ba Gua, Tai Chi, and Hsing-I* [ISBN 1-55643-253-4](#)
- O'Brien, Jess, *Nei Jia Quan: Internal Martial Arts Teachers of Tai Ji Quan, Xing Yi Quan, and Ba Gua Zhang* [ISBN 1-55643-506-1](#)
- Shou-Yu, Liang, *Baguazhang : Emei Baguazhang Theory and Applications*, [ISBN 0-940871-30-0](#)
- Smith, Robert W. *Chinese Boxing*, [ISBN 1-55643-085-X](#)

Vídeos ou DVDs:

- CEMETRAC; *Arte Marcial Taoísta dos Mestres [Liu Pai Lin](#) e Liu Chih Ming*; São Paulo (Brasil): Avalon; 2006.

Tai Chi Chuan



[Yang Chengfu](#) na postura do Tai Chi conhecida como *Chicote* (Tan Pien), c. 1918

O **Tai Chi Chuan** (em [chinês](#): 太極拳 [pinyin](#): Tàijí quán) é uma [arte marcial](#) interna [chinesa](#), categoria nomeada em chinês de [nejia](#) (內家).

Este estilo de arte marcial é reconhecido também como uma forma de [meditação](#) em [movimento](#). Os princípios filosóficos do Tai Chi Chuan remetem ao [Taoísmo](#) e à [Alquimia](#) Chinesa. A relação de [Yin e Yang](#), os [Cinco Elementos](#), o [Ba Gua](#) (Oito Trigramas), o Livro das Mutações ([I Ching](#)) e o [Tao Te Ching](#) de [Lao Zi](#) são algumas das principais referências para a compreensão de seus fundamentos.

Os textos [clássicos do Tai Chi Chuan](#) escritos pelos mestres orientam a:

- Vencer o movimento através da quietude (Yi Jing Zhi Dong) 以靜制動
- Vencer a dureza através da suavidade (Yi Rou Ke Gang) 以柔克剛
- Vencer o rápido através do lento (Yi Man Sheng Kuai) 以慢勝快

O Tai Chi Chuan tem suas raízes na China, sendo atualmente uma arte praticada no mundo todo. É apreciado no [ocidente](#) especialmente por sua relação com a [meditação](#) e com a promoção da [saúde](#), oferecendo aos que vivem no ritmo veloz das grandes cidades uma referência de [tranquilidade](#) e [equilíbrio](#).

Os criadores do Tai Chi Chuan basearam sua arte na observação da [Natureza](#) - não apenas na observação dos animais, mas no estudo dos princípios da interação entre os diversos [elementos](#) naturais.

Como somos parte desta natureza, o conhecimento destes princípios e de como atuam dentro de nós, estudados pela [Medicina Tradicional Chinesa](#), revelam o [Tai Chi](#) como uma fonte efetiva de energia que encontra-se em nosso interior, situada na região do corpo nomeada pelos chineses de [Dantian](#) Médio.

Significado do termo Tai Chi Chuan

Os [ideogramas](#) que compõe a [palavra](#) Tai Chi Chuan significam:

- 太, **Tai** significa "o maior", "o mais alto", "supremo", "absoluto".
- 極 (ou 极, em chinês simplificado), **Chi** (ou *Ji*) significa, original e literalmente, a parte mais alta do telhado - "cumeeira".
- 拳, **Chuan** (ou *Quan*) significa Punho, aqui simbolizando "soco", "luta à mãos livres" (desarmadas), "boxe"



Diagrama do Tai Chi

Portanto, algumas das possíveis [traduções](#) literais de Tai Chi Chuan são: "Punho da Suprema Cumeeira", "Punho do Limite Supremo" ou simplesmente "Punho do Tai Chi". Como cada ideograma pode ter mais de um [sentido](#), há outras formas de traduzir o termo além destas.

No [Taoísmo](#), onde o Tai Chi Chuan teve sua [origem](#), a "Suprema Cumeeira", ou "Limite Absoluto" tem a conotação filosófica de "Elevação", "Sublimação", "Purificação", resultante, entre outras, do desenvolvimento de um mecanismo de defesa emocional pelo qual tendências ou sentimentos inferiores se transformam em outros que não o sejam.

O Tai Chi também simboliza o "[Cosmos](#)" e a interação, dos princípios energéticos Yin e Yang, em constante [mutação](#), sendo conhecida a sua representação pelo [Tai Chi Tu](#) (Diagrama do Tai Chi), mais conhecido no [Ocidente](#) como o "Símbolo do Yin-Yang".

Origem



Zhang Sanfeng

Encontramos diversas versões, muitas delas imersas em lendas, a respeito do surgimento desta arte. Ao longo do tempo histórias foram sendo transmitidas boca-a-boca, de pai para filho e de mestres para discípulos, alguns registros históricos foram encontrados e várias teorias foram postuladas.

Existem indicações de que, durante a [Dinastia Tang \(618-906 d.C.\)](#), um eremita chamado [Xu Xuan Ping](#) desenvolveu uma Arte chamada "Os 37 Estilos do Tai Chi", também chamada de Chang Chuan (Punho Longo) ou Chang Kiang (Rio Longo). Por volta da mesma época, um monge taoista chamado [Li Dao Zi](#) praticava uma Arte denominada "Punho Longo Primordial", semelhante aos 37 Estilos do Tai Chi.

Muitas das posturas dessas duas Artes tem nomes semelhantes aos das atuais posturas do Tai Chi Chuan.

O texto Guan Jing Wu Hui Fa (Método para se Alcançar o Esclarecimento através da Observação da Escrita), escrito por [Cheng Ling Xi](#) na época da [Dinastia Liang \(907-923 d.C.\)](#), no [Período das Cinco Dinastias e dos Dez Reinos](#), é o documento mais antigo já encontrado a usar o termo Tai Chi Chuan. Cheng Ling Xi foi discípulo de [Han Gong Yue](#), que lhe ensinou sua Arte, chamada "Os 14 Estilos do Treinamento do Tai Chi".

[Chang San Feng \(1247-?\)](#), que então vivia num templo taoista do Monte [Wudang](#), já teria desenvolvido uma Arte conhecida como "Os 32 Estilos do Punho Longo de Wudang" e, posteriormente, criou "As 13 Posturas do Tai Chi", após observar uma luta entre um pássaro (grou) e uma cobra, quando constatou que a flexibilidade se sobrepuja à rigidez, compreendeu a prática da alternância entre o Yin e o Yang, e outras concepções da natureza, que se constituem na base do que depois passou a ser chamado de Tai Chi Chuan.

O sucessor de Chang Sangfeng foi o também monge taoista [Taiyi Zhenren](#), que, no final da [Dinastia Ming](#), difundiu a Arte entre os discípulos do Monte Wudang. Entre esses discípulos encontrava-se outro monge, de nome [Ma Yun Cheng](#). Ma Yun Cheng transmitiu a Arte para vários discípulos célebres, entre eles [Mi Deng Xia](#) e [Guo Ji Yuan](#), popularmente conhecidos como "os dois Santos", e [Wang Zhong Yue](#), que denominou essa Arte de "Wudang Tai Chi Chuan" e escreveu o "Tratado de Tai Chi Chuan", um dos [Clássicos do Tai Chi Chuan](#). Wang Zhong Yue transmitiu o Tai Chi Chuan ao famoso Mestre [Zhang Song Xi](#), que depois o ensinou a [Dan Si Nan](#), que veio a ter como discípulo [Wang Zheng Nan](#), que se referia à Arte de Wudang como uma arte interior, distinta das Artes de Shaolin, que ele chamava de arte exterior.

É sabido que Wang Zhong Yue, ou Zhang Song Xi, ensinou o Tai Chi Chuan para membros da família Chen, no povoado de Chenjia Gou, contudo, a família Chen nega, afirmando que o Tai Chi Chuan foi criado por um ancestral da 9ª geração da família, chamado [Chen Wangting \(1600-1680\)](#), criador do [estilo Chen de Tai Chi](#), que ganhou grande projeção e está na raiz da origem dos estilos praticados pelas outras linhagens/famílias.

Estilos

São cinco os estilos de Tai Chi Chuan reconhecidos como tradicionais pela comunidade internacional, cada um deles recebeu o nome da família chinesa que o criou, desenvolveu e transmitiu. Todos tem a mesma essência e seguem os mesmos princípios básicos, diferindo na forma.

Por ordem cronológica:

- [Tai Chi Chuan estilo Chen](#) (陳氏)
- [Tai Chi Chuan estilo Yang](#) (楊氏)
- [Tai Chi Chuan estilo Wu/Hao](#) (武氏)
- [Tai Chi Chuan estilo Wu](#) (吳氏)
- [Tai Chi Chuan estilo Sun](#) (孫氏)

Ordenados por sua popularidade, considerando o número de praticantes, teríamos: Yang, Wu, Chen, Sun e Wu/Hao.

Atualmente encontramos referências a diversos outros estilos. Alguns deles são estilos híbridos ou derivados destes cinco estilos tradicionais. Outros alegam ter sido praticados em segredo dentro de outras famílias ou em mosteiros a partir das referências milenares taoístas que deram origem a esta prática, tornando-se de conhecimento aberto ao público há menos tempo.

Entre estes exemplos se inclui o [estilo Wudang](#), referência ampla à prática de Tai Chi Chuan realizada ainda hoje nos templos da montanha de Wudang (não confundir com o estilo contemporâneo que tomou para si o nome de [Tai Chi Chuan de Wudang](#)).

Há também o que poderíamos chamar de [Tai Chi Chuan estilo de Pequim](#), composto por Formas padronizadas pelo Governo Chinês, através do Comitê Nacional de Esportes da

China, desenvolvidas exclusivamente para fins terapêuticos e esportivos. Hoje em dia muito popular não apenas na China mas em todo o mundo.

As treze posturas fundamentais

Enquanto arte marcial, o Tai Chi Chuan se baseia em treze conceitos fundamentais (*Shi San Shi* 十三勢). Estas posturas/movimentos podem ser reconhecidos nas diversas formas praticadas pelos diferentes estilos. Cada escola interpreta estes conceitos com pequenas variações. São conhecidas como *As Oito Portas e os Cinco Passos* 八門 五步, em chinês são denominadas: *Peng, Lu, Ji, An, Cai, Lie, Zhou, Cao, Jin, Tui, Gu, Pan e Ding*.

As Oito Portas (Bā mén) se associam às oito direções representadas pelos oito trigramas do [Pa Kua](#) ([py](#) bā guà 八卦), elementos básicos na constituição do [I Ching](#) ([py](#) Yijing 易经).

- Os quatro lados (*Si zheng* 四正)

Péng 棚 (aparar)

Lù 履 (desviar)

Jī 擠 (pressionar)

Àn 按 (empurrar)

- Os quatro cantos (*Si yu* 四隅)

Cǎi 採 (colher e puxar)

Liè 掇 (colher e quebrar)

Zhǒu 肘 (golpe de cotovelo)

Kào 靠 (golpe de ombro)

Os cinco passos (*Wǔ bù*) 五步 podem ser relacionados aos [Cinco Elementos](#) cósmicos (五行 [py](#) wǔ xíng) que fundamentam a medicina tradicional chinesa: madeira, fogo, terra, metal e água (木, 火, 土, 金, 水).

Jìn bù 進步 (avançar)

Tuì bù 退步 (recuar)

Zǔo gù 左顧 (olhar à esquerda)

Yòu pàn 右盼 (olhar à direita)

Zhōng dìng 中定 (equilíbrio central)

Os dez princípios essenciais

Conforme Yang Chengfu:

1. Suspender a cabeça pelo topo com leveza e sensibilidade [Xu Ling Ding Jin]
2. Esvaziar o peito [Han Xiong] e alongar as costas [Ba Bei]
3. Relaxar a cintura [Song Yao]

4. Distinguir entre o cheio e o vazio [Fen Xu Xhi]
5. Relaxar os ombros [Chen Jia] e soltar os cotovelos [Zhui Zhou]
6. Usar a mente e não a força muscular [Yong Yi Bu Yong Li]
7. Interligar os movimentos da parte superior e inferior do corpo [Shang Xia Xiang Sui]
8. Unir o interior e o exterior [Nei Wai Ziang He]
9. Mover-se com continuidade, sem rupturas [Xiang Liau Bu Duau]
10. Buscar a quietude dentro do movimento [Dong Zhing Qiu Jing]

Arte marcial, esporte ou prática para a saúde?



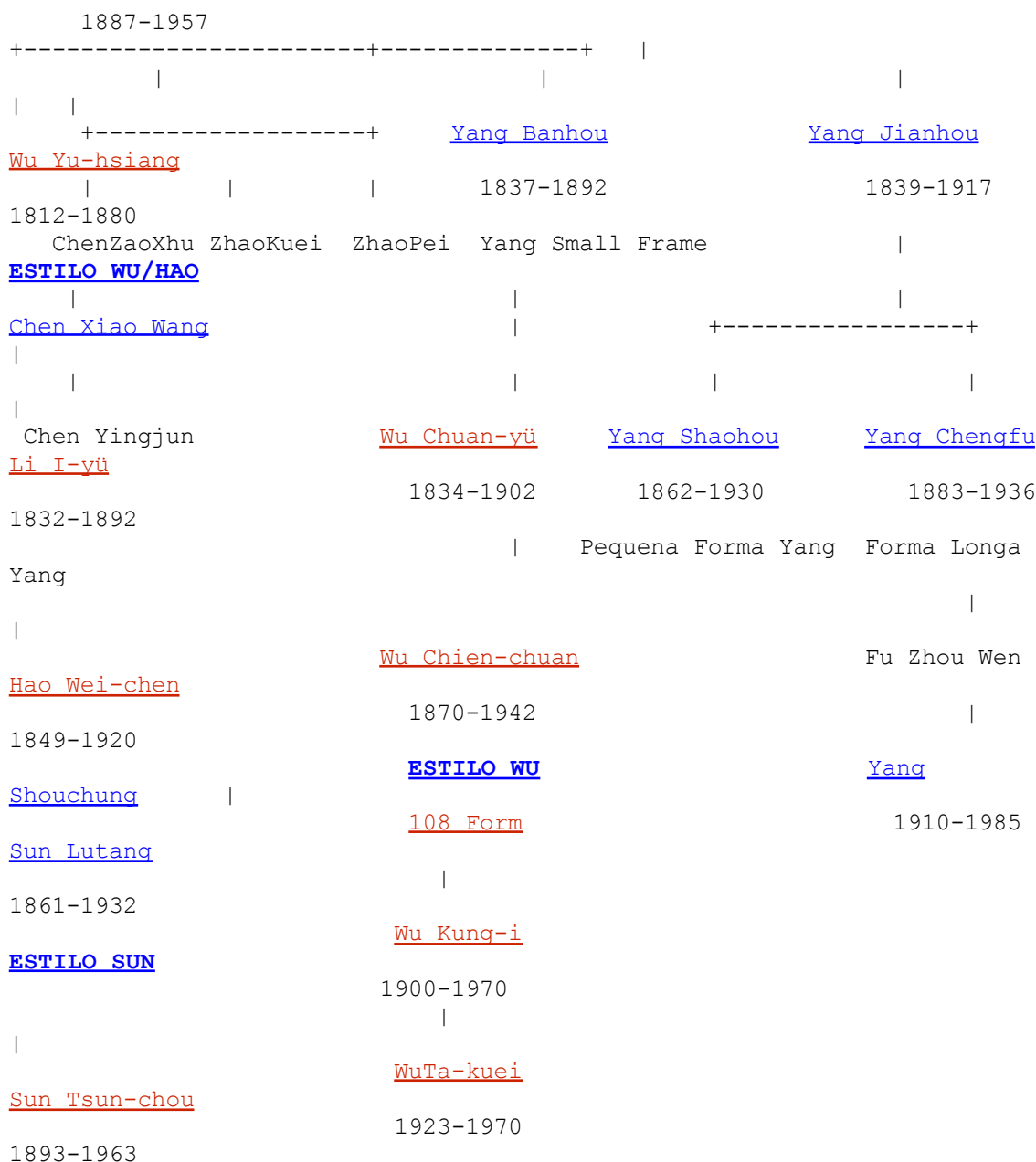
O Tai Chi Chuan é praticado atualmente em escala mundial

O Tai Chi Chuan já foi concebido e se desenvolveu na antiguidade como uma forma avançada e eficaz de combate: a função de guarda costas foi exercida por diversos praticantes da família Chen; instrutores da família Yang deram aulas para a guarda imperial e posteriormente para o exército republicano chinês. Sua aplicação como [arte marcial](#) acontece através do uso de movimentos circulares e contínuos que acompanham e complementam os movimentos do adversário de um modo similar ao ilustrado pelo símbolo do [Tai Chi](#).

Ao definir o [Wushu](#) (o termo chinês para arte marcial), [Jet Li](#), famoso artista marcial e ator, comenta que: *Com o advento da tecnologia você tem armas, canhões, bombas nucleares e outras armas avançadas. Aprender wushu não serve mais ao objetivo de lutar corpo a corpo contra tigres, invasores etc.. Hoje, se você mata ou aleija alguém com um movimento impressionante de wushu aprendido com dez anos de um programa intensivo de treinamento, isso não vai te ajudar a sobreviver. A polícia vai te prender por assassinato, a sociedade vai te rejeitar, e a coisa toda teria sido feita muito mais rapidamente puxando o gatilho de uma pistola com um silenciador. Agora, a sociedade valoriza a prática e exibição do wushu de formas diferentes.* Ele conclui dizendo que, na sua opinião, a melhor razão de todas para realizar estas práticas: *é que ele permite que a pessoa exercite o seu corpo e melhore a sua saúde.*

(nota: a origem destas citações é o Artigo DEFINIÇÃO DE WUSHU por Jet Li (disponível em inglês em www.jetli.com), conforme a tradução disponível no Portal do Kung Fu - link abaixo, entre as páginas externas)

O próprio símbolo do [yin/yang](#), conhecido também como diagrama do Tai Chi, é a melhor metáfora para refletir sobre quaisquer posturas que se apresentem como polos opostos em uma discussão.



FORMAS MODERNAS

Comissão de Esportes Chinesa (1956)

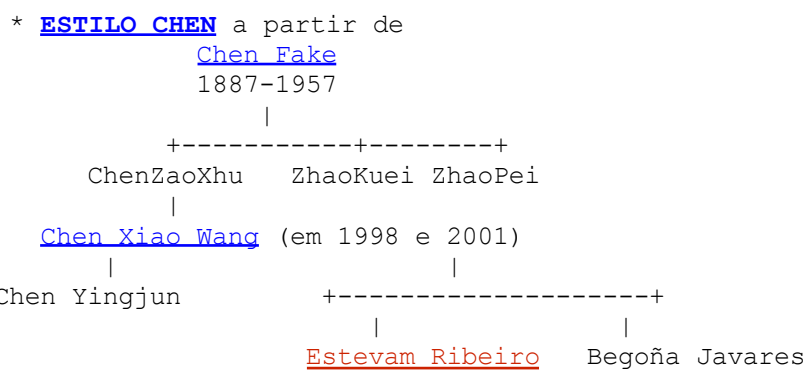
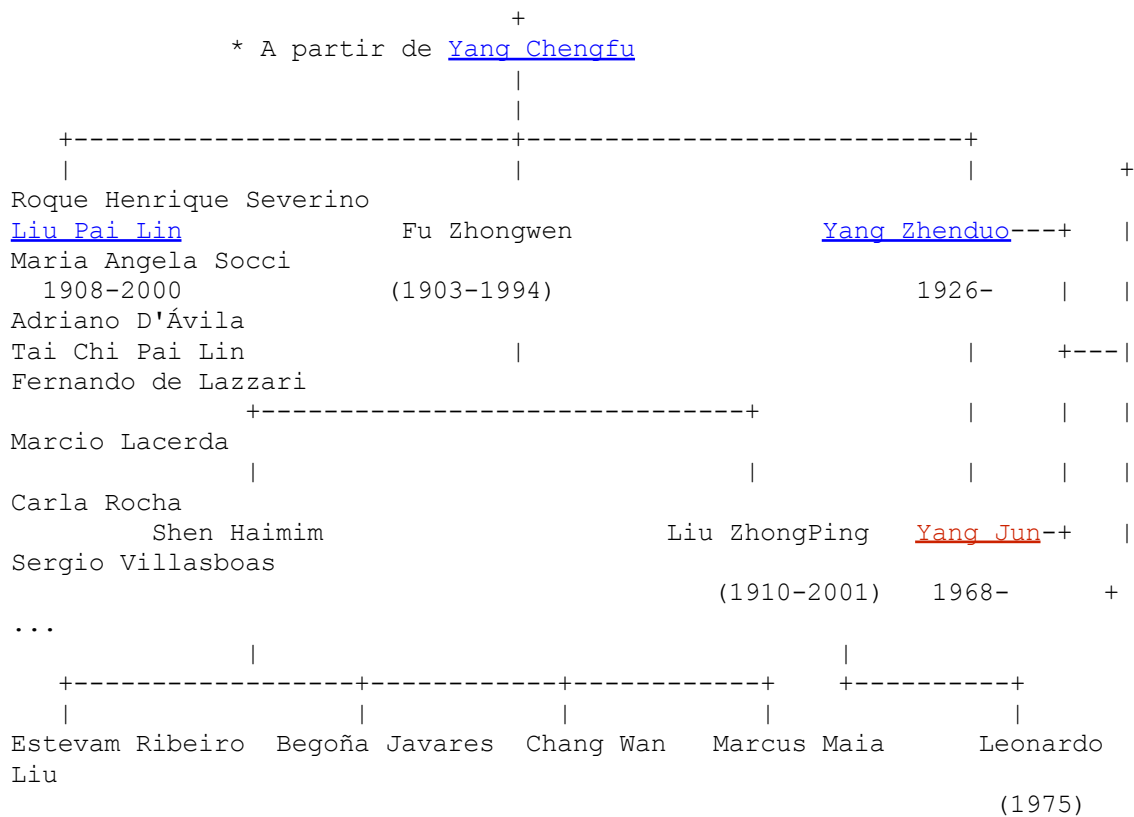
[Forma de Beijing](#) de 24 Posturas e outras

· [Cheng Man-ching](#) (1901-1975) Forma Curta de 37 posturas

Notas sobre a tabela

A indicação “personagens quase lendários” significa aqui que a sua participação na linhagem, embora aceite pela maioria dos estilos, não tem como ser verificada a partir de registros históricos conhecidos de forma independente (o que não significa que não tenham existido).

As formas curtas de Cheng Man-ching e da Chinese Sports Commission, embora se proclamem derivadas das formas da família Yang, não são reconhecidas como Tai Chi Chuan estilo Yang pelos Mestres desta família.



Bibliografia

- CARVALHO, Nilson; *Exercícios de Saúde Física, Mental e Técnica Marcial*; São Paulo: Ed.Escala, 2003.
- CHENG, Wu-jyh; *Tai Chi Chuan: A Alquimia do Movimento*; Rio de Janeiro (Brasil); Editora Objetivo; 1989.
- DESPEUX, Catherine; *[Taiji Quan: Art martial - Technique de longue vie] Tai Chi Chuan: Arte marcial - Técnica de longa vida*; São Paulo (Brasil); Editora Pensamento; [1981] 1987.
- HUANG, Al Chung-liang; *[Embrace Tiger, Return to Mountain - The Essence of T'ai Chi] Expansão e Recolhimento - A Essência do Tai Chi*; São Paulo (Brasil): Summus Editorial; [1981] 1987.

- LIAO, Way Sun *Clássicos do T'ai Chi*; Tradução e comentários; São Paulo (Brasil): Ed. Pensamento, 1990.
- LIU, Da. *Tai Chi Chuan e I Ching*. 10.ed. São Paulo: Pensamento, 1997.
- LIU, Da. *Tai Chi Chuan e meditação*. 10.ed. São Paulo: Pensamento, 1995.
- NATALI, Marcos. *Técnicas básicas do Tai Chi Chuan*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.
- KIT, Wong K. *O livro completo do Tai Chi Chuan*. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1996.

- LEE, Maria Lucia; *Tai Chi Chuan: Movimento, Saúde, Longevidade*; São Paulo (Brasil): Tapiri Vídeo; 1989. (Vídeo)